

# teatro da juventude

**Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria da Cultura**



Ano 4 - Número 26 - Outubro de 1999



# Teatro da Juventude



**Governo do Estado de São Paulo**  
**Secretaria da Cultura**



# Secretaria de Estado da Cultura

## Governo do Estado de São Paulo

### Mário Covas

**Secretário de Estado da Cultura:** Marcos Mendonça  
**Assessoria de Artes Cênicas:** Analy Alvarez



## Teatro da Juventude

Ano 4 - número 26 - Outubro de 1999

- Supervisão geral:** Tatiana Belinky  
**Editora:** Erné Vaz Fregni  
**Revisão:** Eliana Rocha  
**Produção:** Glória Inês Barbosa dos Santos  
**Editoração eletrônica:** Peter Kompier  
**Consultoria:** Prof. Milton Andrade  
**Capa:** Flávio Império (in memoriam.)  
**Impressão:** Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp  
**Tiragem:** 7 mil exemplares  
**Distribuição:** gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

### Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar, Sala 301 - Praça Júlio Prestes - São Paulo - SP - CEP 01028-907

“Nã o se pode ensinar coisa alguma a algué m; pode-se apenas auxiliar a descobrir por si mesmo”, disse o mestre Galileu. Acreditamos ser essa a função da TEATRO DA JUVENTUDE – auxiliar o jovem a descobrir por si mesmo.

Nessa retrospectiva que estamos fazendo, dos “500 Anos de Dramaturgia Brasileira”, as peças publicadas se apresentam como o registro mais completo do período, tanto no aspecto social, como no cultural e econômico.

Para esta edição, representativa das primeiras décadas do século XX, as peças selecionadas são: *Flores de sombra*, de Cláudio de Souza, *Onde canta o sabiá*, de Gastão Tojeiro, e *A casa fechada*, de Roberto Gomes. As duas primeiras são comédias e a última um drama. Embora sua estrutura dramática ainda não seja primorosa, de acordo com Alberto Guzik, um dos nossos mais representativos críticos de teatro atual, e quem assina a seção *Apresentação* desta edição, “as três peças preservam, como instantâneos em um álbum de fotos de família, imagens de um modo de viver e ver o mundo que, hoje, não temos modo melhor de conhecer.

O jovem, portanto, ao conhecer as peças, cujas temáticas são ingênuas e desprezenciosas, será, inadvertidamente, inserido por inteiro no centro da problemática da época, vivendo seus prazeres, conflitos, ideologias e perspectivas. Estará assim, descobrindo por si mesmo, muitas coisas que, por vezes, uma simples aula didática, não consegue transmitir.

Boa viagem no tempo para você.

Erné Vaz Fregni

## PARABÉNS À TEATRO DA JUVENTUDE

Foi com grande prazer que soube que a revista TEATRO DA JUVENTUDE voltou a ser publicada após anos de inatividade. Meus parabéns! Gostei muito da peça infantil publicada na edição de outubro de 98 intitulada "Apolo & As super gatinhas" de Hermes Altemani e Nery Gomide. De uma maneira simples e direta a peça nos transporta ao mundo animal com muita sensibilidade, como raras vezes tenho visto. Mais uma vez meus parabéns, desejo vida longa a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Precisamos de iniciativas deste porte.

José Augusto de Carvalho  
Mogi Mirim – SP

## TEATRO DA JUVENTUDE CHEGA EM MATO GROSSO

Venho solicitar alguns exemplares e, se possível, inclusão no mailing ou assinatura da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Conheci a publicação através de um amigo e ator, proprietário da Livraria Cena Brasileira, em São Paulo. Moro no interior de Mato Grosso, onde leciono Literatura e Redação para alunos do 2º grau, cursinho pré-vestibular e universidade. Fiz curso de Teatro, por meio desta Secretaria quando morei em São Paulo e participei de um grupo amador. Estamos compondo um grupo de teatro na escola onde leciono e, possivelmente, um grupo amador para difundir as arte cênicas naquela região. Tenho certeza que a revista será de bastante valia para mim e para meus alunos, principalmente considerando que vivemos numa região muito carente de materiais culturais e informações técnicas sobre o segmento artístico. Na esperança de sensibilizar V.Sa. com meu pedido,

agradeço a atenção e aguardo uma resposta.

Paulo Sérgio Marques – professor  
Sinop – Mato Grosso

*Resp.: Ficamos felizes pela TEATRO DA JUVENTUDE estar sendo útil também em seu Estado. Estamos providenciando o envio das revistas.*

## SOLICITAÇÃO DA TEATRO DA JUVENTUDE

Vimos por meio desta, solicitar-lhes a doação de um ou de quantos exemplares for possível TEATRO DA JUVENTUDE. Temos aulas normais e extra-curriculares na escola e será de grande utilidade para nossos professores e alunos de teatro. Temos, inclusive, agendada a vinda de outros grupos teatrais de escolas para exibição em nosso colégio. Existe um intercâmbio muito grande entre algumas escolas para a disseminação desta atividade cultural. Gostaríamos, se possível, receber sempre a revista e, para tanto, saber como proceder. Agradecemos a atenção, nos colocando à disposição para quaisquer contatos.

Marilucia Bernardi – bibliotecária  
Sociedade Civil Irmãs da Santa Cruz  
Colégio Santa Maria  
São Paulo - SP

Sou aluna do curso de Teatro do Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos, da cidade de Tatuí e faço parte de um grupo de teatro amador na minha cidade. Tomei conhecimento da TEATRO DA JUVENTUDE e gostei muito. Como pretendo futuramente trabalhar com teatro infantil, gostaria, se possível, de receber exemplares, tanto antigos, quanto novos dessa excelente revista. Para isso,

solicito que me informem se receberei pelo correio ou se devo retirar no local. Muito obrigada pela atenção.

Marly Miqueline – estudante  
Botucatu – São Paulo

Nós do *Teatro Jucrest* (Jovens Unidos Com Cristo), vimos por meio desta solicitar o envio dos números atrasados da revista *TEATRO DA JUVENTUDE*. Somos um grupo que há 10 anos, vem realizando os mais diversos trabalhos teatrais (peças, músicas, declamações entre outros) e, com certeza, a revista só viria somar-se aos nossos projetos. Atualmente (junho) estamos realizando o projeto *Teatro Sem Fome*, que visa atender com os alimentos arrecadados os flagelados da fome.

Aproveito a oportunidade para parabenizar a equipe da revista, que realiza um trabalho realmente fantástico.

Jerryer Nuñez  
Teatro Jucrest  
S. José do Rio Preto - SP

É com muita satisfação que estou lhes escrevendo, depois de muito tentar descobrir o vosso novo endereço. Tive o prazer de conhecer essa maravilhosa revista com uma professora de teatro que veio dar um curso aqui na minha cidade. Vocês não podem imaginar o quanto essa revista me ajudou e ainda ajuda. Mas eu tenho apenas as edições de 1997. Faço teatro há quase dois anos e só Deus sabe o quanto aprendi nesse tempo. Quando comecei, não tinha noção alguma de como seria, tudo foi movido pela paixão que eu nutria pelo teatro. Eu escrevo texto, dirigo e atuo. Vocês sabem que, em teatro amador, o trabalho é muito grande. Como quem participa sempre é iniciante, a gente tem que fazer figurino, maquiagem, ajudar escolher fundo musical, cenário, iluminação, etc... Mas, como diz o ditado:

“o que é de gosto, regala a vida”. Estou escrevendo para pedir exemplares desse tesouro que é a *TEATRO DA JUVENTUDE* e também para pedir uma informação: eu adoro escrever, (já fiz vários textos) e gostaria muito de aperfeiçoar. Sei que é preciso fazer algum curso ou ter contato com quem escreve. Como moro no interior, não consigo esse tipo de informação. Ficarei aguardando ansiosa uma resposta de vocês e as revistas, pois aqui é muito difícil a gente conseguir esse tipo de material. Para falar a verdade, tudo que se diz em relação à arte aqui é difícil, sendo que a gente tem até que gastar para poder atuar. Mesmo assim vamos participar do Mapa Cultural. Sem mais, agradeço!

Hosana C. Xavier - atriz  
Cia. Teatral Resplendor  
Monte Alto - SP

*Resp.: Cara Hosana, as informações sobre cursos de dramaturgia voltados para o texto, podem ser obtidas nas Delegacias Regionais de Cultura da sua região. Em São Paulo, o Semda - Seminário de Dramaturgia do Arena - ministrado pelo mestre Chico de Assis, já formou alguns bons autores como Noemi Marinho, Analy Alvarez e outros. O seminário acontece há dez anos no piso superior do Teatro Eugênio Kusnet (rua Teodoro Baima, 94. Tel.: 256-9463) todas as 3as. feiras às 20 horas e é gratuito. É só chegar, se apresentar e ir ficando. Como o Chico de Assis frequentemente é convidado para workshops, palestras etc., até mesmo fora do país, antes de aparecer para a primeira aula é bom confirmar na própria Secretaria (11) 222-6971 / 220-8125 (Depto. de Artes Cênicas), que temos como verificar. Quanto às revistas, veja resposta geral no final da seção.*

Sou professora de 1ª a 4ª série e sempre adorei teatro. Tenho trabalhado artes

cênicas com meus alunos e notado que esta prática faz com eles desenvolvam mais o aspecto crítico participativo, oral e muitos outros. Conheci a TEATRO DA JUVENTUDE por uma amiga e gostaria muito, muito mesmo de receber os números do 1 ao 10 e continuar recebendo também as novas publicações. Isso será de grande importância para que eu possa desenvolver o meu trabalho com mais perfeição. A TEATRO DA JUVENTUDE fará com que o teatro chegue mais perto das pessoas que carecem de cultura e informação. Antecipadamente lhes agradeço.

Cristina Aparecida S. de Oliveira – professora  
E.M.E.I.P.G “Dona Maria Luiza Malzoni Rocha  
Leite - Rincão – SP

A Direção da EMEF “Prof. Avelino Pereira” de Cerqueira César, vem por meio desta solicitar a V. Sa. as edições da revista TEATRO DA JUVENTUDE, para fazer parte do acervo de nossa Biblioteca a fim de possibilitar maior aprendizado da cultura teatral dos seus alunos.

Sem mais para o momento, agradecemos.

Aparecida de C. Murakami – diretora  
EMEF “Prof. Avelino Pereira”  
Cerqueira César – SP

A Coordenadoria Municipal de Educação e Cultura, vem por meio desta solicitar de V. Sa. as edições da revista TEATRO DA JUVENTUDE, a fim de termos presente em nossa Biblioteca Municipal para o maior aprendizado da cultura teatral de nossos jovens cerqueirenses. Sem mais para o momento, agradecemos desde já.

Jeová Gomes de Araújo – coordenador da  
educação e cultura - Coordenadoria Municipal  
de Educação e Cultura - Cerqueira César – SP

Meu maior sonho é ser ator. Conheci a

revista por meio de um livro que li na minha cidade. Queria que vocês me mandassem um exemplar da revista TEATRO DA JUVENTUDE. Já participei de algumas peças, e quero fazer muitas mais porém, para continuar, preciso da revista.

Diego de Camargo - estudante  
São João da Boa Vista – SP

Conclui o curso de formação de atores no Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos Campos”, de Tatuí, onde participei de inúmeras montagens como ator, iluminador e contra-regra. Atualmente trabalho no grupo Cia e Cia, em Sorocaba, e pretendo formar um grupo na região de Tatuí com pessoas formadas no Conservatório. Sempre tive contato com exemplares da TEATRO DA JUVENTUDE por meio de amigos e bibliotecas. Tendo iniciado um trabalho de pesquisa para futura montagem, pensamos ser necessário ter em mãos os exemplares da revista que nos dão boa base experimental para enriquecermos nosso trabalho.

Daniel Medeiros de Andrade – ator  
Grupo Cia e Cia  
Tatuí - SP

A direção da EMEIEF em Cerqueira César, vem por meio desta solicitar de V. Sa. as edições da TEATRO DA JUVENTUDE, para fazer parte do acervo de nossa biblioteca para maior aprendizado da cultura teatral dos alunos.

Carmem Lúcia do N. Batista – diretor  
EMEIEF “Prof. Maria José França Nogueira”  
Cerqueira César - SP

*Resp. para todas as solicitações: As revistas podem ser retiradas na própria Secretaria, no Depto. de Artes Cênicas (3º andar) ou nas Delegacias Regionais de Cultura mais*



próxima. Maiores informações com Glória  
Inês. Tel.: (0 XX 11) 222-6971 / Telefax.:  
(0 XX 11) 220-8125.

## **SOLICITAÇÃO TEATRO DA JUVENTUDE POR FORMULÁRIO PUBLICADO NO FINAL DA REVISTA**

Georgette Silene Ap. de Souza  
Cia. De Teatro Vagamundos  
Caçapava – SP

Sonia Regina Lamelini  
Creche e Berçário “Criança Feliz”  
Botucatu – SP

Oswaldo Xavier / Hosana C. Xavier  
Cia. Teatral Resplendor  
Monte Alto - SP

### **ESCREVA PARA CARTAS**

*A seção Cartas é um canal direto entre você e a Teatro da Juventude. Comunique-se – por carta ou fax – enviando sugestões, dúvidas, opiniões, críticas e informações.*

#### **O ENDEREÇO É:**

**Secretaria do Estado da Cultura  
Revista Teatro da Juventude  
RUA MAUÁ, 51, 3º andar  
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP  
CEP 01028-907**

**Tel.: (0 XX 11) 222-6971 / Tel-fax.: (0 XX 11) 220-8125.**



# APRESENTAÇÃO

<b>TEXTOS À MODA ANTIGA .....</b>	<b>12</b>
Alberto Guzik	

# TEXTOS

<b>A CASA FECHADA .....</b>	<b>15</b>
Roberto Gomes	

<b>ONDE CANTA O SABIÁ... ..</b>	<b>27</b>
Gastão Tojeiro	

<b>FLORES DE SOMBRA .....</b>	<b>75</b>
Claudio de Souza	

# TEXTOS À MODA ANTIGA

Roberto Gomes, Gastão Tojeiro e Cláudio de Souza revelam, em suas peças, o perfil do teatro das primeiras décadas do século XX. Os textos preservam imagens de um modo de viver e ver o mundo que hoje não temos modo melhor de conhecer.

Alberto Guzik\*

As três peças reunidas nesta antologia estão longe de figurar entre as obras-primas do teatro brasileiro. *A casa fechada*, de Roberto Gomes, *Onde canta o sabiá*, de Gastão Tojeiro, e *Flores de sombra*, de Cláudio de Souza, são textos que exibem evidentes limitações tanto na carpintaria quanto nas tramas e nas mensagens que veiculam. Por que, então, publicá-las? Haverá algum motivo para que se empreenda algum esforço para manter vivas essas frágeis facetas de nossa memória teatral?

Sim, há. E é tão simples quanto irrefutável. Tanto por suas qualidades, pois as três obras as possuem, quanto por suas limitações, são peças relevantes, que remetem o leitor para um mundo extinto, o do Brasil das primeiras décadas do século que agora se acaba. São comédias e dramas que revelam com muita exatidão, quer pelas fábulas narradas, quer pelas convenções teatrais que implicam, o perfil de um teatro, hoje desaparecido, regido por convenções completamente superadas. Tornou-se esse um teatro de “época”, está datado. Tem para o leitor de 1999 o mesmo gosto que o de Martins Pena. Apesar de a estrutura dramática ser muitas vezes simplista ou falha e o traçado das personagens, raso, *Flores de sombra*, *Onde canta o sabiá* e *A casa fechada* preservam, como instantâneos em um álbum de fotos de família, imagens de um modo de viver e ver o mundo que, hoje, não temos modo melhor de conhecer. Para um historiador brasileiro, Sílvio Romero, se não falha a memória, as peças de Martins Pena seriam

suficientes, ainda que não houvesse restado nenhum outro documento do período, para que se reconstituísse a vida no Rio de Janeiro do início do século XIX, pois todos os temas importantes estavam retratados nelas, bem como os personagens e seus hábitos.

O mesmo vale para a dramaturgia brasileira de Roberto Gomes, João do Rio, Gastão Tojeiro, Cláudio de Souza, Armando Gonzaga e outros artesãos que escreveram para o palco nas primeiras décadas do século XX. Alguns dos grandes sucessos do teatro brasileiro de há setenta ou oitenta anos saíram das penas desses senhores.

Tojeiro e Gonzaga, sobretudo, foram prolíficos autores que mantiveram acesa a tradição da comédia de costumes, uma das mais autênticas do teatro brasileiro, inaugurada justamente por Martins Pena.

Das três peças enfeitadas neste volume de *TEATRO DA JUVENTUDE*, a mais frágil, sem dúvida, tanto do ponto de vista da carpintaria quanto do tom, excessivamente sentimental, é *Flores de sombra*, um dos grandes sucessos de Leopoldo Fróes, antecessor, modelo e rival de Procópio Ferreira. A peça, estreada em São Paulo em dezembro de 1916, é uma alentada e palavrosa comédia em que prevalecem os valores interioranos, puros e diretos, contra a futilidade metropolitana. Henrique, que volta à fazenda onde nasceu e cresceu, desaponta a mãe, Dona Cristina, quando aparece trazendo a noiva, Cecília, filha de ministro, mais sua mãe, Madame

**“Alguns dos grandes sucessos do teatro brasileiro de há 70 ou 80 anos saíram da pena desses autores.”**

Cardoso, e Oswald, amigo das duas. A digna fazendeira desejava que ele se casasse com a fiel Rosinha, namorada de infância que esperou, paciente, a volta do filho pródigo. Ao longo da peça, a jovem apagada do interior irá competir com a brilhante garota cosmopolita pelo coração do rapaz. A questão é saber se este poderá escapar da influência maléfica da grande cidade, que envenena.

O humor da peça fica por conta de dois tipos, o político corrupto, coronel Ferraz, que alista mortos como eleitores, e o empregado Possidônio, que fala a toda hora uma palavra estropiada em francês. Soma-se ao convencionalismo da carpintaria, o da trama. As personagens carecem de brilho, de vida genuína, são máscaras que o autor movimenta sem muita habilidade. Apesar disso, por sua absoluta fidelidade ao lugar-comum do repertório teatral e pela decidida adesão à sentimentalidade do tipo mais meloso, atraiu grande público. Cláudio de Souza sacrificou as ambições dramáticas, e há algumas tentativas de aprofundamento do tema ao longo da peça que indicam que ele as teve, no altar da comunicação fácil com a platéia.

Desse mal nunca padeceu Gastão Tojeiro, que escreveu *Onde canta o sabiá* para o mesmo galã que deu vida ao Henrique de *Flores de sombra*, Leopoldo Fróes, que a estreou em seu quartel-general, o Teatro Trianon, no Rio, em 1921. Embora gire ao redor de uma trama que quase copia a da peça de Souza, o *Sabiá* de Tojeiro tem uma eficácia cômica indiscutivelmente maior. Não se prende ao sentimentalismo. O humor brota de uma visão menos romantizada da realidade. E, se Elvídio, que chega de Paris renegando o Brasil, que passará a amar quando se apaixonar pela bela e inteligente Nair, está no centro da ação, o humor está disseminado pelas personagens secundárias, como o militar Basílio, que tem um tique nervoso, o ferroviário Antônio, que namora a espevitada criada Marcelina, Justino, o pai de família bonachão. A comicidade bem trabalhada, uma característica que Tojeiro transmitiria a outros textos seus, entre eles *O simpático Jeremias*, que seria um grande êxito de Procópio, garante a *Onde canta*

*o sabiá* uma sobrevida que a maior parte dos textos seus contemporâneos não conheceu. A peça, montada no início dos anos 60 inicialmente no Rio, por Paulo Afonso Grisolli, com Marília Pêra e Gracindo Júnior, e mais tarde em São Paulo, por Walmor Chagas, que personificou Elvídio ao lado de Lillian Lemmert, mostrou-se extremamente eficaz.

A terceira peça da trilogia, *A casa fechada*, de Roberto Gomes, destoa das demais pelo tom intensamente dramático. Gomes, gay, sensibilidade européia, decadentista e mórbida, que se suicidou aos quarenta anos, no Natal de 1922, foi um dramaturgo genuíno, capaz de impregnar seu teatro de poesia. Se não fez mais e melhor, foi por falta de tempo, não de talento. *O canto sem palavras*, estreado em 1912, é um dos melhores textos de seu tempo, talvez o melhor, pela sutileza do quadro psicológico, pela delicadeza com que mostra a paixão sem futuro do maduro Maurício pela jovem e bela Queridinha. *A casa fechada*, peça em um ato

**“Em Flores de Sombra prevalecem os valores interioranos, puros e diretos, contra a futilidade metropolitana.”**

encontrada depois da morte do autor, tem menos grandeza. Nem por isso é desinteressante. Ao contrário. Sua estrutura é fascinante. São cenas breves que unem personagens de uma pequena cidade, reunidos na praça em frente ao Correio. Dali se pode ver a casa fechada do título, em que ocorreu um drama na noite anterior.

Maria das Dores, mãe de família, foi surpreendida pelo marido com o amante, que conseguiu fugir. A história, bem como seus desdobramentos, é narrada ao público pelos habitantes que se reúnem junto do Correio à medida que o dia chega ao fim. Aguarda-se o desfecho do drama. Que acontecerá com a mulher? Pelas conversas entre as mulheres, o mendigo, o delegado, o boticário, o barbeiro, o drama avança, sem que nunca o público tenha certeza dos fatos. É informado apenas de seus reflexos. Enfim, pouco antes de fechar-se o pano, Maria das Dores sai da casa fechada, envolta num xale, carregando uma trouxa, rumo à estação de trens. Lá, apita o comboio que a levará para longe, impedida para sempre de voltar para rever os filhos, segundo dizem os fofoqueiros da pequena cidade. Roberto Gomes

era de fato um poeta. Uma grande promessa cortada muito cedo. O teatro brasileiro é pródigo em histórias semelhantes.

Nem a sutileza dramática de Gomes nem as experiências de Renato Vianna e Álvaro Moreyra vingaram no palco. E, num tempo em que o teatro no mundo era sacudido por revoluções estéticas (o futurismo, o expressionismo, os ismos todos das vanguardas, as pesquisas radicais de Meyerhold, de Piscator, de Gordon Craig, entre dezenas de outros), aqui nosso palco dividia-se entre o teatro musicado e a comédia de costumes. Era um reino

de faz-de-conta que teria de esperar os anos 40 para ser estilhaçado por *Vestido de noiva*, texto de um carioca da gema nascido no Recife, Nelson Rodrigues, que teve cenografia desenhada por um artista plástico genial, Santa Rosa, e foi dirigida por um criador poderoso, exilado da Polônia invadida pelos nazistas, Zbigniew Ziembinski. Mas essa é uma outra história.

---

\* Alberto Guzik, jornalista e dramaturgo, é um dos principais críticos teatrais de nosso tempo.

# A CASA FECHADA

Roberto Gomes

## PERSONAGENS:

A Mãe  
O Filho  
A Agente do Correio  
Dona Sinfonia  
Ritoca  
O Boticário  
O Barbeiro  
O Acendedor de Lampiões  
Joaquim Aguaceiro  
O Mendigo  
O Delegado  
O Moleque Jenipapo  
Um Pescador  
Uma Criança

## ATO ÚNICO

*(Uma rua tristonha, numa cidade do interior. Uma lagoa reluz ao longe. Ao fundo, à extrema direita, uma casinha de duas janelas, separada da rua por um pequeno jardim. A casa está completamente fechada. No primeiro plano, à esquerda, a entrada do Correio. Perto da porta, um banco. No centro, ao fundo, um lampião perfila-se diante de uma árvore raquítica. A rua é vista em diagonal. Seis horas da tarde.)*

## CENA I

*(Dona Sinfonia, Joaquim Aguaceiro, Mendigo, Pescador)*  
*(Dona Sinfonia, à janela da agência, faz crochê e olha de vez em quando para a casa fechada. O Mendigo está sentado, imóvel, debaixo do lampião. Entra o Pescador com uma carta na mão e atravessa o palco. Quando ele vai penetrar no Correio, topa com Joaquim Aguaceiro, que, em pé, no solar, contempla a casa, ao longe.)*

### O PESCADOR

*(Cumprimentando)* Boa tarde, patrão.

### JOAQUIM AGUACEIRO

Boa tarde, Candonga. *(O Pescador entra, depois de cumprimentar Dona Sinfonia, e sai, logo após, sem a carta.)* Está metido a escritor, agora?

### O PESCADOR

Foi a carta que mandei pro filho.

### JOAQUIM AGUACEIRO

Está sempre trabalhando na cidade?

### O PESCADOR

Sim, patrão. Há muito que não sei dele. Então, como estava me dando saudade, pedi ao Anfilóquio para escrever uma carta.

### JOAQUIM AGUACEIRO

Quem sabe se ele não anda doente?

### O PESCADOR

A última vez que tive notícias, ele estava bem forte e saudável. Mas lá na cidade os homens caem depressa. Ah! Patrão! Criança é o castigo da gente! *(Olha para Dona Sinfonia, que concorda com a cabeça.)*

### JOAQUIM AGUACEIRO

Aqui ele já era meio extravagante. Ficava a jogar bilhar até as dez horas.

### O PESCADOR

Eu, na idade dele, era um bicho... era um bicho para tudo. Tinham medo, tão bravo que eu era no trabalho.

### JOAQUIM AGUACEIRO

Hoje ainda.

### O PESCADOR

Qual! Tenho andado doente. Foi uma resfriadela

que apanhei. *(Olha para o céu.)* O tempo não está bom para reumatismo... Está assim cozinhando... Mas vamos ter chuva. *(Olha ao longe.)* A lagoa está brilhando.

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Trabalhou muito hoje?

**O PESCADOR**  
Assim. A pesca não foi lá das melhores. E, para atravessar a lagoa, meu bote só pega três pessoas. A gente precisa suar muito para ganhar pouco. Ah! Se eu tivesse todo o dinheiro que perdi, já estava remediado.

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Agora vai pra casa?

**O PESCADOR**  
Vou sim, patrão. *(Pausa. Ele não se move.)* Vou, sim... *(Permanece imóvel. Afinal, dá um passo e pára. Mostrando a casa ao longe, com a cabeça.)* Ainda estão lá dentro?

**DONA SINFONIA**  
Estão, sim. Há mais de uma hora.

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Ele é capaz de descobrir a coisa.

**O PESCADOR**  
Ah! Com o Dr. Aprígio ninguém escapa. Moleque feio tem de entrar nela.

**DONA SINFONIA**  
Não se ouve nada.

**O PESCADOR**  
Nada. Está tudo fechado. Parece que estão a velar um defunto.

**DONA SINFONIA**  
Desde a manhã, ninguém saiu.

## CENA II

*(Os mesmos, o Boticário)  
(O Boticário, chegando pausadamente, aperta a mão de Joaquim Aguaceiro, cumprimenta cerimoniosamente Dona Sinfonia, e, de alto, o Pescador.)*

**O BOTICÁRIO**  
Boas tardes, senhor aguaceiro.

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Como passa, Sr. Simplício?

**O BOTICÁRIO**  
Sempre bem. Deixei um instantinho a botica para comprar uns selos. Dona Eudóxia está?

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Está. Ela anda um pouco atarefada. Desde manhã cedo teve gente como quê.

**O BOTICÁRIO**  
Dona Sinfonia não largou a janela.

**DONA SINFONIA**  
Estou com dor de cabeça... Preciso respirar.

**O BOTICÁRIO**  
Tenho um bom remédio para dor de cabeça.

**DONA SINFONIA**  
*(Continuando, sem responder)* Preciso respirar. Não posso ficar trancada.

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
*(Olhando para a casa e piscando)* Trancados estão eles.

**O BOTICÁRIO**  
Já devem estar cheirando a mofo. *(Pausa)* Que estarão fazendo? Ouviu alguma coisa, Dona Sinfonia?

**DONA SINFONIA**  
Não ouvi nada, Sr. Simplício. Não costumo meter-me na vida dos outros.

**O PESCADOR**  
Quem viu foi o Geraldino.

**DONA SINFONIA**  
*(Largando o crochê)* Ah! Ele viu?

**O BOTICÁRIO**  
*(Sem afetação)* Viu?

**O PESCADOR**  
Viu, sim. Ele ficou de me procurar depois do serviço pra me contar a coisa. O doutor delegado já conversou com ele.

**DONA SINFONIA**  
Ah! Conversou?

**O PESCADOR**  
*(Importante)* Conversou, sim. E agora está lá dentro com eles todos. Ah! Com aquele homem é preciso andar na linha. Senão, está tudo à toa.

**DONA SINFONIA**  
*(Olhando para a casa)* À-toa é ela. Santa Bárbara!

## CENA III

*(Os mesmos, Dona Eudóxia, a Agente do Correio)  
(Dona Eudóxia aparece à porta do Correio. Joaquim Aguaceiro, com indiferença afetada, vai se aproximando da casa fechada e passa lentamente rente às janelas.)*

**O BOTICÁRIO**  
Como tem passado, Dona Eudóxia?

**DONA EUDÓXIA**  
Vou indo, Sr. Simplício. Dona Quintanilha está boa?



**O BOTICÁRIO**

Está, obrigado.

**DONA EUDÓXIA**

Deseja alguma coisa?

**O BOTICÁRIO**

Preciso de uns selos. Mas não há pressa... não há pressa...

**DONA EUDÓXIA**

Não quer entrar um pouquinho?

**O BOTICÁRIO**

Prefiro ficar aqui mesmo.

**DONA EUDÓXIA**

Então, não quer sentar-se?

**O BOTICÁRIO**

Aceito o seu convite, Dona Eudóxia. Sinto-me cansado.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Foram as emoções desta noite.

**DONA SINFONIA**

Ah! Cruzes!

**DONA EUDÓXIA**

Deixe lá o seu crochê, Dona Sinfonia. A esta hora, vai estragar a vista. *(Falando para dentro)*

Moleque! Traga uma cadeira!

*(O Moleque Jenipapo aparece com uma cadeira. O*

*Boticário senta-se nela; os outros no banco. O*

*Pescador fica em pé. Aproxima-se Joaquim*

*Aguaceiro.)*

**O BOTICÁRIO**

Por onde anda, seu compadre?

**DONA SINFONIA**

Ouviu alguma coisa?

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Nada. Está tudo calado.

**O BOTICÁRIO**

Não é como esta noite.

**DONA SINFONIA**

Ah! Que barulheira!

**O BOTICÁRIO**

A Quintanilha até chorou de susto.

**DONA EUDÓXIA**

Ah!

**O BOTICÁRIO**

Tive de lhe dar água de flor de laranja com umas gotas e... Uma composição minha. *(Pausa.)*

**DONA EUDÓXIA**

*(Voltando-se para a casa ao longe)* Dizem que "ela" embarca no trem das sete.

**O PESCADOR**

Das sete.

**DONA SINFONIA**

Ela terá de passar por aqui.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Decerto.

**O BOTICÁRIO**

Homem! Já que vim até cá, estou quase a me demorar um pouco.

**DONA SINFONIA**

Até as sete.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Quero ver o seu jeito, quando ela passar.

**DONA EUDÓXIA**

Quem havia de dizer? Uma mulher assim tão direita!

**O BOTICÁRIO**

Oh! Eu sempre desconfiei... Essa gente calada...

**DONA SINFONIA**

E velha que ela é!

**DONA EUDÓXIA**

Velha, não!

**DONA SINFONIA**

Como não?

**JOAQUIM AGUACEIRO**

*(Ao Pescador)* Que idade tem ela? *(Aos outros)*

Candonga sabe.

**O PESCADOR**

Ela já deve estar capinando os seus trinta e cinco.

**DONA SINFONIA**

*(De mãos postas)* Trinta e cinco!

**O BOTICÁRIO**

E três filhos.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

O Julinho já anda pelos seus quinze.

**DONA EUDÓXIA**

Coitado!

**DONA SINFONIA**

Pois eu também vou esperar para vê-la passar...

Ia agora para casa, mas como todos ficam...

**DONA EUDÓXIA**

Não querem tomar café?

**O BOTICÁRIO**

Aceito, Dona Eudóxia.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Não vale a pena.

**O BOTICÁRIO**

Bem que vale.

**DONA EUDÓXIA**

Já está feito, Sr. Joaquim. É só trazer. Vou chamar o Jenipapo. *(Chamando)* Moleque!

Moleque! *(Olhando para dentro)* Onde se meteu

esse moleque? (*O Moleque Jenipapo entra correndo pelo fundo. Ele esteve atrás da casa fechada.*) Ah! Ele tinha ido espiar! (*Ao Moleque*) Traga o café, depressa.

**O BOTICÁRIO**  
(*Fazendo-o parar*) Viste alguma coisa, moleque?

**O MOLEQUE JENIPAPO**  
Não, senhor, senhor não. A casa está toda escura. (*Sai.*)

**DONA EUDÓXIA**  
Uma casa que parecia tão feliz! Lembra-se, Sr. Joaquim? Havia sempre flores às janelas.

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Parece que esta noite ele arreventou até as flores.

**O PESCADOR**  
Viu que estava desgraçado. Então foi desgraçando tudo.

**DONA EUDÓXIA**  
É isso mesmo... Oh!

**DONA SINFONIA**  
Que é?

**DONA EUDÓXIA**  
Acendeu!

**TODOS**  
Acendeu?

**DONA EUDÓXIA**  
Vejam. (*Todos olham para a casa fechada. Com efeito, uma réstia de luz filtra pelas venezianas. Longo silêncio, durante o qual eles contemplam, imóveis, aquele feixe luminoso.*)

**O BOTICÁRIO**  
(*Murmura.*) Que será?

**DONA SINFONIA**  
Não ouvem nada? (*Todos escutam. Pausa.*)

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Nada. (*Pausa.*)

**DONA EUDÓXIA**  
Eu também preciso acender. (*Entra, acende o interior da casa e volta a ter com os outros.*)

**DONA SINFONIA**  
Vê-se ainda. (*A uma senhora que chega*) Oh! Ritoca! Há quanto tempo não a encontrava!

#### CENA IV

(*Os mesmos, Ritoca*)

**DONA RITOCA**  
(*Saudando a todos e abraçando Dona Sinfonia*) Como vai sua obrigação?

**DONA SINFONIA**  
Estou boa. E você?

**DONA RITOCA**  
Não estou passando muito bem.

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Pois não parece. Quando atravessava o largo, há pouco, estava dengosa como seriema no capim.

**O BOTICÁRIO**  
Se não está boa, eu recebi da cidade uma pílulas que curam num instante. É só pedir.

**DONA RITOCA**  
(*Abraçando Dona Eudóxia*) Vim até cá para ver se não havia cartas à minha espera.

**DONA EUDÓXIA**  
Bem sabe que, quando há, sempre lhe mando levar. Não precisava incomodar-se. (*Entra o Moleque com uma bandeja.*) Toma café conosco?

**DONA RITOCA**  
Não sei se tenho tempo... (*Mais baixo, rapidamente*) Ela já saiu?

**DONA EUDÓXIA**  
Não. Vai pelo trem das sete.

**DONA RITOCA**  
Ah! (*Alto*) Pois aceito... Uma canequinha.

**DONA SINFONIA**  
Café nunca se recusa.

**DONA EUDÓXIA**  
(*Ao Moleque, que acaba de servir o café*) Uma cadeira! Depressa. (*Ele traz a cadeira e dirige-se, depois, para o lado da casa fechada, atrás da qual desaparece. Todos bebem o café aos goles.*)

**DONA RITOCA**  
Estavam falando da Maria das Dores?

**JOAQUIM AGUACEIRO**  
Estávamos. Quem havia de dizer?

**DONA RITOCA**  
Eu não sei ao certo o que houve. Que foi, heim, Sr. Aguaceiro?

**O BOTICÁRIO**  
(*A Dona Eudóxia*) Ela já deve saber de cor. Desde manhã cedinho que se agarra a toda a gente para que lhe contem.

**DONA SINFONIA**  
Quem conhece bem o caso é o Geraldino.

**DONA RITOCA**  
O barbeiro?

**O PESCADOR**  
Sim, senhora, Dona Ritoca. Tanto que ele ficou de me procurar, depois do serviço... Ele viu tudo, e já conversou com o doutor delegado. (*Passa ao fundo uma criança arrastando um papagaio. Quando chega diante da casa fechada,*

*ergue-se na ponta dos pés e procura espiar. Depois, segue o caminho.)*

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Não sei como é que ele não apareceu.

**O PESCADOR**

Ainda não acabou o serviço. *(Pausa.)*

**DONA RITOCA**

*(Olhando para a casa)* E ele? Não se sabe afinal quem é?

**O BOTICÁRIO**

Ela não quis dizer... Por nada. Ao senhor delegado talvez...

**DONA SINFONIA**

Parece até impossível.

**DONA RITOCA**

Não valia a pena fazer tanto xodó para acabar assim!

**DONA EUDÓXIA**

Que pena, meu Deus! Que pena!

**DONA RITOCA**

Lembra-se, Dona Sinfonia? Quando o coronel Fulgêncio passou uma tarde por aqui... Papai tinha preparado em casa um café de estalar a língua... Toda a gente à espera. Pois fizeram tanta intriga que o coronel acabou indo tomar café em casa da Maria das Dores.

**DONA SINFONIA**

Uma mulher que nem punha chapéu pra missa das dez!

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Sim. O Matias está hoje desfalcado; mas já teve alguma coisa; e a Maria das Dores ainda hoje tem ar assim de gente grossa.

**DONA EUDÓXIA**

Quando ela entrava na igreja com seu grande xale preto, lembrava uma princesa...

**O BOTICÁRIO**

Pois está fresca, a princesa!

**DONA RITOCA**

Papai nunca perdoou o café do coronel. *(Pausa.)*

**JOAQUIM AGUACEIRO**

*(Olhando para a casa)* E nada...?

**O BOTICÁRIO**

Até agora, nada. *(Silêncio.)*

**DONA SINFONIA**

Que vai ser dela, sozinha, na capital?

**DONA RITOCA**

Ora!

**O BOTICÁRIO**

Com o perdão da palavra, vai cair na malandragem.

**O PESCADOR**

Ela tem umas primas por lá.

**DONA EUDÓXIA**

Coitada da Maria das Dores!

**DONA SINFONIA**

Coitada quê, Dona Eudóxia? Coitado do Matias!

**DONA EUDÓXIA**

Ele era muito bruto.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Qual bruto qual nada! Mulher precisa é andar na linha.

**O BOTICÁRIO**

Pancada traz amor.

**DONA EUDÓXIA**

*(Apontando o Mendigo)* O pai Tobias é que vai sentir falta. Acabou-se a janta.

**O BOTICÁRIO**

Onde vais comer agora, heim, pai Tobias?

**O MENDIGO**

*(Fita-os sem responder, e, após um silêncio, gravemente)* Deus é que sabe! *(Pausa.)*

**O BOTICÁRIO**

Antes não comer que comer o pão do pecado.

**O PESCADOR**

Ah! Isso também não!

**DONA SINFONIA**

*(De repente)* Oh! *(Todos olham. Vê-se entreabrir a porta da casa, donde sai o delegado seguido pelo escrivão. O Moleque Jenipapo, que espiava, escondido, atravessa a rua correndo. Todos calam, cumprimentam o delegado. Este toca de leve o chapéu e sai.)*

**O PESCADOR**

Ele saiu.

**DONA EUDÓXIA**

Que terá havido, meu Deus!

**DONA RITOCA**

Mais logo vamos saber.

**DONA SINFONIA**

Está começando a esfriar, não acham?

**DONA EUDÓXIA**

Podemos entrar.

**DONA RITOCA**

Estamos muito bem aqui.

**O BOTICÁRIO**

Estamos, sim.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

*(Puxando o relógio)* Pouco falta para as sete.

**DONA SINFONIA**

E a estação fica tão perto!

**O PESCADOR**

Aí vem o Geraldino!

**TODOS**

Ah!

**DONA RITOCA**

Afinal!

**CENA V**

*(Os mesmos, Geraldino)*

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Então, Geraldino? Teve serviço até agora?

**GERALDINO**

Fui até a estação. *(Cumprimenta a todos.)* Boas tardes!

**O BOTICÁRIO**

Já se pode dar boa-noite.

*(Geraldino saúda com a mão o Pescador, que responde.)*

**DONA EUDÓXIA**

Há muita gente na estação?

**GERALDINO**

Está cheia... Assim... Todos querem ver.

**DONA SINFONIA**

Que gente bisbilhoteira!

**DONA RITOCA**

Eu é que não me mexo.

**GERALDINO**

Também, ela tem de passar por aqui.

**O BOTICÁRIO**

Ela irá mesmo?

**GERALDINO**

Vai, pois não. Só se ela quiser dizer quem foi.

**DONA EUDÓXIA**

O senhor delegado saiu agora mesmo.

**GERALDINO**

*(Importante)* Sei. Já estive com ele hoje à tarde. *(Todos olham para o Geraldino, esperando que ele fale.)*

**O PESCADOR**

Mas você viu mesmo tudo, seu Dino?

**GERALDINO**

Vi, decerto.

**DONA SINFONIA**

Tudo?

**GERALDINO**

Tudo, tudo, não.

**DONA RITOCA**

Oh! Conte... Conte...

**GERALDINO**

Mas vosmecê já me ouviu contar hoje duas vezes. *(Todos se riem.)*

**O BOTICÁRIO**

*(A Dona Eudóxia)* Está vendo?

**DONA RITOCA**

*(Zangada)* Eu? Onde? Onde?

**GERALDINO**

Esta manhã, perto da vacaria, quando eu explicava a coisa ao Zé Menezes; e, antes das duas...

**DONA RITOCA**

Oh! Eu passava tão depressa... Não ouvi quase nada.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Não se zangue, Dona Ritoca.

**DONA RITOCA**

Não. Mas parece assim que sou curiosa!

**GERALDINO**

*(Dispondo-se a contar)* Então, vá lá!

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Quer pitar?

**GERALDINO**

Pois sim.

**O BOTICÁRIO**

Eu aceitava mais uma canequinha.

**DONA EUDÓXIA**

Moleque!... Café para o seu Simplício! *(Pouco depois entra o Moleque, com o café.)*

**DONA SINFONIA**

Então? Como foi isso?

**GERALDINO**

Foi assim... Eram onze horas. Eu passava pelo Beco das Formigas.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Às onze horas pelas ruas, seu malandro...

**GERALDINO**

Ora, não me interrompa...

**O BOTICÁRIO**

Deixe falar o Geraldino!

**GERALDINO**

Vinha da casa do Tinoco... A casa nova...

**O PESCADOR**

Um sujeito que outro dia mesmo estava arrancando mato, e depois ficou rico tão ligeiro!

**GERALDINO**

Assim não conto nada!

**DONA RITOCA**

Ora!

**O BOTICÁRIO**

Sossega! Gente!

**GERALDINO**

Está bom. *(A Joaquim)* Dê cá fogo! *(Acende o cigarro, que se apaga.)* Passava lá pelos fundos do

beco, quando me pareceu ouvir ao longe uma qualquer coisa de especial dentro da casa do Matias. Paro para ouvir. De repente, bate a janela com toda a força, e vejo um vulto a pular.

**DONA SINFONIA**

A pular?

**GERALDINO**

Fiquei assim indeciso, sem saber. Pensei a princípio num ladrão. Mas, enquanto estava a cismar, ele desata a correr que nem veado e cai no mato.

**DONA EUDÓXIA**

Por que não correu atrás?

**DONA RITOCA**

E não reconheceu?

**GERALDINO**

Não pude. Vi só que era um rapaz novo, esperto... Mas não reconheci.

**DONA SINFONIA**

Novo... Esperto... Quem sabe se não era o Alcino?

**O BOTICÁRIO**

O Alcino ontem estava de cama. Melhorou com um xarope meu, excelente.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Quem sabe se o Antônio Ferraz...

**DONA RITOCA**

Ah! O Antônio Ferraz!

**O PESCADOR**

Qual! O Nico bem que andava a rondar a casa do Matias, mas não arranhou nada. Ela nem olhava para ele!

**DONA RITOCA**

*(Resmungando)* Não olhava... Não olhava...

**DONA SINFONIA**

Então, a gente nunca há de saber?

**GERALDINO**

Só se ela disser...

**O PESCADOR**

*(Para si)* Por que é que ela não diz...?

**O BOTICÁRIO**

Adiante, Geraldino!

**GERALDINO**

Fui chegando de mansinho até a janela, que tinha ficado entreaberta, e espiei lá para dentro. Gente! Estava o Matias com os olhos a saltar, agarrado à mulher, torcendo-lhe os braços. E batendo-lhe com a cabeça no chão... *(Redobra a atenção de todos.)*

**DONA RITOCA**

E ela gritava?

**GERALDINO**

Nem um pio. Ela não queria acordar os filhos.

**DONA RITOCA**

Ora veja!

**GERALDINO**

Parece que todas as noites, quando o Matias estava adormecido, ela ia devagarinho abrindo a porta da casa... Sabem que de dia ela não podia sair...

**DONA EUDÓXIA**

Que noites terríveis deviam ser aquelas!

**O BOTICÁRIO**

Ela com os filhos ao lado. Com a certeza de ser um dia apanhada.

**DONA RITOCA**

Ela não tinha medo de acordá-los?

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Como é que a Maria das Dores, tão sossegada, tão refletida, foi desnortear assim, depois de velha?

**DONA SINFONIA**

Isso não se explica.

**GERALDINO**

São coisas!

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Mas por quê?

**DONA EUDÓXIA**

*(Timidamente)* A gente, às vezes, sente-se tão só!

**DONA RITOCA**

Só... com um marido e três filhos!

**DONA EUDÓXIA**

*(Vivamente)* Não foi isso que eu quis dizer.

**O BOTICÁRIO**

Que foi que a senhora quis dizer, Dona Eudóxia? *(Silêncio.)*

**DONA EUDÓXIA**

*(Depois de hesitar)* Quis... *(Para um instante.)* Eu bem sinto cá dentro, mas não sei explicar... Não sei... *(Olham para Dona Eudóxia. Pausa.)*

**DONA SINFONIA**

Uma grande sonsa é o que ela era.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Não tem desculpa o que ela fez.

**DONA RITOCA**

Que acha o Sr. Simplício?

**O BOTICÁRIO**

Uma desavergonhada... Pior que uma cadela.

**DONA SINFONIA**

E fingindo-se de boa! Quando penso, senhor aguaceiro, que, o mês passado, ela foi tratar da minha Ruth, na ocasião da tal epidemia! Eu

também estava doente. Seis noites que ela passou na cabeceira da pequena, maculando com seu contato impuro aquele anjinho de inocência! Quando penso nessa desgraça...

**DONA EUDÓXIA**

Mas a menina salvou-se.

**DONA SINFONIA**

Graças à Divina Providência.

**DONA RITOCA**

Com certeza, ao sair, ela ia se encontrar com o tal rapaz.

**O BOTICÁRIO**

Ora se ia!

**JOAQUIM AGUACEIRO**

O tratamento era o pretexto.

**DONA SINFONIA**

Ah! Aquela mulher é um monstro. Não é, Sr. Geraldino?

**GERALDINO**

Decerto.

**O BOTICÁRIO**

Força é o que ela merece. *(Nesse momento, o velho mendigo deixa cair o cajado. Joaquim Aguaceiro volta-se para ele ao ouvir o ruído e exclama:)*

**JOAQUIM AGUACEIRO**

E você, pai Tobias, que acha disso tudo?

**O MENDIGO**

*(Olhando-os, lentamente, depois de apanhar o cajado)* Essas coisas cá da terra a gente nunca pode explicar... nem julgar... Deus é que sabe... *(Silêncio.)*

**DONA RITOCA**

*(Ao Barbeiro)* E depois?

**GERALDINO**

Depois...? Ele puxava-lhe os cabelos, torcia-lhe os braços, sacudindo-a e repetindo sempre com raiva: "Diga o nome... Diga o nome..."

**O PESCADOR**

*(Consigo mesmo)* Mas por que é que ela não disse?

**O BOTICÁRIO**

Pudera! Se o Matias pegasse o rapazinho, esborrachava-o com um soco.

**GERALDINO**

*(Proseguindo)* Então, como ela não queria falar, ele apanhou à parede um grande chicote de couro e começou a bater-lhe, a bater-lhe até mais não poder. A princípio ela gemia baixinho, mas depois pegou a gritar, a gritar que era um gosto. Ele só repetia: "Diga o nome... Diga o

nome..." E ela nada... Até que o sangue começou a pingar.

**DONA RITOCA**

O sangue?

**DONA EUDÓXIA**

Cruzes! *(Todos se aproximam do Geraldino, ofegantes. Os peitos arfam, os olhos brilham no crepúsculo.)*

**GERALDINO**

Sim. A cada chibatada, aparecia uma fitinha vermelha que ia escorrendo pelo corpo. Não sei se o Matias tinha dó, mas ele chorava também. E continuava, de chicote em punho, a dizer, chorando: "O nome... O nome... Diga o nome..." Ela torcia-se no chão, feito cobra. Arrastava-se, agarrava-se a ele, gritando: "Tem pena! Tem pena! Matias, eu te amei também!..." Quando o Julinho entrou no quarto, ela estava toda encharcada...

**DONA SINFONIA**

Encharcada?

**GERALDINO**

O assoalho estava vermelho, como se tivessem amassado goiaba... *(Nesse momento, Dona Ritoca desanda a rir nervosamente. Todos olham, estupefatos. Geraldino interrompe-se. Mas a risada continua, cada vez mais nervosa, mais estridente.)*

**O BOTICÁRIO**

Que é, Dona Ritoca?

**DONA EUDÓXIA**

Está incomodada?

**DONA SINFONIA**

Quer ir lá pra dentro?

**DONA RITOCA**

*(Insistindo, e continuando a rir-se, diz, com palavras entrecortadas e ofegantes:)* Não... Não... Mas... Eu imaginava a Maria das Dores, oferecendo chá ao coronel, com seus ares de princesa... e ontem... o chicote... e o sangue... *(E ri-se, ri-se sem parar. Todos entreolham-se, em silêncio, com certo constrangimento. Longa pausa.)*

**DONA SINFONIA**

Coitada da Ritoca! É tão sensível!... *(A Dona Eudóxia)* Não tem um pouco de vinagre?

**DONA EUDÓXIA**

Sim. *(Entra e volta com o vinagre, que faz respirar a Dona Ritoca, enquanto a conversa recomeça.)*

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Foi só o Julinho que entrou?

**GERALDINO**

As pequenas também. Elas estavam com medo,

mas o Matias arrastou-as até o quarto e disse à mulher: “Olha bem, pela última vez... Se não queres dizer o nome, amanhã tu saís desta casa para sempre, e nunca mais verás teus filhos... Nunca...”

**O BOTICÁRIO**

E ela não disse?

**GERALDINO**

Não.

**O PESCADOR**

*(Meditando)* Mas por quê?

**DONA SINFONIA**

Que mãe sem entranhas!

**DONA EUDÓXIA**

No entanto, bem extremosa que ela era!

**O PESCADOR**

Era, sim. E ela vai deixar os filhos para sempre.

**DONA SINFONIA**

Disfarce!

**DONA EUDÓXIA**

Mas, Sr. Geraldino, por que é que o senhor não entrou no quarto quando viu isso?

**GERALDINO**

Oh! Dona Eudóxia... Eu não me meto nas brigas de casais... Não me casei, foi para não brigar.

**DONA EUDÓXIA**

Que noite horrrosa! Fui acordada em sobressalto pelo Julinho.

**DONA RITOCA**

Ah! O Julinho esteve aqui?

**DONA EUDÓXIA**

Veio pedir-me um remédio para a mãe, que não podia mais...

**O BOTICÁRIO**

Em vez de ir à botica... E a senhora deu?

**DONA EUDÓXIA**

Pois não.

**O BOTICÁRIO**

Não posso deixar de estranhar essa atitude, Dona Eudóxia! A senhora... uma funcionária exemplar, de vida tão correta, pretender aliviar o castigo de uma criminoso!...

**DONA EUDÓXIA**

Desculpe, Sr. Simplício. Não tive em vista desgostá-lo. Mas, quando uma criatura sofre, acho que é sempre digna de piedade.

**O BOTICÁRIO**

São idéias subversivas, Dona Eudóxia. Ai de nós se todos assim pensassem!

**DONA EUDÓXIA**

Tanto mais que o Matias era longe de ser um

marido exemplar. É um homem...

**O BOTICÁRIO**

É um homem. É o dono. Tem todos os direitos.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Isso tem.

**DONA EUDÓXIA**

É possível. Não sei. Não sei me exprimir... Mas isso assim não está direito.

**DONA SINFONIA**

Não acha justo o castigo?

**DONA EUDÓXIA**

Não sei. Mas a Maria das Dores, que foi, durante tantos anos, tão boa mãe, tão boa esposa, tão boa para todos... Como é que perde tudo assim, num dia só... Isso não é justo... Não é justo...

**O BOTICÁRIO**

Pois eu acho que ele foi até bem bom. Não é? *(Volta-se para Joaquim Aguaceiro, que aprova com a cabeça.)*

**GERALDINO**

Eu matava.

**DONA EUDÓXIA**

Oh! Sr. Geraldino!

**JOAQUIM AGUACEIRO**

*(Ao Pescador)* E você, Candonga? Que diz?

**O PESCADOR**

*(Começando a falar, sem responder)* Lá pelo sertão de Minas, morava um primo meu, o Xicão. Estava casado com uma mulher linda... Eu a conheci... Uma noite, ele ouve barulho dentro de casa... Levanta-se, pega a garrucha e vai ter até o sótão. *(Cospo.)* Lá, ele topa com a mulher nos braços dum rapaz, um desses cometas vagabundos que andam a correr pelas estradas.

**DONA SINFONIA**

Matou os dois?

**DONA RITOCA**

*(Pegando-lhe o braço, súplice)* Oh! Deixe falar...

**O PESCADOR**

Ele atracou o rapaz. Era um valente, o Xicão, e forte, como o Matias. Amarrou o homem aos pés da cama, enterrou-lhe um lenço na boca para que não pegasse a gritar...

**DONA SINFONIA**

E depois...?

**O PESCADOR**

Depois?... Fez esquentar um ferro na trempe. Quando esteve em brasa, deu-o à mulher, mostrou-lhe o rapaz amarrado e disse: “Vai... Espeta!”

**DONA EUDÓXIA**

Ah! Que horror!

**DONA RITOCA**

E ela?

**O PESCADOR**

Ela a princípio não queria. Ele então encostou-lhe a garrucha na testa e disse: “Espeta ou eu atiro!...” *(Pausa.)* Então ela espetou.

**DONA EUDÓXIA**

Oh!

**O PESCADOR**

Espetou a noite inteira. O Xicão não tinha pressa... Ele dizia: “Espeta aqui... estes braços que te abraçaram... aqui esta boca que te beijou... Espeta!” De vez em quando ele mandava parar, pra esticar... Quando o rapaz desfalecia... ele deixava que acordasse para continuar... A carne cheirava... De madrugada, furou-lhe os olhos...

**DONA EUDÓXIA**

Oh!

**O PESCADOR**

*(Calmo)* Ele tinha deixado os olhos pro fim... Até que o outro morreu. Já nem parecia gente.

**DONA RITOCA**

E a mulher?

**O PESCADOR**

O Xicão matou-a logo em seguida. Enterrou-a na fazenda. Mas o corpo do rapaz ficou pros urubus.

**O BOTICÁRIO**

Ah! O Xicão era um homem.

**O PESCADOR**

Um sujeito às direitas.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Vêm que o Matias ainda foi bem manso.

**O BOTICÁRIO**

*(Puxando o relógio)* Já são quase horas do trem...

**DONA SINFONIA**

Ela é capaz de não ir.

**GERALDINO**

Vai, sim.

**DONA EUDÓXIA**

E se ela disser o nome?

**GERALDINO**

Não diz, não. Mulher quando bate o pé... *(O Pescador faz um gesto de quem não compreende.)*

**CENA VI**

*(Os mesmos, o Acendedor de Lampiões)*

*(Ele vai entrando devagar e acende lentamente o lampião.)*

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Oh! Velho Aprígio!

**O ACENEDOR DE LAMPIÕES**

Boas noites!

**O BOTICÁRIO**

Acenda bem, Aprígio... que nós precisamos ver direito...

**O ACENEDOR DE LAMPIÕES**

*(Acendendo)* Pronto.

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Que luz desgraçada!

**GERALDINO**

Qual, meu velho! Sua luz não presta!

**O PESCADOR**

Não se vê nada.

**O ACENEDOR DE LAMPIÕES**

Minha luz é muito boa... Vocês é que não sabem ver.

**O PESCADOR**

Está bom... Não se zangue... Pare um tiquinho conosco para apreciar uma coisa bonita!

**O ACENEDOR DE LAMPIÕES**

Não posso parar. Tenho que seguir caminho... Há muita gente no escuro que espera pela luz...

**O PESCADOR**

Então, boa noite!

**O ACENEDOR DE LAMPIÕES**

*(Saindo)* Boa noite!

**CENA VII**

*(Os mesmos, menos o Acendedor de Lampiões, depois, o Filho)*

**O BOTICÁRIO**

*(Murmura)* Velho maluco! *(Ouve-se o sino da estação e, ao longe, o arfar surdo do trem.)*

**DONA RITOCA**

O trem vai chegar!

**DONA SINFONIA**

E ela não embarca!

**O BOTICÁRIO**

Embarcará, sim, à última hora... correndo...

**JOAQUIM AGUACEIRO**

De vergonha...

**DONA SINFONIA**

Eu nem hei de olhar para ela!

**DONA RITOCA**

*(A Dona Eudóxia)* Dê-me o seu xale, Dona Eudóxia. Estou sentindo frio... *(Dona Eudóxia)*



vai buscar o xale, que estava numa mesa perto da porta. Dona Ritoca entra com ela.)

**GERALDINO**

(De repente) Ela está saindo! (Aponta para a casa. Com efeito, a porta abriu-se. Todos olham com ânsia. Mas quem sai da casa é um rapazinho em mangas de camisa. Desce lentamente os degraus da porta e, sem olhar para ninguém, vai encostar-se ao muro que separa o jardim da rua, com a cabeça descansando nos braços.)

**DONA SINFONIA**

(Baixo) É o Julinho.

**O BOTICÁRIO**

O Julinho, sim. (Sussurro geral.)

**DONA SINFONIA**

Que é que ele veio fazer?

**O MOLEQUE JENIPAPO**

(Surgindo de repente) Ela já vem! Ela já vem! (Movimento de todos.)

**JOAQUIM AGUACEIRO**

Você viu?

**O MOLEQUE JENIPAPO**

Espiei, sim. Ela acabou de preparar a trouxa. Vai sair.

**DONA SINFONIA**

(Gritando para dentro) Ritoca! Ritoca! Ela vai passar! (Aparecem Dona Ritoca e Dona Eudóxia, em seguida.)

**GERALDINO**

Quer sentar, Dona Ritoca?

**DONA RITOCA**

Em pé vê-se melhor. (Ouve-se o silvo do trem que está chegando.)

**O BOTICÁRIO**

Ela é capaz de perder o trem.

**DONA EUDÓXIA**

Qual! Esses trens... a gente nunca perde...

**DONA SINFONIA**

(Chamando) Venha aqui, Ritoca!

**DONA EUDÓXIA**

E ela não verá mais os filhos?

**O BOTICÁRIO**

Nunca!

**O PESCADOR**

(Só para si) Mas por que é que ela não disse o nome?

**TODOS**

Oh! Oh! Oh!

**CENA VIII**

(Os mesmos, Maria das Dores)

(Abre-se de novo a porta, e, destacando-se, no fundo luminoso da sala, aparece no limiar o vulto de Maria das Dores. Um grande xale preto cobre-lhe a cabeça e cai até os joelhos. Na mão, uma pequena trouxa. Ela começa a caminhar, rígida, de rosto fechado, sem olhar para ninguém. Ouve-se um sussurro no grupo. Mas alguém faz "Pst" e o silêncio torna-se geral. Todas as personagens estão na penumbra. Só o velho mendigo iluminado pela luz do lampião. Quando Maria das Dores passa por ele, ele ergue-se e tira o chapéu. Então, no meio do silêncio mortal, ouve-se um soluço abafado e desesperado. É o filho que está chorando, encostado ao muro. Ela tem um longo estremecer do corpo todo. Atrasa insensivelmente o passo um segundo, mas continua a caminhar sem um gesto e sem se voltar. Todos a acompanham com os olhos. Ouve-se novamente o silvo da locomotiva. Então, a voz do velho mendigo eleva-se na noite, grave e lenta.)

**O MENDIGO**

Deus é que sabe... Deus é que sabe...

**FIM**



# ONDE CANTA O SABIÁ...

## COMÉDIA EM TRÊS ATOS

Gastão Tojeiro

### PERSONAGENS:

Elvídio Rondino (30 anos)  
 Fabrino (35 anos)  
 Justino (50 anos)  
 Ernani (20 anos)  
 Basílio (30 anos)  
 Antonio (40 anos)  
 Leocádio (20 anos)  
 Nair (20 anos)  
 Virgínia (25 anos)  
 Ritinha (16 anos)  
 Inácia (45 anos)  
 Marcelina (20 anos)

A ação se passa no Rio de Janeiro em 1920. *(Sala modesta, em andar superior, em casa de Justino, situada num subúrbio do Rio de Janeiro. Uma grande porta ao fundo, no centro, que dá para um espaçoso alpendre, tendo de cada lado uma janela de peitoril. A porta e as janelas, praticáveis, são envidraçadas. O alpendre, onde à direita se supõe estar a escada externa que dá descida para o jardim, tem uma balaustrada de madeira com colunás que sustentam a cobertura, tudo emaranhado de plantas trepadeiras e salpicado de flores. Pelas janelas e porta, ao longe, em perspectiva, vêem-se ruas mal delineadas, habitações esparsas e um rio, atravessado por uma ponte, na qual, se for possível, de vez em quando, passarão lentos trens em direções opostas. A sala tem mais duas portas de cada lado, todas praticáveis, comunicando a direita alta com os dormitórios; a direita baixa com o quarto de Justino; a esquerda baixa com a escada interior pela qual se desce para o andar térreo; a esquerda alta em comunicação com as outras dependências da casa.*

*Mobiliário: Um piano, com o teclado voltado para a parede, colocado no ângulo direito alto da sala, tendo em cima uma rima de músicas, um vaso com plantas e enfeitado com papel colorido, etc. Ao*

*centro da cena, uma pequena mesa redonda ladeada de cadeiras. À esquerda, primeiro plano, um grupo de sofá e duas cadeiras. À direita, uma cadeira de balanço com um pano de crochê no espaldar. Uma estante com livros, bibelôs, etc. As paredes revestidas de quadros, retratos de pessoas da família, diplomas de sociedades a que pertence Justino. Um pequeno espelho na parede direita, entre as duas portas. Pendurado no alpendre, mesmo em frente à porta, uma gaiola com o sabiá. Tudo simplicidade e familiar.)*

### PRIMEIRO ATO

*(Ao levantar o pano, o sabiá canta alegremente. Fabrino, deitado no sofá, em mangas de camisa, lê baixo um jornal. Justino, em pijama, de costas para a platéia, está no alpendre, debruçado, como que a olhar para baixo. É uma linda manhã de domingo. De vez em quando, no decorrer da peça, ouve-se o rumor distante dos trens que passam e os silvos das locomotivas.)*

### JUSTINO

*(Falando para baixo) Olha, Leocádio, faz o seguinte: afrouxa um pouco o parafuso da tesoura senão você não acaba de cortar a grama desse canteiro.*

**LEOCÁDIO**

*(Dentro, como que falando do jardim)* Não posso. O parafuso está muito apertado.

**JUSTINO**

Está apertado? Pois desaperta-o com a torquês...  
*(Pausa)* Assim não!... Ao contrário... Torce para o outro lado...

**INÁCIA**

*(Entrando pela E. A., depois de reparar)* Vocês ainda estão nesse belo estado?

**FABRINO**

*(Sem levantar os olhos do jornal)* Ainda é cedo.

**INÁCIA**

Acha que seja cedo? São quase dez horas. *(Indo à porta do fundo)* Ó Justino, você não tem que ir à casa do Dr. Amarante, por causa do emprego do Ernani?

**JUSTINO**

*(Voltando-se e descendo ao centro da cena)* Sim, tenho que ir...

**INÁCIA**

Que faz então que não se vai aprontar?

**JUSTINO**

Mas se o Ernani ainda não chegou...

**INÁCIA**

*(Contrariada)* É a tal coisa! Por mais que eu recomendasse a esse rapaz que estivesse de volta com as meninas antes das dez horas, ainda não chegaram. Nunca vi uma coisa assim!

**FABRINO**

Temos tempo.

**INÁCIA**

E o tempo que gastam vocês a chegar lá? Bem sabem que aos domingos é o melhor dia de se falar ao Dr. Amarante.

**JUSTINO**

Descansa, ó filha, que hoje falaremos com ele.

**FABRINO**

Se a nomeação de Ernani depender disso...

**INÁCIA**

Decerto que depende. Assim queira o Dr. Amarante, que o Ernani será nomeado.

**FABRINO**

*Mesmo sem concurso?...*

**INÁCIA**

*(Exaltando-se)* O que me parece é que vocês estão com pouca vontade de ajudar o rapaz!

**JUSTINO**

*(Rindo)* Calma, Inácia, que tudo se há de arranjar.

**LEOCÁDIO**

*(Dentro)* Ó patrão!

**JUSTINO**

Que é? *(Sobe novamente ao alpendre e olha para baixo.)*

**INÁCIA**

*(Vendo um vestido atirado em cima de uma cadeira)* Olha este vestido aqui!... Essa Marcelina é uma relaxada! *(Gritando para dentro)* Ó Marcelina. Marcelina!... Mando pôr o vestido ao sol e escová-lo, ela atira-o para cima da cadeira e deixa ficar! *(Chamando novamente)* Marcelina!

**FABRINO**

Deve estar lá embaixo.

**INÁCIA**

Que foi ela fazer? *(Dirige-se à E. B., chamando)* Marcelina! Ó Mar...

**MARCELINA**

*(Entrando nesse momento pela E. B.)* Pronto, estou aqui...

**INÁCIA**

Que estava fazendo você lá embaixo?

**MARCELINA**

Estava recolhendo a roupa...

**INÁCIA**

Que pressa tem você hoje de recolher a roupa.

**MARCELINA**

A senhora não sabe que hoje é domingo? Eu tenho que passear. Também sou filha de Deus.

**INÁCIA**

De passear você nunca se esquece.

**MARCELINA**

*(Amuada)* Nem ao menos aos domingos a gente pode-se “adivertir” um pouco?...

**INÁCIA**

Sim, já sei... *(Indicando o vestido em cima da cadeira)* Que faz este vestido aqui?

**MARCELINA**

Não foi a senhora mesma que mandou pô-lo ao sol?...

**INÁCIA**

Fui. Mas não foi para depois deixá-lo ficar aqui... Vá guardá-lo dentro do meu guarda-vestidos.

**MARCELINA**

*(Apanhando o vestido)* Sim, senhora. *(Sai pela D. B.)*

**INÁCIA**

Estas criadas de hoje!...

**FABRINO**

*(Em tom de gracejo)* Têm os mesmos defeitos das patroas...

**INÁCIA**

Veja lá se quer se engraçar comigo, heim!...

**FABRINO**

Oh, minha sogra!... *(Senta-se no sofá.)* Há patroas e... há patroas...

**JUSTINO**

*(Do alpendre, falando para baixo)* O melhor é você fazer o seguinte: traz essa coisa cá acima, que eu lhe dou um jeito. *(Descendo ao centro da cena)* Esse Leocádio é tapado como uma porta sem fechadura!

**INÁCIA**

*(A Justino)* Você também arranja cada empregado aqui para casa...

**FABRINO**

Não parece ser mau rapaz...

**INÁCIA**

Mas é muito vagaroso e custa a compreender tudo que se lhe manda fazer.

**JUSTINO**

A coisa é a seguinte: quando a gente os mete em casa não se sabe o que eles são.

**LEOCÁDIO**

*(Aparecendo ao F., trazendo uma enorme tesoura de aparar grama, tirando o chapéu)* Com sua licença...

**JUSTINO**

Entra. *(Leocádio obedece.)* Com que então você não acerta com o parafuso, heim?

**LEOCÁDIO**

*(Com um riso alvar)* É verdade. Quanto mais voltas lhe dou, mais perra fica o raio da tesoura!

**JUSTINO**

É porque você não tem jeito pra nada. Deixa ver... *(Recebe a tesoura e a torquês da mão de Leocádio.)* Quer ver como eu endireito isto num instante?

**LEOCÁDIO**

Cada um faz o que pode...

**JUSTINO**

Olha, repara. Eu faço o seguinte... *(Começa a torcer com a torquês o parafuso da tesoura.)*

**MARCELINA**

*(Entrando pela D. B.)* Está guardado o vestido. Precisa de mais alguma coisa?

**INÁCIA**

Não. Trate agora de arrumar aquilo lá dentro.

**MARCELINA**

Sim, senhora. *(Sai pela E. A.)*

**JUSTINO**

*(Experimentando a tesoura, que acabou de consertar)* Está vendo como ela funciona agora bem?

**LEOCÁDIO**

*(Admirado)* É mesmo!... O patrão é um "ténico". Parece até que já foi tesoureiro. Conserta tão bem as tesouras...

**FABRINO**

*(Rindo, à parte)* É boa!

**JUSTINO**

*(Dando a tesoura a Leocádio)* Pega lá. E veja se me acaba de aparar hoje a grama dos canteiros.

**LEOCÁDIO**

*(Que recebeu a tesoura)* Logo à tardinha está tudo pronto. *(Sai pelo F.)*

**JUSTINO**

Sempre quero ver isso. *(Depois de ele sair, rindo)* Aquela de eu me parecer tesoureiro porque consertei a tesoura tem graça.

**FABRINO**

*(Rindo)* Só essa me faria rir!

**INÁCIA**

*(Que observou tudo)* Vocês também acham graça em tudo! Por isso mesmo é que os empregados abusam. *(Noutro tom)* Afinal, vocês resolvem-se ou não ir à casa do Dr. Amarante?

**JUSTINO**

Que pressa, filha! Deixa primeiro o Ernani chegar. *(Sobe ao alpendre e olha para baixo.)*

**FABRINO**

Eu vou por ir, porque a minha presença não adianta nada. Bastava que fossem o Ernani e o seu Justino...

**INÁCIA**

Você é muito comodista. Que egoísmo! Mas que lhe custa também ir à casa do Dr. Amarante reforçar o pedido para que o rapaz seja nomeado?

**FABRINO**

Não tenho feito para pedir. *(Levanta-se do sofá e vai sentar-se na cadeira de balanço.)*

**INÁCIA**

Não tem feito para pedir, heim? Mas quando você quis arranjar o emprego que tem, andou a empenhar-se com Deus e todo mundo. Não me faça falar, que é o melhor!

**VIRGÍNIA**

*(Entrando pela E. A.)* Mamãe, onde pôs a senhora a caixinha dos botões que eu não há meios de encontrar?

**INÁCIA**

Está dentro daquela gavetinha de cima da máquina de costura.

**VIRGÍNIA**

(*Vendo Fabrino*) Ó Fabrino, você não tem que sair com papai?

**INÁCIA**

(*A Virgínia*) É... o teu marido, à última hora, está com escrúpulos de ir pedir emprego para teu primo.

**VIRGÍNIA**

Não presta mesmo para nada. É um verdadeiro pai da vida...

**FABRINO**

(*Contrariado*) Bem, não me aborçam mais. Eu vou à casa do Dr. Amarante.

**VIRGÍNIA**

(*A Inácia*) As meninas ainda não vieram?

**INÁCIA**

Ainda não. E eu que lhes recomendei tanto que não demorassem!

**VIRGÍNIA**

Talvez venham neste trem.

**INÁCIA**

É uma gente que não se incomoda com coisa alguma!

**JUSTINO**

(*Do alpendre, falando para baixo*) Já acabou esse? Agora você faz o seguinte: passa a vassoura nesse canteiro e começa a cortar a grama daquele outro. (*Depois de uma pausa, indicando*) Não é esse! O outro... o que está em frente do seu nariz... Sim, é esse mesmo.

**INÁCIA**

(*Impaciente*) Ó Justino, deixa lá o jardineiro e vá se vestir!...

**FABRINO**

É inútil. Não se pode escapar... (*Levanta-se, espreguiçando-se.*) Vou me vestir.

**VIRGÍNIA**

(*A Fabrino*) A sua roupa já está pronta em cima da cama.

**FABRINO**

(*Espreguiçando-se*) Está bem. Vamos lá a esse sacrifício... (*Sai pela D. A.*)

**INÁCIA**

Sacrifício?... Sacrifício são outras coisas que eu não quero agora dizer.

**VIRGÍNIA**

Não faça caso, mamãe. (*Senta-se.*)

**INÁCIA**

Esse teu marido...

(*Ouve-se ao longe o silvo da locomotiva.*)

**VIRGÍNIA**

(*Levantando-se*) Está chegando o trem! (*Corre ao alpendre e fica a olhar para fora.*)

**INÁCIA**

Há de ser bonito se eles não vêm nesse trem... (*Ouve-se o ruído de um comboio que pára próximo.*)

**JUSTINO**

(*Que se voltou*) Nem falar nisso é bom.

**VIRGÍNIA**

(*Que os divisou ao longe*) Vieram, sim. Estão descendo do carro...

**INÁCIA**

(*A Justino*) Que mais espera? Vá se vestir, que o trem para a cidade passa daqui a quarenta minutos.

**JUSTINO**

(*A Inácia*) Vou já. (*E falando novamente para baixo*) Ó Leocádio, mais depressinha com isso, senão fica pra amanhã.

**INÁCIA**

(*Exaltada*) Oh, homem de Deus, deixa a porcaria do jardim e vá se aprontar de uma vez, senão perde o trem!

**JUSTINO**

(*Descendo vagorosamente ao centro da cena*) Já vai, mulher! Já vai... Nem aos domingos se tem descanso!... (*Sai lentamente pela D. B.*)

**INÁCIA**

Anda, velho resmungão!...

(*Ouvem-se dentro risos contínuos de Nair e Ritinha, que se tornam cada vez mais distintos à medida que se aproximam.*)

**VIRGÍNIA**

(*Do alpendre*) Aí estão eles...

**NAIR**

(*Entra pelo F., ruidosa, alegre, com o chapéu na mão e a rir.*) Oh, Virgínia!... (*Beija-a e depois vindo a Inácia*) Mamãe... (*Beija-lhe a mão.*)

Dona Guiomar mandou muitas lembranças para a senhora.

**INÁCIA**

(*Em tom repreensivo*) Então isso são horas de voltar?

**NAIR**

Ela não nos deixou sair mais cedo... (*Pousa o chapéu em cima do piano e vai ao espelho compor os cabelos.*)

**RITINHA**

(*Que já entrou e falou a Virgínia, vindo a Inácia e beijando-lhe a mão*) Sua benção, dindinha...

(*Tira o chapéu.*)

**ERNANI**

(*Que também entrou, com importância*) Não se pode andar na rua acompanhado dessas meninas! É um custo para tomarem um bonde, um trem... (*Senta-se no sofá.*)

**NAIR**

(*Sentando-se numa cadeira*) E essa, heim, mamãe? Não é que o Ernani queria que nós tomássemos o trem em movimento?

**RITINHA**

(*Que se sentou na cadeira de balanço*) Era só o que faltava! Quem sabe se ele pensa que a gente quer se suicidar?...

**ERNANI**

São umas criaturas sem desembaraço, sem agilidade... Façam exercícios como eu, que desentorpecem os músculos.

**NAIR**

Não seja tolo, Ernani! Queria talvez que andássemos a correr pelas ruas.

**ERNANI**

Não é preciso correr; basta apenas que se imprima uma certa elasticidade aos passos.

**RITINHA**

Ih!... Vamos ter uma conferência sobre a ginástica.

**VIRGÍNIA**

(*Também sentada, rindo*) É deveras engraçado este nosso primo.

**ERNANI**

Ah! Eu é que sou engraçado?...

**NAIR**

(*Gracejando*) Um pelintra de terceira classe...

**RITINHA**

(*Idem*) Com pretensões à primeira. (*Todos riem.*)

**ERNANI**

(*Melindrado*) Olha que eu lhes dou má resposta... Já disse que não gosto dessas brincadeiras comigo!

**INÁCIA**

(*Intervindo*) Bem, chega de gracinhas! (*A Ernani*) Eu não lhe disse que o mais tardar estivessem aqui às dez horas?

**ERNANI**

A culpa não foi minha.

**NAIR**

Foi talvez nossa...

**ERNANI**

E foi mesmo. Por mais que eu lhes lembrasse que eram horas de voltarmos, vocês só respondiam: "É cedo, é cedo". (*Imita-as.*)

**NAIR**

Pois se Dona Guiomar não nos queria deixar sair...

**RITINHA**

Era uma grosseria da nossa parte não a atendermos...

**VIRGÍNIA**

Mas ainda chegaram a tempo.

**INÁCIA**

Isso é que não sabemos. (*A Ernani*) O mais interessante é que você, que precisa arranjar o emprego, não se incomoda; eu, que nada tenho com isso, é que estou preocupada que você vá falar ao Dr. Amarante...

**ERNANI**

Então eu não sei, titia?...

**INÁCIA**

Você precisa empregar-se. Isso não é vida! Está um homem feito, com vinte anos, e não tem um emprego. Se não aproveitar esta ocasião...

**ERNANI**

Esperarei por outra.

**NAIR**

(*Irônica*) Para um cavalheiro com tantas pretensões é de lamentar...

**RITINHA**

(*Idem*) Assim dificilmente alcançará a primeira classe... (*Risos.*)

**ERNANI**

(*Irritado*) São muito espirituosas estas moças!... Olha, façam-me cócegas para ver se eu lhes acho graça.

**INÁCIA**

(*A Nair*) Estão todos bons lá em casa de Dona Guiomar?

**NAIR**

Estão. (*Levantando-se*) Sabe, mamãe? A Zizinha está noiva.

**VIRGÍNIA**

(*Admirada*) A Zizinha?!... Assim tão depressa?

**RITINHA**

(*Rindo*) Mas que noivo feio arranjou ela! Tem cara de cachorro buldogue!...

**INÁCIA**

(*Repreensiva, a Ritinha*) Não faça caçoada! Quem sabe se você ainda não arranjará um marido com cara de cachorro buldogue?

**ERNANI**

Um marido com cara de cachorro buldogue?... (*Ri exageradamente.*)

**RITINHA**

(*Melindrada*) Olha que riso parvo!

**NAIR**

E umas visitas que estavam lá com as filhas vestidas escandalosamente?

**RITINHA**

(*Indicando a Inácia a altura acima do joelho*) Olha, madrinha. Uma trazia um vestido quase sem fazenda. A saia era curta até aqui.

**ERNANI**

É por economia...

**NAIR**

A própria mãe trazia uma blusa tão transparente que se via quase tudo.

**VIRGÍNIA**

Que horror!

**ERNANI**

Estava mesmo uma tentação!...

**NAIR**

Está ouvindo, mamãe?

**INÁCIA**

(*Repreensiva, a Ernani*) Ó seu Ernani, quero mais respeito aqui em casa!

**ERNANI**

Eu não disse nada de mais...

**RITINHA**

(*Que se levantou, indo sentar-se ao piano*) Deixa ver se aprendi aquele tango que Dona Guiomar tocou...

**INÁCIA**

(*Que também se levanta*) Nada de piano agora! Deixa ficar isso para logo, que agora temos mais o que fazer.

**RITINHA**

(*Fechando o piano*) Era só para lembrar...

**VIRGÍNIA**

(*Também se levantando*) Bem, vou acabar de consertar a blusa que veio da lavanderia. (*Sai pela E. A.*)

**INÁCIA**

(*Igualmente de pé*) Meninas, tratem de mudar esses vestidos. (*A Ernani*) Onde está a carta de apresentação para o Dr. Amarante?

**ERNANI**

Está com titio.

**INÁCIA**

Não vá ele se esquecer de levá-la. (*Sai pela D. B.*)

**RITINHA**

(*A Nair*) Já não me lembra o tango.

**NAIR**

(*Que se sentou na cadeira de balanço*) É assim. (*Começa a trauteá-lo.*)

**ERNANI**

(*Levantando-se do sofá e cantando na mesma cadência*) O que eu devia era ter contado a titia o que vi lá na estação, para vocês não se fazerem de espirituosas...

**NAIR**

(*Levantando-se*) Que viu você de mais?

**ERNANI**

Certos sorrisinhos, ultra significativos, dirigidos ao agente da estação...

**NAIR**

Você não sabe o que está dizendo.

**ERNANI**

Pensa que os outros são cegos? (*A Nair*) Você anda de namoro ferrado com o empregado da estação...

**NAIR**

Olha que idiotice! Se eu quisesse namorar, não ia escolher o empregado da estação.

**ERNANI**

(*Malicioso*) Então não sei.

**NAIR**

Só por eu cumprimentar o moço, já o estava namorando.

**RITINHA**

(*Intervindo*) E mesmo que estivesse namorando, que tinha o Ernani a ver com isso?

**NAIR**

Nem que fosse meu pai.

**ERNANI**

(*Com importância*) Mas sou seu primo.

**NAIR**

Ora! Um primo não é nada na ordem das coisas.

**RITINHA**

Que intrometido é esse Ernani.

**ERNANI**

(*Apanhando dois alteres, que estão em cima do piano*) Fique sabendo que os primos são as sentinelas avançadas da honra da família.

**NAIR**

(*Maliciosa*) Então há de ser por isso que todos os maridos têm sempre cuidado com os primos da mulher...

**ERNANI**

(*A Nair*) Sim? Onde é que você aprendeu isso? Nos romances ou nas fitas?

**RITINHA**

(*A Nair*) Eu tenho notado que Ernani preocupa-se muito com você. Quem sabe se ele tem ciúmes?



**NAIR**

Ora! Que idéia. (Ri.)

**ERNANI**

(Que, com um haltere em cada mão, começou a fazer contrações musculares com os braços.) Tenho mais o que fazer.

**NAIR**

(A Ernani) Se você soubesse como fica ridículo quando começa a fazer esses exercícios...

**RITINHA**

(Rindo) Parece um boneco de engonço...

**ERNANI**

(Zangado) Vou pedir-lhes um favor: acabem com esses gracejos, se não querem que eu lhes dê uma resposta desagradável.

**NAIR**

(Que subiu ao alpendre e examinou a gaiola)

Oh!... Tombou o bebedouro do sabiá.

Coitadinho! Com que sede deve ele estar...

(Despendura a gaiola e a traz para cima da mesa.)

E ninguém viu!... (Chamando) Ó Marcelina!...

Marcelina!

**RITINHA**

Pois sim! Pode chamá-la que...

**NAIR**

Ritinha, vai dizer a Marcelina que me traga um pouco d'água para o sabiá. Sim?

**RITINHA**

Sim. (Sai pela E. A.)

**ERNANI**

(Continuando com o exercício) Você jura que não está namorando o agente da estação?

**NAIR**

(Rindo) Este senhor meu primo tem cada uma...

**ERNANI**

(Sentimental) Queria que me desse a certeza, Nair! Gosto tanto de você... (Pousa os halteres em cima da mesa.)

**NAIR**

Vamos, priminho, juízo. Já não lhe pedi que não me falasse mais nisso? Para que insiste?

**ERNANI**

Se você quisesse, podíamos ser tão felizes.

**NAIR**

Olha, primo, trata primeiro de ser qualquer coisa na vida. Depois falaremos.

**ERNANI**

(Desapontado) Ah! A coisa é essa? (Retoma os halteres e recomeça os exercícios.) Ainda chegará o dia em que lhe provarei o quanto valho.

**NAIR**

Pois sim. Mas enquanto não chegar esse dia, não me importune mais com as suas declarações.

**MARCELINA**

(Entra pela E. A., trazendo um copo com água.) A senhora pediu água?

**NAIR**

Pedi, sim. É para encher o bebedouro do sabiá. (Recebe o copo da mão de Marcelina, enchendo o bebedouro da gaiola.) Há quanto tempo não está este pássaro sem água! Você não viu isso, Marcelina?

**MARCELINA**

(Zangada) Eu também não posso estar vendo tudo! Sou eu só para fazer tanta coisa...

**NAIR**

É, isso é... O pobre bichinho que morra de sede! Coitado do meu Diamantezinho!... (Leva a gaiola e vai novamente pendurá-la no alpendre.)

**ERNANI**

(Aproveitando a ida de Nair ao alpendre, baixo a Marcelina, com malícia) Como vai, sua "jeitosinha"?...

**MARCELINA**

(Irritada, alto) Eu não quero muita história comigo, seu Ernani!... Comigo o senhor não arranja nada! (Sai pela E. A., levando o copo.)

**ERNANI**

(Desapontado, continuando os exercícios e falando alto para abafar a voz de Marcelina) É preciso ter mais cuidado com a água do sabiá!...

**NAIR**

(Descendo ao centro) Que disse você a Marcelina, que ela zangou?

**ERNANI**

(Disfarçando) Que lhe disse?... Não ouviu? Disse-lhe que tivesse mais cuidado com a água do sabiá. É preciso de vez em quando ralhar-se com as criadas.

**NAIR**

(Rindo) Você não perde vasa, heim?... Tudo que lhe cai na rede é peixe...

**ERNANI**

(Cínico) Para um modesto pescador, uma sardinha o satisfaz.

**NAIR**

Sem-vergonha! (Vai sentar-se na cadeira de balanço.)

**ERNANI**

(Pousando novamente os halteres em cima da mesa) Ó priminha, não faça mau juízo de mim.

Bem sabe que só uma única pessoa me preocupa nesta vida: é você.

**NAIR**

(*Com enfado*) Vai continuar?

**ERNANI**

Não continuo, Nair, porque a minha adoração por você é ininterrupta. (*Apaixonado*) Quando não são os meus lábios que a exprimem, são os meus olhos eternamente enamorados da sua beleza!

**NAIR**

(*Com ar de troça*) Como você está inspirado!... Bem se vê que hoje é domingo.

**ERNANI**

(*Ajoelhando-se aos pés dela*) Por piedade, não zombe deste amor, que é sincero! Nair, se você quisesse...

**RITINHA**

(*Entrando neste momento pela E. A. e surpreendendo-os*) Sim, senhor... Muito bonito!

**ERNANI**

(*Disfarçando ao vê-la, a Nair*) Pois é isto, prima. Este é um dos golpes mais difíceis da luta romana. (*Faz um movimento imitativo. Depois levanta-se.*)

**RITINHA**

(*Enciumada*) É inútil disfarçar! Eu ouvi tudo. E você, Nair, que finge tanto desdenhar dele quando eu estou presente. Mas quando se apanha só com ele...

**NAIR**

(*Que se levantou, rindo, a Ritinha*) Você está mesmo supondo que eu o levo a sério? O que o Ernani diz não se escreve.

**ERNANI**

(*Melindrado*) Ora essa! Sou muito capaz de escrever o que digo.

**RITINHA**

(*A Nair*) Isso é o que você diz. No entanto vim surpreendê-los a...

**NAIR**

(*Séria*) Ora!... Nem tem resposta... Vou mudar o meu vestido. (*Sai pela D. A.*)

**RITINHA**

Santinha do pau oco!... (*Voltando-se para Ernani, que retomou os halteres e reenceta os exercícios*) Nunca pensei que você chegasse a tanto!

**ERNANI**

(*Zangado*) Chego a isso e ainda a mais. Sabe de uma coisa, senhorita? Batatas!

**RITINHA**

(*Chorosa*) Você há de se arrepender! Juro que se arrependerá! (*Sai pela D. A.*)

**ERNANI**

E que tal essa “zinha”, heim?

**INÁCIA**

(*Entrando pela D. B.*) Ó Ernani, onde pôs você a carta de apresentação para o Dr. Amarante?

**ERNANI**

Está com titio. (*Pousa os halteres em cima da mesa.*)

**INÁCIA**

Não está com ele.

**ERNANI**

(*Procurando lembrar-se*) Espera lá... Quem sabe se a deixei ficar na sala de jantar?

**INÁCIA**

Vá ver.

**ERNANI**

(*Apalpando os bolsos*) Onde a deixaria eu?...

**INÁCIA**

Também não sei onde diabo tem você essa cabeça!

**ERNANI**

(*Indicando a sua própria cabeça*) Tenho-a aqui. Não vê?... (*Sai pela E. A.*)

**INÁCIA**

Engraçadinho!...

**ANTONIO**

(*Aparecendo ao F. Traz vestido o uniforme de brim azul de guarda-chaves, boné, etc. Sobraça as duas bandeiras de dar sinais aos trens e traz um grande cacho de laranjas.*) Dá-me licença, Dona Inácia?... (*Raspa as solas dos sapatos no chão.*)

**INÁCIA**

(*Voltando-se*) Ah!... É o senhor, seu Antonio? Pode entrar.

**ANTONIO**

(*Tirando o boné e entrando*) Então com sua licença para dois.

**INÁCIA**

(*Admirada*) Para dois?...

**ANTONIO**

(*Rindo*) Para mim e mais este cacho de laranjas... Tive graça... pois não tive?

**INÁCIA**

(*Irônica*) Muita!... Como tem passado o senhor?

**ANTONIO**

Não tão bem como a senhora, mas vai-se vivendo. O Sr. Justino e mais as meninas... vão bem, pois não?

**INÁCIA**

Todos bem, obrigada. Mas que lindas laranjas, seu Antonio!

**ANTONIO**

Acha? Pois eu as trago de presente para o Sr. Justino, que, não desfazendo na minha pessoa, é um sujeito muito distinto.

**INÁCIA**

*(Com os olhos nas laranjas)* Ora, seu Antonio, para que esse incômodo...

**ANTONIO**

Qual incômodo, qual nada! Mandaram-me uma porção de cachos de laranjas. Lá para casa. Eu só não dou cabo delas. Então, se haviam de ficar pra lá a se estragarem, lembrei-me de oferecer um cacho ao Sr. Justino.

**INÁCIA**

Com que então foi para não se estragarem que o senhor trouxe esse cacho para o Justino... Muito obrigada.

**ANTONIO**

Não por isso. Eu cá sou assim: prefiro dar as coisas do que as ver apodrecerem.

**INÁCIA**

Pensa bem. *(Indo à porta da E. A. e gritando para dentro)* Ó Marcelina, venha cá.

**JUSTINO**

*(Em mangas de camisa, entrando pela D. B. e tentando abotoar o botão da camisa)* Como está apertado este colarinho!

**ANTONIO**

*(Ao vê-lo)* Oh, Sr. Justino!...

**JUSTINO**

Olá! Como vai você? Que faz por aqui?

**INÁCIA**

*(A Justino)* Trouxe-te de presente esse cacho de laranjas.

**JUSTINO**

Sim? Muito obrigado pela lembrança, seu Antonio.

**ANTONIO**

Não por isso, Sr. Justino. Se eu havia de deitá-las fora...

**JUSTINO**

*(Rindo)* Oh! Você é gentil...

**ANTONIO**

Gentil, não; sou Antonio.

**JUSTINO**

*(A Inácia)* Faz o seguinte: manda levar essas laranjas para a dispensa.

**ANTONIO**

Se quer que eu as leve...

**INÁCIA**

*(A Antonio)* Não é preciso. A Marcelina vem aí... *(Vendo Marcelina, que neste momento entra pela E. A.)* Aí está ela.

**MARCELINA**

A senhora chamou-me?

**INÁCIA**

Chamei-a, sim. *(Indicando)* Leve essas laranjas lá pra dispensa.

**MARCELINA**

Sim, senhora. *(Quer pegar o cacho, mas Antonio foge com a mão.)*

**JUSTINO**

*(A Inácia)* Afinal, a carta está ou não com o Ernani?

**INÁCIA**

Sei lá! Ele foi lá dentro ver se a encontrava e ainda não voltou. Vou eu mesma ver. *(Sai pela E. A.)*

**JUSTINO**

Vai lá ver isso. *(Dirigindo-se à D. B.)* Obrigado, heim, seu Antonio... *(Sai.)*

**ANTONIO**

Ora essa! Não se fala mais nisso.

**MARCELINA**

*(Que tem feito várias tentativas para pegar no cacho)* Deixa ver isso, seu Antonio!

**ANTONIO**

*(Risonho)* Que pressa, Dona Marcelina! *(Depois de uma pausa, rindo-se)* A Dona Marcelina vai bem?...

**MARCELINA**

Muito bem.

**ANTONIO**

E os seus todos, estão bons?

**MARCELINA**

Devem estar. E os seus?

**ANTONIO**

Também devem estar... se já não se foram...

**MARCELINA**

*(Estendendo a mão)* Faz favor de me dar as laranjas...

**ANTONIO**

Espera, Dona Marcelina. Há quanto tempo a gente não conversa.

**MARCELINA**

*(Receosa)* Pode chegar por aí a patroa... *(O sabiá canta.)*

**ANTONIO**

E que tem isso? Se ela chegar, nós já cá “estemos”. Estamos tão bem assim à “sóses”! E depois, ouvindo aquele rouxinol a cantar!...  
(Indica a gaiola do sabiá.)

**MARCELINA**

(Rindo) Rouxinol?... Aquilo é sabiá.

**ANTONIO**

Tanto faz. Para mim todos os pássaros são iguais. Eu também tenho lá em casa um canário belga nacional que é mesmo um regalo ouvir o raio do pássaro cantar! Canta até mesmo no escuro.

**MARCELINA**

Sim?... Bem, a conversa está muito boa, mas eu tenho o que fazer. (Estendendo a mão) Deixa ver as laranjas...

**ANTONIO**

Primeiro ouça uma coisa que lhe quero dizer.

**MARCELINA**

Então diga de uma vez. (Ri.)

**ANTONIO**

(A custo) Eu queria dizer-lhe que... que... (Rindo) Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

(Contendo o riso) Eu não estou me rindo...

**ANTONIO**

É uma coisa que há muito tempo ando para lhe dizer.

**MARCELINA**

E por que não diz?

**ANTONIO**

Olha que eu digo mesmo!...

**MARCELINA**

O senhor está mas é amolando muito!

**ANTONIO**

(Resoluto) Pois então vai mesmo. Dona Marcelina, eu... eu... (Desatando a rir) Assim não vale! Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

(Vendo Ernani, que entrou pela E. A., e Fabrino, que ao mesmo tempo entrou pela D. A., já vestido para sair, disfarçando a Antonio) Sim, senhor, vou levá-las para a dispensa. (Estende a mão para recebê-las.)

**ANTONIO**

(Que ainda não deu pela presença deles) Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

(Arrebatando-lhe o cacho da mão) Faz favor!... (Sai pela E. B.)

**ANTONIO**

(Tentando acompanhá-la) Ouça, Dona Marcelina!... (Dando com os dois, pára e fica a rir alvarmente para eles.)

**FABRINO**

Como se namora aqui em casa!...

**ERNANI**

Parece até que estamos na feira livre.

**ANTONIO**

(Começa a brincar com o boné.) É... eu vim trazer para o Sr. Justino umas laranjas que estão mesmo daqui. (Segura a ponta da orelha.)

**FABRINO**

Era isso que você estava dizendo à criada...

**ERNANI**

Isso era apenas a preliminar...

**ANTONIO**

Pois era... (Brincando com o boné, deixa-o cair no chão, sem que nenhum dos dois faça qualquer movimento para apanhá-lo.) Não se incomodem, que eu mesmo apanho. (Apanha o boné. Depois, consultando o relógio) Oh, c'os diabos! Faltam seis minutos para passar o S. B. 15!... Vou para o meu posto! Com suas licenças... (Sai a correr pelo F.)

**ERNANI**

Que faz toda a hora aqui esse guarda-chaves?

**FABRINO**

Sei lá! As chaves cá da casa é que parecem não estar bem guardadas.

**INÁCIA**

(Entrando pela E. A., a Ernani) E a carta?

**ERNANI**

Já disse que está com titio...

**INÁCIA**

(Contrariada) Queira Deus que por causa dessa carta...

**FABRINO**

(Consultando o relógio) Está na hora do trem. (Pondo o chapéu) Vou andando para a estação... Faltam quatro minutos.

**INÁCIA**

(Indo à porta da D. B. e falando para dentro) Até parece gracejo, Justino! Olha que só faltam quatro minutos para passar o trem.

**ERNANI**

(De chapéu na cabeça, a Fabrino) Vamos esperá-lo na estação...

**FABRINO**

Vamos. (Dirigem-se para a porta do F.)

**INÁCIA**

Esperem pelo Justino. (*Ouve-se ao longe o silvo da locomotiva.*)

**FABRINO**

Lá vem o trem! (*Sai a correr.*)

**ERNANI**

(*Apressado*) Titio! (*Também sai a correr pelo F.*)

**JUSTINO**

(*Entra vagarosamente pela D. B., ajeitando o colarinho*) A porcaria desse colarinho é que me atrasa!

**INÁCIA**

(*Pondo-lhe o chapéu na cabeça, aflita*) Depressa, senão perdes o trem!

**JUSTINO**

Que mulher impaciente és tu! (*Sai pelo F.*)

**INÁCIA**

Mas que homem, santo Deus! (*Vai para o alpendre e fica a olhar para a estação.*)

**VIRGÍNIA**

(*Entrando pela E. A.*) Já foram, mamãe?

**INÁCIA**

Já. Desconfio que não chegam à estação a tempo de apanharem o trem.

**VIRGÍNIA**

Por quê? (*Também sobe ao alpendre.*)

**INÁCIA**

Aquele teu pai! (*Ficam as duas a olhar para a estação. Nair e Ritinha, que já mudaram de vestidos, entram pela D. A., conversando.*)

**NAIR**

(*A Ritinha*) Quer dizer que você gosta de Ernani.

**RITINHA**

Quem? Eu?... Que tolice!

**NAIR**

Por que então ficou enciumada quando há pouco o surpreendeu a brincar comigo?

**RITINHA**

Brincar? Você chama a isso brincar? O Ernani estava fazendo-lhe uma declaração de amor... a valer.

**NAIR**

Ai que tolinha é você! O Ernani tem mania de fazer declarações a todas... Já o tenho surpreendido, mais de uma vez, em colóquios sentimentais com a criada.

**RITINHA**

(*Exaltando-se*) Até com a criada? Pois ele se atreveu a tanto?

**NAIR**

Você, Ritinha, por mais que faça, não pode

esconder a sua paixãozinha por Ernani.

**RITINHA**

Enganou-se! Sou até capaz de jurar...

**NAIR**

Pois então jura.

**RITINHA**

Juro mesmo. (*Noutro tom*) Não juro porque não vale a pena...

**NAIR**

(*Irônica*) Sim, santinha! (*Mostrando o dedo*)

Morda aqui...

(*Ouve-se o rumor de um comboio que se põe em movimento.*)

**INÁCIA**

(*Do alpendre*) Não é o que eu digo? Perderam o trem!...

**VIRGÍNIA**

Por pouco que apanhavam...

**INÁCIA**

(*Descendo ao centro da cena*) Aquele teu pai não se corrige!

**VIRGÍNIA**

(*Também vindo ao centro*) Não vale a pena ficar zangada por isso, mamãe.

**INÁCIA**

Estou vendo que eles não falam hoje com o Dr. Amarante.

**VIRGÍNIA**

Não faz mal. Falarão amanhã.

**INÁCIA**

Mas é que o melhor dia para se lhe falar é aos domingos e em casa dele.

**NAIR**

Daqui a pouco passa outro trem para a cidade.

**INÁCIA**

Tanto hão de fazer que, quando conseguirem falar ao Dr. Amarante, a vaga que existe já estará preenchida.

**VIRGÍNIA**

E será mais uma colocação que falha ao Ernani.

**NAIR**

Um emprego para o Ernani é indispensável.

**INÁCIA**

Se é! Ele tem necessidade de se empregar.

**NAIR**

(*Intencionalmente, olhando para Ritinha*) E agora mais do que nunca.

**VIRGÍNIA**

Por quê?

**NAIR**

Cá por coisas...

**RITINHA**

*(Que lhe compreendeu a intenção)* Que gracinha, heim!... *(Sobe ao alpendre.)*

**INÁCIA**

*(A Virgínia)* Reparaste se a Marcelina lavou toda a louça?

**VIRGÍNIA**

Ela não está lá dentro.

**INÁCIA**

Mas onde se meteria essa mulher? *(Chamando)*  
Ó Marcelina, Marcelina! *(Sai pela E. A.)*

**RITINHA**

*(Alvorçada, descendo ao centro da cena)* Sabem quem vem aí com o titio?

**VIRGÍNIA**

Quem é?

**RITINHA**

É o agente da estação.

**NAIR**

O agente da estação?... *(Corre ao F. Depois de olhar para fora)* É ele, é!... *(Descendo ao centro)*  
Que virá ele aqui fazer?

**VIRGÍNIA**

Provavelmente papai o convidou.

**RITINHA**

*(Reparando no vestido)* Estaremos decentes para recebê-lo?

**NAIR**

Vamos mudar o vestido. *(Ameaçam sair pela D. A.)*

**VIRGÍNIA**

Deixem-se disso! O agente da estação não é ninguém.

**NAIR**

Pode reparar... *(Vai ao espelho compor os cabelos e a roupa.)*

**RITINHA**

*(Também indo ao espelho)* Ele já nos viu hoje com outro vestido...

**VIRGÍNIA**

*(Depois de tirar o avental que traz, vai também ao espelho, tomando a frente às outras para melhor se mirar.)* Como vocês são vaidosas!...

**RITINHA**

*(Afastando-se, irônica)* Só a Virgínia é que nunca foi vaidosa...

**JUSTINO**

*(Aparecendo ao F., a Basílio, que o acompanha)*  
Tenha a bondade de entrar. Nada de cerimônias.

**BASÍLIO**

*(Com o uniforme de calça e dólma de brim cáqui e*

*colete preto, boné e caneta à orelha; acanhado)*  
Então, com sua licença... *(Desce ao centro. Basílio tem um tique nervoso que, de vez em quando, o obriga a erguer subitamente o ombro esquerdo, fazendo nesse momento uma suspensão rápida na palavra que está pronunciando.)*

**JUSTINO**

*(Amável)* À vontade senhor... Como é a sua graça?

**BASÍLIO**

Basílio Florido... um seu criado.

**JUSTINO**

Sim? Pois esta é a nossa casa, seu Basílio.  
*(Indicando Virgínia, que com as outras tem estado a cochichar a respeito de Basílio, com risinhos de mofa)* Esta aqui é Virgínia, minha filha mais velha... casada.

**BASÍLIO**

Casada?... *(Estendendo-lhe a mão)* Muito prazer, minha senhora...

**VIRGÍNIA**

*(Apertando-lhe a mão)* Igualmente. *(Afasta-se, contendo o riso.)*

**JUSTINO**

*(Indicando)* Esta é Nair... minha filha solteira.

**BASÍLIO**

*(Com certo alvoroço)* Sua filha solteira?...  
*(Apertando a mão de Nair)* Com muita satisfação, senhorita!...

**NAIR**

Oh, seu Basílio!... *(Afasta-se.)*

**JUSTINO**

*(Indicando Ritinha)* Ritinha, minha afilhada. É como se fosse nossa filha...

**BASÍLIO**

*(Apertando a mão de Ritinha)* Oh, mi... mi... *(A Justino)* Casada ou solteira?

**JUSTINO**

*(Rindo)* Solteira.

**BASÍLIO**

Ah!... Senhorita Ritinha, folgo muito em...

**RITINHA**

*(Interrompendo-o)* Também eu... *(Afasta-se. As três disfarçadamente, durante esta cena, troçam de Basílio e imitam-lhe os movimentos bruscos que ele faz. Justino, que nota isso, de quando em vez, disfarçadamente, faz sinais de reprovação para elas.)*

**JUSTINO**

Pois a nossa casa estará sempre às suas ordens, seu Basílio. Quando quiser nos dar o prazer...

**BASÍLIO**

Oh, meu caro senhor!... Imensamente grato...

**NAIR**

(*Vindo a Basílio*) O senhor está há pouco tempo nesta estação?...

**BASÍLIO**

Há apenas dez dias que fui transferido para aqui.

**VIRGÍNIA**

(*Que também se tem aproximado*) Está satisfeito, seu Basílio?

**BASÍLIO**

Ah, minha senhora, imensamente satisfeito! Isto aqui é deveras pitoresco.

**JUSTINO**

Por que não nos sentamos?

**BASÍLIO**

Agradecido. Estou de serviço e não posso abandonar a estação por muito tempo.

**RITINHA**

Nós conhecemos um empregado lá da estrada.

**NAIR**

É o seu Antonio.

**BASÍLIO**

(*Que não se lembra*) Antonio?...

**JUSTINO**

É o guarda-chaves. Já o conhecemos há muito...

**VIRGÍNIA**

Ele vem sempre aqui...

**BASÍLIO**

Ah!... É por isso que, quando ele desaparece da estação, dizem logo que deve estar na casa onde canta o sabiá...

**NAIR**

(*Rindo*) Tem graça! A casa onde canta o sabiá...

**JUSTINO**

(*Apontando para a gaiola*) Está ali o sabiá que dá o nome à casa.

**BASÍLIO**

É admirável! Nunca vi um sabiá que tivesse o canto tão mavioso como este! O senhor nem imagina como eu aprecio o canto dos pássaros! Nas minhas horas de folga tenho passado muito tempo encostado àquela grade, embevecido, a ouvir o canto desse sabiá. (*Vai à porta do F. e aponta para fora.*)

**JUSTINO**

Pertence a Nair...

**BASÍLIO**

(*Entusiasmado, a Nair*) Felicito-a, senhorita! Possui o primeiro sabiá do mundo!

**NAIR**

(*Rindo*) Não exagere, seu Basílio!

**VIRGÍNIA**

(*A Basílio*) Também o senhor tem um passarinho lá na estação, que canta muito...

**BASÍLIO**

Passarinho lá na estação? Não me consta.

**RITINHA**

Nós ouvimos, às vezes, um som lá da estação que parece um pássaro cantando.

**JUSTINO**

Não será o apito das máquinas?

**NAIR**

Que idéia, papai!

**BASÍLIO**

(*Lembrando-se*) Ah!... Já sei. O som que ouvem é da minha flauta.

**VIRGÍNIA**

O senhor toca flauta?

**BASÍLIO**

(*Com modéstia*) Toco, minha senhora, toco... Mas toco muito mal.

**RITINHA**

(*Irônica*) Isso é modéstia...

**JUSTINO**

O senhor podia vir tocar aqui.

**NAIR**

Temos aí o piano... Podíamos até organizar concertos.

**RITINHA**

Bela idéia!

**INÁCIA**

(*Entrando pela E. A., a Justino*) Eu não disse que perdias o trem?

**BASÍLIO**

Daqui a pouco passará outro para a cidade.

**JUSTINO**

(*A Basílio, indicando-lhe Inácia*) Minha mulher... Inácia. (*A Inácia, indicando-lhe Basílio*) O seu Basílio, o novo agente da estação.

**BASÍLIO**

(*Distraído, a Justino*) Solteira?

**JUSTINO**

Que diz o senhor?

**BASÍLIO**

(*Caindo em si*) Oh! Desculpe... (*A Inácia*) Imensa honra, minha senhora...

**INÁCIA**

(*Contrafeita*) Do mesmo modo... obrigada.

**BASÍLIO**

Agora peço licença para me retirar. Já devo estar

fazendo falta na estação.

**JUSTINO**

Pois quando quiser nos dar o prazer, seu Basílio, não faça cerimônias. Esta casa é sua.

**INÁCIA**

Apareça, seu Basílio.

**BASÍLIO**

Oh! "Muitíssimamente" grato! (*Distribui cumprimentos de cabeça.*) Minha senhora... Senhoritas...

**TODAS**

(*Entre risos de troça*) Seu Basílio... Seu Basílio...

**JUSTINO**

(*A lançar olhares de reprovação às meninas, a Basílio*) Sempre às suas ordens, seu Basílio. (*Acompanha-o até o F.*)

**BASÍLIO**

(*A Justino*) Não se incomode. (*Cumprimenta Fabrino e Ernani, que apareceram momentos antes e ficaram no alpendre a observar o que se passa em cena, e sai.*)

**JUSTINO**

(*Depois de ele sair, descendo ao centro, furioso, às meninas, que continuam a fazer troça de Basílio*) Mas que é isso?!

**INÁCIA**

Estas meninas não tomam juízo!

**RITINHA**

(*Rindo*) A gente não pode deixar de rir!... (*Imita o movimento que Basílio faz com o ombro. Risadas gerais.*)

**ERNANI**

(*Vindo ao centro, a Justino*) O senhor faz mal em convidar esse sujeitinho para vir à sua casa.

**JUSTINO**

Por quê?

**ERNANI**

Não se sabe quem ele é...

**NAIR**

(*A Ernani*) Papai sabe o que faz.

**JUSTINO**

Certamente.

**INÁCIA**

(*A Justino*) O melhor é irem andando para a estação para não perderem o outro trem...

**JUSTINO**

(*Desabotoando o colarinho*) Sem primeiro mudar esse colarinho, não vou. (*A Inácia*) Vem dar-me outro colarinho. (*Sai pela D. B.*)

**FABRINO**

Estou vendo que perdemos novamente o trem.

**INÁCIA**

(*Contrariada*) Até com o colarinho este homem se atrapalha! (*Sai pela D. B.*)

**RITINHA**

(*Notando o despeito de Ernani, baixo a ele*) Está com ciúmes do agente, heim...

**ERNANI**

(*Furioso, a Ritinha*) Não me aborreça! (*Gritando*) Eu já vou para a estação! (*Põe o chapéu na cabeça e sai ao F.*)

**FABRINO**

(*Reparando*) Que diabo terá o Ernani?...

**NAIR**

(*Rindo*) Mordeu-lhe algum bicho?

**VIRGÍNIA**

Saiu furioso.

**RITINHA**

Isso passa.

**LEOCÁDIO**

(*Entrando pelo F.*) Seu Fabrino, está lá fora, ao portão, um homem que quer falar com o senhor.

**FABRINO**

Quem é?

**LEOCÁDIO**

Não o conheço.

**FABRINO**

Não lhe perguntou o nome?

**LEOCÁDIO**

Não, senhor.

**FABRINO**

(*Que foi ao F., depois de olhar para fora*) Mas quem será?...

**LEOCÁDIO**

(*Que o acompanhou à porta, apontando*) É aquele, que está passeando de um lado para o outro.

**NAIR**

(*Que também foi ao F. olhar*) É um rapaz bem vestido.

**RITINHA**

(*Idem*) Parece estrangeiro...

**FABRINO**

(*Fazendo menção de sair*) Vou ver quem é.

**VIRGÍNIA**

(*Segurando-o*) Não faça isso! Manda-o entrar.

**FABRINO**

É o melhor. (*A Leocádio*) Manda-o entrar.

**LEOCÁDIO**

Aqui pra dentro?



**FABRINO**Então para onde havia de ser? (*Leocádio sai.*)**NAIR**

Que visita será essa?

**FABRINO**

Não posso atinar. Procurar-me aqui em casa... num domingo...

**VIRGÍNIA**

Deve ser algum amigo teu.

**FABRINO**

Qual amigo! Nunca o vi mais gordo.

**NAIR**

Parece ser um homem de tratamento.

**RITINHA**(*Compondo o vestido*) E é elegante...**FABRINO**

Não convém que vocês fiquem aqui. Vão lá para dentro.

**VIRGÍNIA**Com toda a certeza. Meninas, cá para dentro.  
(*Sai pela D. A.*)**NAIR**Sim, nós vamos. (*Depois de olhar para fora, baixo a Ritinha*) É um rapaz alinhado.**RITINHA**(*Entusiasmada*) É o tipo do rapaz esportivo.**FABRINO**(*Que reparou*) Aí, namoradeiras!**RITINHA**(*A Fabrino*) Que tem você com isso?**NAIR**(*Em tom de gracejo*) Parece gente este João-niguém! (*Saem rindo pela D. A.*)**FABRINO**

Mais respeito comigo, ouviram?

**ELVÍDIO**(*Trajando com apuro, elegante, polainas, luvas, monóculo, etc., aparece ao F.*) O Sr. Fabrino...**FABRINO**(*Sem o reconhecer*) Um seu criado... Com quem tenho a honra de falar?**ELVÍDIO**(*Sorridente*) Não me reconheces?**FABRINO**(*Depois de um esforço de memória*) Espera... Sim, agora... (*Lembrando-se*) Elvídio!**ELVÍDIO**

Sim, sou eu mesmo, Fabrino!...

**FABRINO**(*Surpreso*) Tu, aqui?!...**ELVÍDIO**(*Abrindo os braços*) É verdade, meu velho. Venha de lá esse abraço! (*Abraçam-se demoradamente.*)**FABRINO**(*Com efusão*) O meu querido Elvídio! Que agradável surpresa!**ELVÍDIO**(*Afrouxando o braço*) Há catorze anos não nos vemos!**FABRINO**(*Deixando-o*) Uma verdadeira eternidade!**ELVÍDIO**

Então, que é feito de ti?

**FABRINO**

Aqui onde me vês. Já não sou o Fabrino que conhecestes há catorze anos, estróina inveterado como tu, o implacável inimigo da santa instituição do lar, da família.

**ELVÍDIO**(*Com um gesto de horror*) Que me dizes? Aposto que te casaste.**FABRINO**

É como dizes.

**ELVÍDIO**(*Pondo-lhe a mão no ombro, com um ar consternado*) Pobre amigo, como te lamento!... Para completar a tua desgraça, estás também carregado de filhos.**FABRINO**

Por enquanto não tenho nenhum.

**ELVÍDIO**

Como é que um homem de idéias sãs, como eras tu, acabou se pervertendo com o casamento? É inconcebível! Enfim...

**FABRINO**Não sejas pessimista. (*Indica-lhe uma cadeira junto da mesa, e tira-lhe da mão a bengala e o chapéu, que vai pôr em cima do piano.*) Senta-te.**ELVÍDIO**(*Sentando-se*) Como o tempo passa e transforma os homens!**FABRINO**(*Que apanhou uma cadeira e sentou-se próximo*) É verdade... (*Reparando*) O meu inseparável companheiro Elvídio!... Como estás bem disposto, forte... corado.**ELVÍDIO**

São os ares sadios da Europa... ou antes: de Paris. Lá desfruta-se um belo clima e um bem-estar que não se tem aqui, onde tudo é mau e insuportável.

**FABRINO**

Que é isso, Elvídio? Voltaste assim tão feroz com a tua terra?

**ELVÍDIO**

Certamente. Só pode gostar disto quem não conhece a Europa com toda a sua requintada civilização.

**FABRINO**

Mesmo depois da guerra?

**ELVÍDIO**

Ora, a guerra!... A guerra já se foi há muito e Paris, a nossa incomparável Paris, já retomou o seu aspecto habitual. Creia, meu amigo, só na Europa se vive. Aqui vegeta-se. Mais do que isso: estiola-se o físico e o espírito. Isto aqui não vale o pior lugarejo da Europa.

**FABRINO**

Eu penso justamente ao contrário.

**ELVÍDIO**

Pudera!... Nunca saíste desta joça.

**FABRINO**

Que diabo! Se detestas tanto assim a tua terra, para que voltaste?

**ELVÍDIO**

Estás enganado: não voltei. Vim apenas de fugida vender umas propriedades que aqui possuo e raspo-me quanto antes. E agora, asseguro-te, não ponho mais os pés no Brasil.

**FABRINO**

Que mau brasileiro és tu!

**ELVÍDIO**

Que! Ainda és desse tempo? Ora, deixa-te de patriotices. Não sejas retrógrado! Paris é tudo: o resto é paisagem, como dizia Eça de Queiroz.

**FABRINO**

Bem, fica com as tuas idéias, que eu ficarei com as minhas. Mudando de assunto: como vieste aqui parar?

**ELVÍDIO**

Foi o Alberico que me disse que moravas para estes lados.

**FABRINO**

Ah! Foi o Alberico?

**ELVÍDIO**

Ele não sabia bem onde era. Informou-me apenas a estação. Tomei o trem, apeei-me na estação e perguntei. Foi lá que me disseram que moravas na casa onde canta o sabiá.

**FABRINO**

(*Rindo*) Sim... É por causa daquele sabiá de minha cunhada, cujo canto é a admiração da vizinhança...

**ELVÍDIO**

Mas como tudo isto é prosaico! Uma esposa, uma cunhada, uma casa no subúrbio... um sabiá que canta... O que eu não posso compreender é como tu, um espírito emancipado, que abominava toda essa coisa, acabasses sucumbindo como qualquer burguês de idéias atrofiadas! Se me contassem, eu não acreditaria. É pasmoso!...

**FABRINO**

Que queres? Eu não possuía uma fortuna como tu, que me permitisse ir viver na Europa... Por aqui fiquei, apaixonei-me e...

**ELVÍDIO**

Apaixonaste-te?... Oh, romântico indígena! Não me repitas isso! Não posso conceber que um ser pensante se deixe dominar pelos instintos baixos como qualquer irracional...

**FABRINO**

Decididamente não és um homem: és uma máquina destruidora.

**ELVÍDIO**

Sou simplesmente um homem saturado da civilização, o que não sucede contigo e os outros infelizes que aqui vivem arraigados à tradição da tanga e a contemplarem boquiabertos as palmeiras onde cantam os sabiás.

**FABRINO**

Precisas voltar imediatamente para a tua Paris.

**ELVÍDIO**

O mais depressa que possa. Por falar em Paris: sabe quem te mandou lembranças? A Lolete Vernon.

**FABRINO**

(*Sem se lembrar*) Que Lolete?

**ELVÍDIO**

Até a memória perdeste. Então já não te lembras da Lolete, aquela francesinha morena, que cantava no antigo Eldorado e me atraía quando era minha amante, para depois te atraíar comigo quando se passava para a tua conta e risco...

**FABRINO**

(*Lembrando-se*) Ah, sim!... Mas que falta de lealdade da tua parte, ó Elvídio!

**ELVÍDIO**

E também da tua, vil traidor! Enfim... ficava tudo entre amigos. Que belos tempos aqueles!... Ela está atualmente fazendo um bruto sucesso num cabaré de Montmartre com a cançoneta... (*Cita o título de uma cançoneta francesa antiga.*)

É uma delícia ouvi-la cantar! (*Descuidado, como se estivesse à vontade em casa, põe os pés sobre a mesa e começa a trautear a cançoneta citada. Vendo Nair, que entra pela D. A., levanta-se um tanto comprometido.*) Desculpe...

**FABRINO**  
(*Vendo-a*) Ah!... É a minha cunhada Nair.

**ELVÍDIO**  
(*Risonho, a ela*) Sim?...

**FABRINO**  
(*A Nair, indicando Elvídio*) É o Elvídio, um velho amigo meu, que acaba de chegar de Paris.

**NAIR**  
(*Curvando-se ligeiramente num cumprimento*)  
Muito prazer... (*Fica a olhá-lo de longe.*)

**ELVÍDIO**  
(*Afetado*) Mademoiselle...

**JUSTINO**  
(*Entrando pela D. B., a Inácia, que o acompanha*)  
Com este colarinho estou mais à vontade.

**INÁCIA**  
Não facilites, senão perdes outra vez o trem.

**FABRINO**  
(*A Justino*) Meu sogro, quero apresentá-lo a um velho amigo, o Elvídio.

**JUSTINO**  
(*Surpreso, tirando o chapéu que trazia na cabeça*)  
Oh!... Não havia reparado. Vinha preocupado com o colarinho...

**ELVÍDIO**  
(*Apertando-lhe a mão*) Tenho muita satisfação em conhecê-lo.

**JUSTINO**  
Outro tanto!... Basta que seja amigo do meu genro para que desde já o considere também meu...

**ELVÍDIO**  
Cativa-me com tanta gentileza!

**FABRINO**  
(*A Elvídio, indicando Inácia*) Minha sogra...

**ELVÍDIO**  
(*Apertando a mão de Inácia*) Minha senhora...

**INÁCIA**  
Do mesmo modo... (*A Justino*) Pede licença a este senhor, que tens de sair.

**JUSTINO**  
É verdade.

**FABRINO**  
(*A Justino*) Como vê, meu sogro, não posso acompanhá-lo. Tenho que fazer companhia ao Elvídio.

**ELVÍDIO**  
Isso não! Por minha causa...

**JUSTINO**  
(*A Fabrino*) Absolutamente! Você não precisa ir.

**INÁCIA**  
(*Contrariada, à parte*) Inda mais esta!

**ERNANI**  
(*Entra a correr pelo F.*) Ó titio, não se demore que o trem está chegando.

**JUSTINO**  
(*Vagaroso*) Sim, vamos lá. A carta de apresentação?...

**ERNANI**  
Não está com o senhor?

**JUSTINO**  
(*Apalpando os bolsos*) Eu não a tenho.

**ERNANI**  
Também não está comigo.

**JUSTINO**  
(*Chamando*) Ó Virgínia!

**ERNANI**  
Vou ver se está na gaveta da *etagère*, na sala de jantar. (*Sai pela E. A.*)

**JUSTINO**  
(*A Inácia*) Vê se está ali no quarto.

**INÁCIA**  
(*Zangada*) Que consumição! (*Sai pela D. B.*)

**NAIR**  
(*Do alpendre*) Papai, o trem está chegando à estação!...

**JUSTINO**  
Essa só mesmo pelo diabo! Ó Fabrino, você não tem a carta?

**FABRINO**  
(*Que tem estado a apalpar os bolsos*) Não.

**VIRGÍNIA**  
(*Entrando pela D. A. com Ritinha*) Que é, papai?  
(*Cumprimenta Elvídio com um sinal de cabeça.*)

**JUSTINO**  
(*A Virgínia*) Você não viu uma carta sobrescrita para o Dr. Amarante?

**VIRGÍNIA**  
Não, papai.

**JUSTINO**  
(*A Ritinha*) Nem você?

**RITINHA**  
Eu não vi, padrinho...

**JUSTINO**  
Mas onde estará essa carta?

**NAIR**  
(*Do alpendre*) Depressa, papai!

**INÁCIA**

(*Entrando pela D. B.*) Aqui no quarto não está.

**ERNANI**

(*Entrando a correr pela E. A.*) Na gaveta da etagère não está. (*Começa a procurar em todos os bolsos.*)

**NAIR**

Não adianta mais nada, o trem já partiu. (*Ouve-se o ruído do comboio em movimento.*)

**INÁCIA**

(*Furiosa*) Decididamente é sina tua perderes o trem!

**JUSTINO**

Que hei de fazer?

**ERNANI**

(*Achando a carta no bolso de trás da calça*) Achei a carta! Estava aqui no bolso da calça...

**TODOS**

(*Rindo*) Oh!...

(*Esta cena final deve ser executada com a máxima rapidez possível.*)

**2º ATO**

(*Em cena Elvídio, Nair, Fabrino, Inácia e Justino. Todos sentados, com exceção de Nair, que está de pé, junto ao piano.*)

**JUSTINO**

(*A Elvídio*) Não pretende então voltar mais ao Brasil?

**ELVÍDIO**

Pelo menos tenho essa esperança...

**FABRINO**

(*Em tom de gracejo*) Com certeza desta vez o Elvídio, ao regressar a Paris, naturaliza-se francês.

**ELVÍDIO**

Isso não.

**NAIR**

Não era de admirar. O seu Elvídio é mais francês do que brasileiro...

**INÁCIA**

Não acredito que o seu Elvídio seja capaz de fazer semelhante coisa.

**JUSTINO**

(*Rindo*) E a prova é que ele ainda não fala com o sotaque de francês...

**ELVÍDIO**

(*Rindo*) Como são implacáveis com as suas ironias! Apesar do meu fanatismo por Paris, não sou inimigo do meu país.

**FABRINO**

Está visto. O Elvídio fala mal da pátria por esporte. É um passatempo como outro qualquer.

**NAIR**

(*Intencionalmente*) O que não posso compreender é que se cultive esse esporte por prazer.

**INÁCIA**

Se o senhor se demorasse mais no Brasil acabava se acostumando e o achava bom.

**JUSTINO**

A coisa é o seguinte: quando a gente passa muito tempo fora de sua terra esquece-a; mas depois, voltando, identifica-se novamente com o meio, reavivando as antigas amizades, criando outras novas, e assim torna-se a gostar da terra que nos foi berço, mesmo com todos os seus defeitos.

**ELVÍDIO**

Sim, de acordo...

**FABRINO**

Tal e qual como certos homens, que ao abandonarem as suas amantes, acham que elas são defeituosas, insuportáveis, jurando nunca mais as verem. Tempos depois, ao reencontrar alguma, após alguns momentos de conversa, começa ele a achar-lhe qualidades e encantos, que antes nunca lhe descobrira ou mesmo porque então talvez ela não os possuísse... e não tardam em caírem um nos braços do outro.

**JUSTINO**

Exatamente.

**INÁCIA**

(*Escandalizada*) A comparação, se é feliz, não é decente para ser feita em casa de família nem diante de moças solteiras.

**FABRINO**

(*Irônico*) Está bem, minha sogra, vou salvar a moral. Em vez do caso da minha comparação passar-se entre amantes, passa-se entre criaturas legalmente casadas.

**INÁCIA**

Ainda pior!...

**ELVÍDIO**

(*Rindo*) O Fabrino teve espírito.

**INÁCIA**

O senhor acha?

**ELVÍDIO**

Entretanto, o caso da comparação de Fabrino não se dará comigo, devido ao pouco tempo que tenciono ficar aqui e não terei por isso ocasião de descobrir as virtudes pátrias... Se por aqui n

deixasse ficar, era natural que me habituasse. A gente habitua-se às piores coisas...

**NAIR**

*(Não se contendo mais)* Pois era bem melhor, seu Elvídio, que o senhor não voltasse mais! Brasileiros como o senhor, que têm prazer em falar mal de sua terra, achando que lá fora tudo é melhor, podiam ir embora de uma vez, que nenhuma falta fazem!

**JUSTINO**

*(Em tom repreensivo)* Menina, que é isso?

**INÁCIA**

Não se fala desse modo, Nair!

**FABRINO**

*(Irônico)* É preciso ter em conta que Elvídio é um parisiense amável...

**ELVÍDIO**

Bravos, senhorita! Não a julgava tão patriota.

**NAIR**

Gosto muito do meu país e detesto as pessoas que falam mal dele.

**JUSTINO**

*(A Nair)* Então, menina!

**INÁCIA**

O senhor desculpe-a, seu Elvídio...

**ELVÍDIO**

*(Levantando-se)* Desculpar o quê?... Confesso que aprecio essa franqueza. O que sinceramente lamentaria era que a Mademoiselle Nair ficasse por isso ressentida comigo...

**NAIR**

Absolutamente, seu Elvídio. Cada qual pensa do seu modo. E daí – quem sabe? –, se eu passasse alguns anos em Paris, talvez também fizesse do meu país o mau juízo que o senhor faz.

**JUSTINO**

*(Levantando-se)* Sabem de uma coisa? Vamos fazer o seguinte: não se fala mais nesse assunto. *(Todos se levantam.)*

**FABRINO**

*(Consultando o relógio)* A que horas querem ir ver a casa?

**ELVÍDIO**

Podemos ir já.

**INÁCIA**

Não convém demorarem muito a fim de estarem de volta cedo para o jantar.

**JUSTINO**

Teremos trem agora?

**FABRINO**

Que trem, meu sogro? Vamos de automóvel. O

Elvídio tem aí à porta um esplêndido carro à nossa disposição.

**JUSTINO**

Sim? Eu não sabia.

**INÁCIA**

*(A Justino)* Vê lá agora se também vai perder o automóvel como tem sucedido com os trens. *(Gargalhada geral, com exceção de Nair, que fita Elvídio com rancor.)*

**JUSTINO**

Nem que eu esteja acostumado a perder trens...

**ELVÍDIO**

Estaremos de volta dentro de uma hora.

**FABRINO**

*(Gracejando)* Vamos ver se desta vez fico proprietário.

**ELVÍDIO**

E por que não? Estou disposto a desfazer-me de todas as minhas propriedades que tenho aqui no Brasil...

**INÁCIA**

*(A Elvídio)* Talvez o Fabrino não disponha da importância que o senhor quer pela casa.

**ELVÍDIO**

Ora, minha senhora!... O Fabrino é meu amigo. Ele dará pela casa quanto lhe convier e paga-la-á quando puder.

**FABRINO**

Sim, sim... Mas amigos, amigos, casas à parte.

**ELVÍDIO**

Não é tanto assim.

**JUSTINO**

*(Recebendo o chapéu que Inácia lhe foi buscar)* Olha lá o jantar que nos vai arranjar, heim?

**INÁCIA**

Não é preciso recomendar.

**JUSTINO**

*(Pondo a mão no colarinho)* Este colarinho...

**INÁCIA**

Já queres implicar com o colarinho? Vê lá!

**FABRINO**

*(A Inácia, em tom de gracejo)* Minha sogra, um jantar *comme il faut!* Olha que o nosso convidado é parisiense...

**ELVÍDIO**

Isso! Troça-me à vontade. *(Enquanto Justino e Fabrino conversam baixo com Inácia, vindo a Nair)* Então, ainda está muito zangada comigo?

**NAIR**

*(Dissimulando)* Eu? Não. Não tenho razões para isso...

**ELVÍDIO**

Promete perdoar-me?

**NAIR***(Mal dissimulando a sua contrariedade)* Ora, seu Elvídio!... Não me ofendeu em coisa alguma...**ELVÍDIO***(Terno)* Nem pode imaginar como sentiria se ficasse magoada comigo!... Daria tudo para evitar-lhe essa contrariedade, que involuntariamente, ou talvez por leviandade, eu lhe causei... Não me quer mal?**NAIR**De modo algum... *(Força um sorriso.)***ELVÍDIO***(Envolvendo-a num olhar terno)* Vou satisfeito. *(Estendendo-lhe a mão)* Até logo.**NAIR***(Depois de hesitar, dando-lhe a mão a apertar)* Até logo.**FABRINO***(Dando o chapéu a Elvídio)* Vamos, ó Elvídio.**ELVÍDIO**Vamos. *(A Inácia)* Até logo.**INÁCIA**

Até logo, seu Elvídio.

**JUSTINO***(À porta do F.)* Olha esse jantar... *(Saem os três pelo F.)***INÁCIA**

Já sei, homem! Vá embora.

**VIRGÍNIA***(Entrando pela E. A., a Marcelina, que a acompanha)* Você é teimosa, Marcelina! Já disse que as garrafas estão lá no armário da dispensa!**MARCELINA**

Não estão!

**VIRGÍNIA**Eu vou dizer a você se estão ou não. *(Chamando Inácia, que está no alpendre a olhar para baixo)* Mamãe... *(Ouve-se o rumor de um automóvel que se põe em movimento.)***INÁCIA***(Depois de fazer sinais de despedida para fora, voltando-se a Virgínia)* Que é?**MARCELINA***(A Virgínia)* Então a senhora quer saber mais do que eu, que todos os dias arrumo a dispensa?**VIRGÍNIA**Espera... *(Impaciente, chamando Inácia, que ainda olha para fora)* Ó mamãe!**INÁCIA***(Descendo ao centro)* Que quer você?**VIRGÍNIA**

As garrafas de vinho do Porto, que papai trouxe num dia destes, não estão na dispensa?

**INÁCIA**

Estão.

**VIRGÍNIA**

Como é que Marcelina está teimando que não estão?

**MARCELINA**

Eu não vejo lá nada...

**INÁCIA***(A Marcelina)* Abra o armário da parede e veja se não estão seis garrafas naquela prateleira de cima.**MARCELINA**

Ah!... Na prateleira de cima não olhei.

**VIRGÍNIA**

Quando você não tiver certeza das coisas não teime.

**MARCELINA**

Também a gente não tem obrigação de adivinhar...

**VIRGÍNIA**

O que você quer é conversa! Vá buscar três garrafas e leve-as para a sala de jantar.

**MARCELINA**

Só três? Três não chegam.

**VIRGÍNIA***(Contrariada)* Traga só três, mulher! Se for preciso, vai-se buscar mais...**MARCELINA**

Podia trazer todas de uma vez...

**VIRGÍNIA**

Ó criatura, vai fazer o que estou mandando!

**MARCELINA***(Carrancuda)* Já sei. Não é preciso falar mais.**INÁCIA**

Vê lá agora se fica por lá.

**MARCELINA**Não fico, não. *(Sai pela E. B.)***VIRGÍNIA**

Que mulher teimosa essa Marcelina!

**INÁCIA**Está mal acostumada. *(Vendo Nair pensativa)* Que tem, minha filha?**NAIR**

Nada, não senhora.

**INÁCIA**

Você não fale mais do modo com que há pouco censurou o seu Elvídio.

**VIRGÍNIA***(A Inácia)* Que disse ela?**INÁCIA**

Respondeu mal ao seu Elvídio. Isso é uma grosseria que não se faz!

**NAIR**

Não me pude conter. Revolta-me ouvir a todo o momento esse sujeitinho falar mal do que é nosso.

**INÁCIA**

Todos nós temos a obrigação de sermos delicados com as pessoas que nos visitam.

**VIRGÍNIA**

E depois, ele é amigo de Fabrino.

**INÁCIA**

Vai vender-lhe uma casa a prazo...

**NAIR**

É... eu não sei guardar conveniências. O que vou fazer é não aparecer mais quando ele estiver aí.

**INÁCIA**

Não, senhora! Isso não é bonito.

**VIRGÍNIA**

Pode ele reparar...

**NAIR**

E que repare! Como antipatizo com esse homem! Nem o posso ver! Se soubesse como o odeio!

**INÁCIA**

Abranda esse gênio, menina!

**VIRGÍNIA***(A Inácia)* Mas por que é que ela está assim?**INÁCIA**

Está muito cheia de vontades.

**NAIR***(Exaltando-se)* Pois fiquem sabendo que não lhe apareço mais!**INÁCIA**

Tomara eu ver isso!

**NAIR**Já disse e repito que não lhe apareço e ninguém me obriga! *(Sai zangada pela D. A.)***VIRGÍNIA**

Estou estranhando a Nair...

**INÁCIA**

Desconfio que isso deve ser...

**RITINHA***(Entrando pela D. A.)* Que tem Nair, que está chorando?**INÁCIA**

Ela está hoje atacada dos nervos.

**VIRGÍNIA**

Ó Ritinha, você precisa vir ajudar a gente cá dentro.

**RITINHA***(Com um muxoxo)* Já sei!**INÁCIA***(A Ritinha)* Não sei o que faz você a toda a hora metida no quarto.**RITINHA**

Eu não demorei nada; foi só enquanto mudei o vestido...

**ERNANI***(Entrando ao F., atira o chapéu para cima do piano.)* Sua bênção, titia...**INÁCIA**

Deus o abençoe... Então, arranjuste alguma coisa?

**ERNANI**

Qual o quê! Levei mais de duas horas a esperar o ministro. Ele não apareceu, "dei o fora".

**INÁCIA**

E por que não esperou mais?

**ERNANI***(Apanhando os halteres)* Quem sabe se eu sou criado do ministro para ficar à espera até a hora que ele resolva chegar? *(Começa a fazer exercícios.)***VIRGÍNIA**

Mas você não necessita arranjar um emprego?

**INÁCIA**

Não parece...

**RITINHA**

O Ernani tem razão.

**INÁCIA***(Repreensiva, a Ritinha)* Quem lhe está perguntando alguma coisa? A senhora tem que perder esse costume de se meter na conversa dos outros!**RITINHA***(Sentida)* Sim, madrinha, fico sabendo...**INÁCIA***(A Ernani)* Logo vou ter uma conversa com Justino a seu respeito. Isto sim é que não pode continuar!**VIRGÍNIA**

Decerto. Um homem dessa idade e sem emprego...

**ERNANI**

Mas como se incomodam com a minha vida! Nem que eu fosse pr'aí um menino de colégio.

**INÁCIA**

O seu tio lhe dirá.

**MARCELINA**

*(Entrando pela E. B., trazendo três garrafas)*  
Vejam lá se são estas...

**INÁCIA**

São, sim...

**VIRGÍNIA**

*(A Marcelina)* Você parece que está de má vontade. Que cara!...

**MARCELINA**

Nunca tive outra cara...

**ERNANI**

*(Vendo as garrafas)* Que é isso? A “bóia” vai ser hoje melhorada?

**RITINHA**

*(A Ernani)* O seu Elvídio janta hoje aqui...

**ERNANI**

Logo vi. Quando sou eu quem janta não há vinho...

**VIRGÍNIA**

*(A Marcelina)* Que mais espera? Leve as garrafas para dentro!

**MARCELINA**

Não precisa falar mais! *(Sai pela E. A.)*

**VIRGÍNIA**

*(Acompanhando-a)* Tem sempre uma resposta! *(Saem as duas discutindo.)*

**INÁCIA**

*(A Ernani)* Vamos, acabe com esses exercícios aqui dentro da sala de visitas! Vá lá para o jardim fazer isso. Que bela vida, heim? Em vez de procurar emprego, faz exercícios...

**ERNANI**

*(Sem parar)* *Mens sana in corpore sano*, titia.

**INÁCIA**

Quando se perde a vergonha...

**ERNANI**

Os outros não a acham.

**INÁCIA**

*(Depois de olhar para ele)* O seu tio lhe dirá... *(A Ritinha)* Ó dona, temos o que fazer cá dentro. *(Sai pela E. A.)*

**RITINHA**

Está vendo, Ernani, o que nesta casa aturo de todos?

**ERNANI**

*(Sem parar os exercícios)* Console-se comigo.

**RITINHA**

Desgraçada daquela que não tem pais, como eu, e é obrigada a viver de favor na casa dos outros...

**ERNANI**

Você não é aqui bem tratada?

**RITINHA**

Sabe Deus o que eu sofro calada! Mas qualquer dia pego no que é meu e vou-me embora.

**ERNANI**

Para onde?

**RITINHA**

Sei lá! Vou ser qualquer coisa... Emprego-me como criada...

**ERNANI**

Não pratique essa violência.

**RITINHA**

Pobre de mim! Durante algum tempo ainda nutri uma única esperança, que era você...

**ERNANI**

Eu?... Ó pequena, você está padecendo de excesso de imaginação.

**RITINHA**

Por que me despreza, Ernani?

**ERNANI**

Nunca disse que gostava de você...

**RITINHA**

É que já não se lembra. A sua prima Nair fez você se esquecer de mim...

**ERNANI**

Vamos deixar disso, Ritinha! Que podia você esperar de mim? Não vê que sou um sem trabalho? Não posso comigo, quanto mais com um contrapeso às costas!

**RITINHA**

Arranje um emprego. Podíamos ser tão felizes! Não sou exigente: contento-me com qualquer coisa.

**ERNANI**

Havia de ser o ideal, heim? Nós dois sentados, à espera que nos caísse a comida do céu. Eu não fazendo nada e você ainda menos...

**RITINHA**

Eu trabalho. Sei cozinhar, coser, bordar...

**ERNANI**

Qual! Parece que a nossa sina é não trabalhar. Se você soubesse como a vida é difícil com a mania que têm os senhorios de cobrarem aluguéis das casas e os vendeiros em não fiarem, nem me falava em casamento, que é uma coisa que a gente só deve aconselhar aos outros.

**RITINHA**

*(Alterando-se)* O que é sei eu! É que você está apaixonado por Nair.



**ERNANI**

Deixemos dessas conversas! Podem saber disso e eu não quero embrulhada comigo...

**RITINHA**

Você tem medo?

**ERNANI**

O que eu tenho é... *(Noutro tom)* Vou fazer exercícios lá pra baixo. *(Sai pela E. B.)*

**RITINHA**

Ele não gosta de mim!... *(Fica triste.)*

**BASÍLIO**

*(Aparecendo ao F., trazendo a caixa da flauta)*  
Dá-me licença?...

**RITINHA**

*(Dissimulando)* Pois não, seu Basílio. Faça favor de entrar.

**BASÍLIO**

*(Entrando)* Obrigado. *(Apertando-lhe a mão)*  
Passa bem?

**RITINHA**

Passo bem... agradecida. E o senhor?

**BASÍLIO**

Menos mal.

**RITINHA**

O senhor não quer sentar-se?

**BASÍLIO**

Não, senhorita, estou bem. A senhorita Nair?...

**RITINHA**

Está lá dentro.

**BASÍLIO**

É que eu vim por causa do ensaio da serenata de Schubert...

**RITINHA**

*(Vendo Nair entrar pela D. A.)* Ali está ela. Ó Nair, o seu Basílio está à sua espera.

**BASÍLIO**

*(Numa mesura a Nair)* Senhorita...

**NAIR**

*(Dissimulando a contrariedade)* É o senhor, seu Basílio?

**BASÍLIO**

Aproveitei uma folga, deixando lá na estação o praticante, e vim para fazermos um ensaiozinho...

**NAIR**

Um ensaiozinho?... Como quiser.

**RITINHA**

Com licença, seu Basílio.

**NAIR**

Fica, Ritinha.

**RITINHA**

A madrinha está à minha espera!... *(Sai pela E. A.)*

**NAIR**

*(À parte)* Desta vez não escapo!...

**BASÍLIO**

Não sei se me torno importuno...

**NAIR**

Ao contrário, seu Basílio. É verdade que agora não disponho de muito tempo...

**BASÍLIO**

É um instante. *(Abrindo a caixa da flauta)*  
Fazemos uma passagem rápida. Eu já estou farto de tocar a serenata de Schubert, mas a senhorita manifestou o seu receio e pediu-me que viesse fazer um ensaio...

**NAIR**

Foi.

**BASÍLIO**

A senhorita já me ouviu tocar essa serenata?

**NAIR**

Como podia ouvi-la? O senhor nunca a tocou na minha presença...

**BASÍLIO**

Ouviu-a, sim... *(Em tom confidencial)* Ainda esta noite toquei-a repetidas vezes.

**NAIR**

É possível. A estação é tão longe, que não ouvi.

**BASÍLIO**

Não foi na estação que a toquei: foi mais perto... Aqui junto do gradil desta casa...

**NAIR**

Ah!... o senhor costuma tocar flauta junto do gradil aqui de casa?

**BASÍLIO**

*(Depois de certificar-se de que está só, com um sorriso significativo)* Costumo. Ouviu esta noite?

**NAIR**

Não. Talvez estivesse dormindo...

**BASÍLIO**

Não devia estar. A janela do seu quarto ainda estava iluminada.

**NAIR**

*(Admirada)* Quê! O senhor já sabe qual é a janela do meu quarto?

**BASÍLIO**

*(Indicando para o lado direito)* É a quarta deste lado.

**NAIR**

Como é que o senhor sabe?...

**BASÍLIO***(Terno)* O coração adivinha...**NAIR**

Não sabia que o senhor estava assim tão adiantado.

**BASÍLIO**

Prova que me interesse pelo que lhe diz respeito.

**NAIR**

Ninguém diria...

**BASÍLIO***(Apaixonadamente)* Ah, senhorita!... Se não fosse a sua existência aqui nesta casa... Nem imagina como me preocupa o pensamento desde a primeira vez que a vi!...**NAIR***(Atalhando)* Vamos ensaiar a serenata? *(Procurando a serenata numa rima de papéis de músicas, que está em cima do piano)* Não sei onde está a serenata... *(Achando-a)* Está aqui. *(Tira-a dentre as outras músicas, coloca-a na estante do piano e senta-se, enquanto Basílio prepara a flauta.)***ANTONIO***(Entrando a correr pelo F.)* Seu agente! Ó seu agente!...**BASÍLIO***(Contrariado)* Que é, homem?**ANTONIO**

Corra à estação que o praticante está aflito à sua procura...

**BASÍLIO**

Que houve?

**ANTONIO**

Não sei. Deve ser por causa de um telegrama que chegou...

**BASÍLIO**

E é preciso que eu vá lá por causa disso?

**ANTONIO**

Sim, senhor. E não se demore, que a coisa é grave!

**BASÍLIO***(Furioso)* Aquela besta!... *(Para Nair, que se levantou)* Perdão, senhorita! Que sujeitinho inútil é aquele praticante!**ANTONIO**

Não se demore, seu agente!

**BASÍLIO***(Possesso, a Antonio)* Já sei... sua... sua...**ANTONIO**

Não fale em pessoas da família, que há senhoras presentes.

**BASÍLIO***(A Nair)* Não demoro, senhorita. *(Pondo a flauta em cima do piano)* Deixo ficar a flauta... Volto já... *(Sai pelo F.)***NAIR***(Rindo)* À vontade... Não tenho pressa.**ANTONIO***(Que foi até a porta do F., olhando para fora)* Ele vai que nem um raio.**NAIR**

Quando é que esse agente será transferido para outra estação?

**ANTONIO**

Está custando. Já era tempo de ele ir andando, mas apegou-se a esta estação. Dizem até que mete empenhos para não ser transferido.

**NAIR**

Nenhum tem demorado tanto como este.

**ANTONIO**

Pois olhe: bem podia ir, que não deixa saudades.

**MARCELINA***(Entrando pela E. A.)* Dona Nair, a sua mãe está chamando a senhora lá dentro.**ANTONIO***(Satisfeito)* Boa tarde, Dona Marcelina.**MARCELINA**

Boa tarde...

**NAIR**

Mamãe não disse o que queria de mim?

**MARCELINA**Não, senhora. *(Nair sai pela E. A.)***ANTONIO**

Ah, Marcelininha, há quanto tempo não nos pilhamos assim tão a "sóses"!

**MARCELINA**

E que falta tem feito? O senhor não tem nada que me dizer...

**ANTONIO**Isso é o que lhe parece! *(Batendo no peito)* Sabe lá o que eu tenho armazenado cá dentro para despejar para fora?...**MARCELINA**

E por que não despeja?...

**ANTONIO**

Eu bem queria dizer, mas a senhora não me dá entrada...

**MARCELINA***(Rindo)* Esse seu Antonio tem coisas!...**ANTONIO***(Também rindo)* Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

Eu não estou me rindo...

**ANTONIO**

Isso é que está! *(Como ela continua a rir)* Está vendo?... Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

Seu Antonio, o senhor me dá licença. A patroa mandou-me à venda.

**ANTONIO**

Então é que calha mesmo bem! Eu espero-a ali à esquina para conversarmos mais à vontade.

**MARCELINA**

O senhor “emaluqueceu”?! Havia de ser muito bonito se me vissem conversar com o senhor na rua.

**ANTONIO**

Que mal havia? A rua é um lugar onde se pode fazer tudo. A questão é escolher a hora.

**MARCELINA**

*(Rindo)* O senhor acha?

**ANTONIO**

Isso é que acho!... Já começa a senhora... Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

*(Depois de olhar para dentro)* Aí vem a patroa! Até logo. *(Vai a sair pelo F.)*

**ANTONIO**

*(Fazendo menção de acompanhá-la)* Eu também vou.

**MARCELINA**

*(Voltando-se)* Não faça isso que me compromete! *(Sai apressada pelo F.)*

**ANTONIO**

*(Ficando)* Esta minha falta de coragem...

**INÁCIA**

*(Entrando pela E. A.)* A Marcelina ainda não voltou?... *(Vendo Antonio indeciso, a rir para ela)* Que faz o senhor aqui?

**ANTONIO**

*(Atônito)* Eu, minha senhora!... A senhora passa bem?

**INÁCIA**

Bem. O senhor queria alguma coisa?...

**ANTONIO**

Não queria... Isto é: queria, queria, minha senhora. É que vim chamar o agente...

**INÁCIA**

*(Que compreendeu)* Sim?... *(Vai ao alpendre, chamando:)* Leocádio! Ó Leocádio! *(Depois de verificar que ele não está no jardim)* Onde se meteria esse rapaz? *(Desce ao centro.)*

**ANTONIO**

Ele ainda não voltou?

**INÁCIA**

Ele saiu?

**ANTONIO**

Quando eu vinha pra cá vi-o em frente àquele terreno onde estão armando o circo de cavalinhos.

**INÁCIA**

Então nós lhe pagamos o ordenado para ele abandonar o serviço e ir ver armar circos?

**ANTONIO**

É um “desabuso” de confiança!

**INÁCIA**

O senhor pode fazer-me um favor, seu Antonio?

**ANTONIO**

Até dois, minha senhora.

**INÁCIA**

Vá chamá-lo.

**ANTONIO**

Ora essa! Por que não? Tenho mesmo que passar por lá... Fica em caminho.

**INÁCIA**

Então faça esse favor.

**ANTONIO**

É pra já. *(Sai pelo F.)*

**ERNANI**

*(Entrando pela E. B. com os halteres)* Por hoje basta.

**INÁCIA**

Onde estava você, Ernani?

**ERNANI**

Estava lá embaixo, treinando.

**INÁCIA**

Será possível que você não encontre outra coisa mais útil a fazer?

**ERNANI**

*(Que foi pôr os halteres em cima do piano)* Oh, titia! Mas que implicância comigo!

**INÁCIA**

Não posso compreender que um homem como você passe a vida sem trabalhar!

**ERNANI**

Há muita gente que tem a mesma ocupação. E tenho eu porventura culpa que não apareçam empregos?

**INÁCIA**

Você tem sempre uma desculpa pronta. Seu pai, velho como está, que esteja a trabalhar a fim de mandar dinheiro para você viver a boa vida.

**ERNANI**

E que culpa tenho eu que ele seja meu pai?

**INÁCIA**Preguiçoso! (*Vendo Leocádio, que entrou a medo pelo F.*) Agora é que você aparece? Onde estava?**LEOCÁDIO**(*Coçando a cabeça*) Trabalhando no jardim.**INÁCIA**

Mentira!

**LEOCÁDIO**

Estava, sim senhora!

**INÁCIA**

Não estava tal, que me fartei de chamá-lo.

**ERNANI**(*À parte*) Esta é difícil de enganar.**LEOCÁDIO**

Eu não ouvi...

**INÁCIA**

Não ouviu porque, em vez de estar tratando da sua obrigação, estava vendo armar o circo.

**LEOCÁDIO**

Eu, patroa?!...

**INÁCIA**Sim, você mesmo! Pensa que eu não sei? Venha cá à cozinha, que tem o que fazer. (*Sai pela E. A.*)**LEOCÁDIO**Sim, senhora. (*Vai a sair.*)**ERNANI**

Você também é de circo, heim, seu vagabundo!

**LEOCÁDIO**(*Voltando*) Eu já o avisei que não quero confianças comigo!**ERNANI**

Vagabundo, sim!

**LEOCÁDIO**(*Avançando para ele*) Que diz você?**ERNANI**(*Recuando com medo e gritando*) Ó titia! Titia, o Leocádio...**LEOCÁDIO**Quando eu o pilhar a jeito... (*Sai pela E. A.*)**ERNANI**(*Indo até a porta*) Vê lá se queres experimentar o peso do meu braço!**NAIR**(*Entrando pela E. A.*) Ó Ernani, o seu Basílio ainda não voltou?**ERNANI**

Quem? O agente da estação?

**NAIR**

Sim.

**ERNANI**

Que vem ele cá fazer?

**NAIR**

Vem ensaiar a serenata de Schubert para logo à noite...

**ERNANI**(*Duvidoso*) Hum!... Parece-me que essa coisa de ensaiar a tal serenata não passa de um pretexto que vocês arranjam para poderem conversar à vontade.**NAIR**(*Rindo*) Mas que grande parvo você me saiu!**ERNANI**

É, agora chama-me de parvo. Se eu soubesse tocar flauta, talvez não fosse parvo...

**NAIR**

Não diga tolices!

**ERNANI**(*Suplicante*) Mas para que você há de ser tão cruel para mim, priminha!**NAIR**(*Séria*) Olha, ó Ernani, vamos acabar com esse brinquedo!**ERNANI**

Por que não corresponde a esta paixão que eu alimento por você?

**NAIR**

Quer saber?

**ERNANI**(*Apasionadamente*) Oh, sim! Diga, que tudo farei para conquistar o seu amor!**NAIR**(*Com ar de troça*) Quando você for alguma coisa na vida.**ERNANI**

Que quer que eu faça?

**NAIR**

Alguma coisa de notável que o tire da vulgaridade em que jaz. Pratique um ato qualquer que o torne digno da minha admiração.

**ERNANI**(*Pensativo*) Um ato que me torne digno de sua admiração?... Já pensei: quer que arranje um emprego.**NAIR**

Não basta. Exijo mais. Vamos, anime-se a fazer qualquer coisa que o imponha à admiração pública.

**ERNANI**

Não é muito fácil... E se eu aprender a tocar flauta? (*Desanimado*) Levaria muito tempo. Não possuo a embocadura...

**NAIR**

Então fica combinado que não me tocará mais nesse assunto enquanto não se achar com direito a isso.

**ERNANI**

(*Resoluto*) Pois bem, Nair, juro-lhe que dentro de poucos dias eu terei conquistado esse direito!

**NAIR**

Bravos!

**ERNANI**

(*Tomando-lhe a mão*) O amor faz milagres! Custe o que custar, dominarei esse coraçãozinho rebelde!

**NAIR**

Assim, ardoroso paladino!

**ERNANI**

Juro a fé de quem sou que esta mão será minha. (*Beija-lhe a mão.*)

**RITINHA**

(*Que entra nesse momento pela E. A.*) Eu não disse?

**NAIR**

(*Retirando a mão, rindo*) É um desastrado esse Ernani!

**RITINHA**

Não disfarcem, que não adianta. Eu já desconfiava e agora tive a confirmação.

**NAIR**

(*Indo a Ritinha*) Que está você dizendo, ó tolinha?

**RITINHA**

(*Contendo as lágrimas*) Que você é uma traidora muito grande! (*Desata a chorar.*)

**NAIR**

Mas que fiz eu para você chorar dessa maneira?

**ERNANI**

(*A Nair*) Não faça caso.

**RITINHA**

(*Chorando*) Para que eu vim ao mundo, meu Deus? Sou uma desgraçada!

**NAIR**

(*Acariciando-a*) Escuta, Ritinha.

**RITINHA**

(*Repelindo-a*) Amiga falsa!

**NAIR**

Falsa por quê? (*Lembrando-se*) Ah!... Agora é que estou percebendo... É por causa daquele

brinquedo de Ernani?

**ERNANI**

Por minha causa, vírgula. (*Indicando Ritinha*) Nada tenho com essa menina.

**VIRGÍNIA**

(*Entrando pela E. A.*) Que choro é este? Mamãe mandou perguntar.

**NAIR**

Não sei por que a Ritinha está chorando.

**RITINHA**

Você bem sabe, sim. Já sei o que me resta fazer: vou-me embora!

**VIRGÍNIA**

(*A Ritinha*) Afinal, o que houve?

**RITINHA**

Não sei. Vou já aprontar o que me pertence e vou-me embora! Antes tivesse morrido ao nascer! Sou muito infeliz!

**VIRGÍNIA**

Responda, Ritinha. Que tem você?

**RITINHA**

Eu já compreendi que não me querem nesta casa. Querem me ver pelas costas? Pois eu vou-me embora. (*Sai chorando pela D. A.*)

**NAIR**

Onde é que se viu uma coisa assim?

**VIRGÍNIA**

Vocês são umas verdadeiras crianças. Ouve, ó Ritinha. (*Saem as duas pela D. A.*)

**ERNANI**

Não se pode ser bonito nem esportista. (*Pensativo*) Mas que hei eu de fazer para conquistar a mão de Nair?...

**LEOCÁDIO**

(*Entrando pela E. A.*) Agora também já sou ajudante de cozinha!...

**ERNANI**

(*Desesperado*) Não me ocorre uma idéia feliz! Eu que possuo tanta força!...

**LEOCÁDIO**

Mas não venha experimentá-la em mim, que você se sai mal! Olha: se quer experimentá-la, vá lutar com o hércales do circo.

**ERNANI**

(*Com interesse*) Que hércales é esse?

**LEOCÁDIO**

Ainda não sabe? No circo que estão armando ali adiante puseram um anúncio desafiando quem queira lutar com o atleta.

**ERNANI**

(*Radiante*) Ah! Achei o meio de impor-me à

admiração pública! Aceito o desafio! Vou lutar com o héracles do circo!

**LEOCÁDIO**

Olha que ele o achata!

**ERNANI**

Achatar-me a mim? Você é burro! Para que eu ando treinando diariamente? Quando estréia o circo?

**LEOCÁDIO**

Daqui a quatro dias é a primeira função.

**ERNANI**

*(Resoluto)* Pois eu vou já inscrever-me! Impor-me-ei à admiração pública e reclamarei a posse daquele coração insubmisso!

**LEOCÁDIO**

*(Rindo)* Vai pra lá que o héracles amarrotar-lhe o canastro...

**ERNANI**

*(Ameaçando-o)* Quem é que me amarrotar?...

**LEOCÁDIO**

*(Avançando para ele)* Comigo, não! Olha que eu não sou o héracles!...

**ERNANI**

*(Recuando amedrontado)* Titia! Ó titia! *(Leocádio sai pelo F.)* Quando este foge, que fará o héracles? *(Pondo o chapéu numa atitude heróica)* Vou inscrever-me! *(Sai pelo F.)*

**MARCELINA**

*(Entrando pelo F., receosa, trazendo embrulhos, a Antonio, que a acompanha)* Mas que atrevimento é esse, seu Antonio? O senhor tem a coragem de me acompanhar?

**ANTONIO**

A senhora não quis parar na rua...

**MARCELINA**

Parar pra quê?

**ANTONIO**

É que eu tive uma lembrança e queria dizer-lhe...

**MARCELINA**

Pois diga de uma vez, que a patroa está esperando pelas compras.

**ANTONIO**

*(Hesitante)* Há pouco tive uma idéia... *(Rindo)* Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

Que mania tem o senhor de estar à toda hora dizendo que eu estou rindo. Até logo. *(Dirige-se à E. A.)*

**ANTONIO**

Ouçã. Não vê que eu me lembrei de convidá-la para irmos à estréia daquele circo...

**MARCELINA**

Eu ir com o senhor ao circo?

**ANTONIO**

Que tem lá isso? Quem paga as entradas sou eu.

**MARCELINA**

Não me faltava mais nada! Adeus. *(Nova investida para sair.)*

**ANTONIO**

*(Segurando-a pelo braço)* Por que se faz tão mazinha para mim?

**MARCELINA**

*(Zangada)* Que abuso é esse? Larga o meu braço!

**ANTONIO**

Está mesmo zangada comigo?

**MARCELINA**

Decerto que estou.

**ANTONIO**

Qual está, qual nada! Olha a carinha dela! *(Rindo)* Não se ria, Dona Marcelina!

**LEOCÁDIO**

*(Entrando pelo F. com um feixe de lenha)* Este homem parece que não tem o que fazer lá na estrada! Toda a hora metido aqui.

**ANTONIO**

*(Ao dar com Leocádio, disfarçando)* Eu estava dizendo a Dona Marcelina que...

**LEOCÁDIO**

*(Malicioso)* Deixa disso! O que o senhor quer sei eu.

**ANTONIO**

*(Alterando-se)* Você é besta!

**MARCELINA**

*(Assustada)* Não gritem, que a patroa pode ouvi-los!

**LEOCÁDIO**

*(A Marcelina)* Se você se desse ao respeito, o guarda-chaves não estava aqui.

**MARCELINA**

Não sou eu quem o chama aqui.

**ANTONIO**

*(A Leocádio)* A Dona Inácia há de saber que você anda a correr a toda a hora para o circo de cavalinhos.

**LEOCÁDIO**

*(Em atitude agressiva, arriando o feixe de lenha)* Ah! Foi você que lhe foi dizer?

**MARCELINA**

Lá vem a patroa! *(Sai apressada pela E. A.)*

**ANTONIO**

*(Esfregando apressadamente os pés no chão)* Oh, co'os diabos! *(Sai a correr pelo F.)*

**LEOCÁDIO**

(*Apanhando o feixe*) Não perdes por esperar!  
(*Sai pela E. A.*)

**VIRGÍNIA**

(*Entrando pela D. A., com a mão sobre o ombro de Ritinha, que vem limpando os olhos com um lenço*) Deixe-se dessas tolices, Ritinha. Todos aqui em casa gostam de você...

**NAIR**

(*Que as acompanha*) Não sei de que se queixa Ritinha! Ela é tratada aqui em casa como se fosse da família... como se fosse nossa irmã.

**VIRGÍNIA**

Está visto.

**RITINHA**

Eu é que sou infeliz.

**NAIR**

Uma tola é que você é em pensar que Ernani esteja em condições de casar com alguém.

**RITINHA**

Eu não penso em semelhante coisa.

**NAIR**

Pensa, sim. E pensa também que eu gosto dele.  
(*Rindo*) Não me faltava mais nada... Pois se eu não ligo a coisas melhores, quanto mais a Ernani...

**VIRGÍNIA**

(*Concluindo*) ... que não tem onde cair morto.  
(*A Ritinha*) Vamos, deixe de criancices! Faça as pazes com Nair... Dê-lhe um beijo.

**NAIR**

Vem cá, bobinha.

**RITINHA**

(*Amuada*) Não vou...

**VIRGÍNIA**

(*Empurrando-a para o lado de Nair*) Vá, não se faça de rogada!

**NAIR**

(*Abraçando-a*) Fique certa de que, se algum dia alguém a fizer sofrer, não serei eu. (*Beija-a.*)

**VIRGÍNIA**

Assim!... (*A Ritinha*) Agora trata de ir lavar esses olhos, que estão inchados de tanto você chorar.  
(*Impelindo-a*) Vai. (*Ritinha sai pela D. A.*)

**NAIR**

(*Rindo*) Para que lhe havia de dar!

**VIRGÍNIA**

Vocês não têm juízo... (*Sai pela E. A.*)

**BASÍLIO**

(*Aparecendo, apressado, ao F.*) Dá-me licença, senhorita?...

**NAIR**

Pois não, seu Basílio! Entre.

**BASÍLIO**

Creio que podemos fazer agora o nosso ensaio.

**NAIR**

Era alguma coisa de importância?

**BASÍLIO**

Qual! Aquele praticante é que é um verdadeiro inepto... uma besta! (*Caindo em si*) Oh, senhorita, perdão... Vou hoje mesmo officiar ao diretor pedindo a remoção desse praticante.

**NAIR**

(*Dirigindo-se para o piano*) Vamos então recomeçar...

**BASÍLIO**

(*Apanhando a flauta*) Com muito prazer, senhorita.

**NAIR**

(*Sentando-se ao piano*) Passamos isso rapidamente.

**BASÍLIO**

Está claro. (*Experimenta a flauta, tocando-a.*)

**NAIR**

(*Com os dedos no teclado*) Posso começar?

**BASÍLIO**

Quando quiser, senhorita.

**NAIR**

Agora!... (*Basílio prepara-se para tocar, quando entra Antonio a correr pelo F., aflito.*)

**ANTONIO**

Ó seu agente!

**BASÍLIO**

(*Contrariado*) Que há?

**ANTONIO**

Corra à estação!... O praticante está chamando... Depressa!

**BASÍLIO**

Mas que refinada cavalgada é aquele praticante! Que aconteceu?

**ANTONIO**

Parece-me que S.D. 20 saltou fora dos trilhos...

**BASÍLIO**

(*Assustado*) Oh, diabo!... Com licença, senhorita!... (*Sai a correr pelo F.*)

**ANTONIO**

(*Indo até a porta e olhando para fora*) Como ele corre!... (*Ri.*)

**NAIR**

(*Que se levantou do piano e vai a ele, assustada*) Houve algum desastre?

**ANTONIO**

Não houve, mas podia haver.

**ANTONIO**

Então para que veio assustá-lo?

**ANTONIO**

Ora essa! O lugar dele é na estação e não aqui.  
Com sua licença, menina (*Sai pelo F.*)

**RITINHA**

(*Entrando pela D. A., a Nair, que subiu ao alpendre*) A Virgínia?

**NAIR**

Está lá dentro. (*Reparando na gaiola*) Que relaxadona é essa criada! Ainda não fez a limpeza da gaiola do sabiá! (*Dependura a gaiola e vem pousá-la em cima da mesa.*)

**RITINHA**

Eu queria fazer um pedido a você, Nair. Promete não se zangar nem dizer nada a ninguém?

**NAIR**

Prometo.

**RITINHA**

Você jura que não gosta do Ernani?

**NAIR**

Quantas vezes quiser. Juro pela vida de meus pais. Quer mais?

**RITINHA**

Estou satisfeita. (*Abraçando-a*) Eu sempre tive muita confiança em você.

**NAIR**

Mas ainda há pouco fez aquela cena. (*Pausa*) Vou eu mesma tratar da limpeza da gaiola, senão... (*Saem as duas pela E. A.*)

**FABRINO**

(*Entrando pelo F.*) Cá estamos nós de volta.

**ELVÍDIO**

(*Que o acompanha*) Que esplêndido passeio fizemos.

**JUSTINO**

(*Entrando pelo F., contrariado*) Por estas e outras é que a gente perde a paciência!

**ELVÍDIO**

Que foi, Sr. Justino?

**JUSTINO**

O Leocádio não fez o serviço que lhe mandei fazer.

**FABRINO**

(*Rindo*) Aí está o meu sogro preocupado com o jardim!...

**JUSTINO**

Estou aqui, estou pondo-o a andar. (*Indo ao alpendre, chamando*) Ó Leocádio!... Leocádio!

**ELVÍDIO**

(*A Fabrino*) Está satisfeito com o negócio?

**FABRINO**

Satisfeitíssimo! O que precisamos é regularizar a forma de pagamento.

**ELVÍDIO**

Não havemos de brigar por causa disso.

**JUSTINO**

(*Do alpendre, chamando*) Leocádio!

**FABRINO**

Talvez esteja lá dentro.

**JUSTINO**

(*Descendo ao centro da cena*) Não sei onde diabo se meteu ele!

**LEOCÁDIO**

(*Entrando pela E. A.*) Estão me chamando?

**JUSTINO**

Estou, sim. Por que não levou aquela terra que tirou dos canteiros para o fundo da chácara?

**LEOCÁDIO**

Porque a patroa mandou-me trabalhar na cozinha.

**JUSTINO**

Você é jardineiro ou cozinheiro?

**LEOCÁDIO**

Pergunte à patroa.

**JUSTINO**

Tem sempre uma desculpa.

**LEOCÁDIO**

Eu não sei para onde hei de me virar. O senhor manda fazer uma coisa, a patroa manda outra...

**JUSTINO**

Não me responda mais, homem! Venha comigo cá ao jardim. (*A Elvídio*) Dá-me licença um instante... (*Sai pelo F. com Leocádio.*)

**ELVÍDIO**

Ora essa!

**FABRINO**

É engraçado esse meu sogro sempre às voltas com o jardineiro...

**ELVÍDIO**

Engraçadíssimo!

**FABRINO**

Ó Elvídio, dispensa-me por um momento. Preciso ir lá dentro, mas não demoro. Fica à vontade. Está em sua casa... (*Sai pela D. A.*)

**ELVÍDIO**

Não te preocupes comigo. (*Sobe ao alpendre e fica a olhar para fora.*)

**NAIR**

(*Cantando, descuidada, entra pela E. A.,*



*trazendo alpiste, uma fruta e água para o pássaro. Começa a pôr tudo o que trouxe dentro da gaiola, de costas para Elvídio. Este, que a viu, vem se aproximando lentamente, sem que ela o pressinta. Vendo-o, num movimento de surpresa)*  
Oh, seu Elvídio!... Estava aí?...

**ELVÍDIO**

*(Risonho)* Que é isso? Assustou-se com a minha presença?

**NAIR**

*(Hesitante)* Realmente... Não supunha que o senhor tivesse voltado. Vim tratar do sabiá...

**ELVÍDIO**

E deixaria de tratar do sabiá se soubesse que eu estava aqui?... Não merece tal castigo o seu mavioso sabiá. Demais, não sou de cerimônias. Sou um amigo da casa...

**NAIR**

*(Sentada à direita da mesa, continua a tratar da gaiola.)* Sim, já sei, o senhor é amigo de Fabrino.

**ELVÍDIO**

Confesse que antipatiza comigo. Não é? Pode ser franca, que não me zango. *(Aproxima-se da mesa, do lado oposto ao que está Nair sentada, pondo familiarmente o joelho sobre a cadeira.)*

**NAIR**

Não.

**ELVÍDIO**

Para que há de negar? Estou lendo nos seus olhos o mal-estar que lhe causa a minha presença.

**NAIR**

Engana-se.

**ELVÍDIO**

Difícilmente me engano. Conheço bem a psicologia feminina.

**NAIR**

É de supor. O senhor tem convivido com tantas mulheres... Certamente que a sua amada Paris lhe tem proporcionado inúmeras aventuras galantes e o ensino de bem estudar as mulheres.

**ELVÍDIO**

Exagera. No entanto, sem vaidade, confesso que...

**NAIR**

Com que então julga-se um perfeito conhecedor dos sentimentos femininos, não é?

**ELVÍDIO**

Sem alimentar as pretensões de um Bourget e outros, está claro, que julgaram ter descido a esse abismo insondável que é o coração da mulher. Tenho apenas a experiência...

**NAIR**

Os homens em geral iludem-se quando pensam por determinados aspectos exteriores poderem interpretar os verdadeiros sentimentos de certas mulheres. Como os senhores se convencem facilmente! Enfim, é possível que lá em Paris, com a sua experiência...

**ELVÍDIO**

Como é mordaz!... Realmente sou um desastrado. Portei-me com uma inconveniência tal, que me tornei aos seus olhos um verdadeiro indesejável. Não é exato?...

**NAIR**

*(Que já concluiu a limpeza da gaiola)* Se o senhor assim pensa...

**ELVÍDIO**

Seria injusto para comigo mesmo se assim pensasse.

**NAIR**

*(Começa a brincar com o pássaro, com as mãos de cada lado da gaiola, fazendo-o esvoaçar de um para o outro lado.)* Não posso acreditar na sinceridade de quem assim fala. O senhor que detesta a sua terra e pensa em voltar o mais depressa possível para Paris...

**ELVÍDIO**

*(Que se sentou na cadeira fronteira a ela e tem as mãos em cima da mesa, terno)* E se houvesse alguém que influísse poderosamente para que eu mudasse de pensar e talvez até me impedisse de voltar à Europa?

**NAIR**

Pois seria possível que o senhor encontrasse na sua terra, onde nada presta, alguém capaz disso?

**ELVÍDIO**

*(Dominado por uma emoção crescente)* Encontrei! Sim, essa criatura existe!... É ela que me domina o pensamento desde que a vi... Sinto a cada dia que se passa, a cada hora, a cada minuto, tudo se transformar em mim, escravizado como estou a ela!...

**NAIR**

*(Sem olhar para ele, procurando dissimular a emoção que principia a dominá-la)* Ninguém diria...

**ELVÍDIO**

*(Com os braços em volta da gaiola, vai aproximando suas mãos das dela.)* Quer saber o seu nome?

**NAIR**

Não me interessa...

**ELVÍDIO**

É necessário que saiba! (*Segurando-lhe as mãos*)  
Essa mulher a quem eu já amo loucamente é... é a senhora!...

**NAIR**

(*Levantando-se e procurando desprender suas mãos das dele*) Que faz, senhor! Deixe-me!

**ELVÍDIO**

(*Sem lhe deixar as mãos, apaixonadamente*) Sim, Nair, eu que nunca encontrei na vida mulher alguma capaz de despertar em mim a mais leve afeição, que sempre desdenhei de todas, sinto-me inteiramente dominado por você!...

**NAIR**

Se não me larga as mãos, eu grito!

**ELVÍDIO**

(*Deixando-lhe as mãos*) Perdão!... Sou um insensato...

**NAIR**

(*Com altivez*) E sobretudo muito ousado! Como se atreveu a tanto?

**ELVÍDIO**

Porque a amo perdidamente!

**NAIR**

Não posso acreditar na sua sinceridade.

**ELVÍDIO**

Juro!

**NAIR**

Pensava talvez que todas as suas aventuras lhe seriam possíveis? Engana-se. Volte para a sua Paris, que é o campo propício para as suas libertinagens. Nós aqui ainda não atingimos essa perfeição de que o senhor tanto fala...

**ELVÍDIO**

Se soubesse como está sendo cruel!...

**NAIR**

Se insistir, vou imediatamente contar a meu pai.

**ELVÍDIO**

Não! Peço-lhe perdão...

**NAIR**

E eu o abomino! (*Afastando-se*) Insolente!

**MARCELINA**

(*Entrando pela E. A.*) Seu Justino?... (*Depois de verificar*) Não está aqui?

**NAIR**

(*A custo, procurando dominar a agitação de que se acha possuída*) Não está aqui...

**MARCELINA**

A patroa mandou chamá-lo... (*Reparando em Nair*) Que é isso, Dona Nair? A senhora está sentindo alguma coisa?

**NAIR**

Não, não tenho nada... (*A Elvídio*) Com licença... (*A Marcelina*) Pendura essa gaiola no lugar. (*Sai pela D. A.*)

**MARCELINA**

Ora essa! (*Notando que Elvídio também está agitado e compreendendo tudo, com malícia, à parte*) Parece que estiveram jogando futebol!... (*Vai pendurar a gaiola no alpendre.*)

**ERNANI**

(*Entrando pelo F., a Justino, que o acompanha*) Mas se eu já me inscrevi!...

**JUSTINO**

Este rapaz é um maluco! (*A Elvídio*) Não é que ele aceitou o desafio de luta com o atleta daquele circo que estão armando ali adiante?

**MARCELINA**

(*Que desceu ao centro, entusiasmada*) Que coragem, seu Ernani!

**ELVÍDIO**

(*Irônico*) É, realmente, uma temeridade.

**ERNANI**

(*Tomando atitude*) E hei de vencê-lo.

**JUSTINO**

Ô rapaz, você está positivamente doido! Como é que você quer lutar com um hérules, um profissional?

**ERNANI**

(*Contraindo os braços*) Eu me garanto! E depois, vou primeiro treinar para lutar com ele.

**ELVÍDIO**

É arriscado.

**ERNANI**

(*Com importância*) Qual arriscado! O hérules pra mim é "sopa"... é canja! Hei de derrotá-lo!

**MARCELINA**

(*À parte*) Vou dizer lá dentro. (*Sai pela E. A.*)

**JUSTINO**

Vou ao circo mandar riscar o teu nome. (*Ameaça sair.*)

**ERNANI**

(*Segurando-o*) Não faça isso, titio! Então eu sou alguma criança que não assuma a responsabilidade dos seus atos?

**JUSTINO**

O atleta mata-te, desgraçado!

**ERNANI**

Isso é o que o senhor pensa.

**INÁCIA**

(*Entra pela E. A., acompanhada de Virgínia, Ritinha e Marcelina.*) É verdade que o Ernani vai

lutar com o homem do circo?

**JUSTINO**  
É verdade.

**VIRGÍNIA**  
Esse menino mete-se em cada uma!...

**RITINHA**  
(*Assustada, a Ernani*) Peço-lhe que não faça isso!

**ERNANI**  
(*Tomando cena, numa atitude de desafio*) A minha resolução é inabalável! Hei de lhes mostrar que vou vencer o atleta e tornar-me o campeão dos subúrbios e adjacências!

**INÁCIA**  
Se você tratasse de arranjar emprego é que fazia bem.

**MARCELINA**  
(*A Nair, que entra pela D. A.*) Sabe, Dona Nair, o seu Ernani vai brigar com o homem de força do circo de cavalinhos.

**NAIR**  
(*Admirada*) O Ernani?!...

**ERNANI**  
(*Intencionalmente a Nair*) Sim, prima, será este o ato grandioso da minha vida!

**LEOCÁDIO**  
(*Entra a correr pelo F., aflito*) Fugiu, patrão! O sabiá fugiu da gaiola!... (*Interesse geral.*)

**NAIR**  
(*Surpresa*) O sabiá fugiu?!... (*Corre ao alpendre. Exclamações gerais.*)

**JUSTINO**  
Quem deixou a gaiola aberta?

**MARCELINA**  
Eu não fui.

**INÁCIA**  
Como é que ele fugiu?

**JUSTINO**  
(*Da porta do F., apontando para fora*) Lá está ele pousado naquela roseira.

**NAIR**  
Corre, Leocádio! Depressa!

**FABRINO**  
Leva o alçapão.

**LEOCÁDIO**  
(*Procurando com o olhar*) Onde está ele?

**JUSTINO**  
(*Indicando*) Está ali!... (*Desaparece com Leocádio.*)

**ELVÍDIO**  
(*Da janela*) Vão devagar, senão ele se espanta.

**VIRGÍNIA**  
Como vai sentir a Nair!...

**NAIR**  
(*Descendo ao centro da cena, chorando*) Meu pobre sabiá!...

**INÁCIA**  
Mas como o deixaram fugir!... (*Todos, com exceção de Ernani, estão às janelas e à porta a olhar para fora.*)

**ERNANI**  
(*Vindo por detrás a Nair, que chora*) Foi-se o sabiá, mas fiquei eu!...

## PANO RÁPIDO

**3º ATO**  
(*Fabrino, Virgínia e Ritinha em cena. De tarde. Fabrino fuma sentado no alpendre.*)

**RITINHA**  
(*Inquieta*) Como Marcelina demora a passar a ferro o meu vestido!

**VIRGÍNIA**  
São quase sete horas. (*A Fabrino*) Você não vai conosco ao circo?

**FABRINO**  
Ainda é cedo.

**VIRGÍNIA**  
Enquanto veste, não veste, são horas.

**FABRINO**  
Deixe-me gozar mais um pouco esse lindo crepúsculo.

**RITINHA**  
Essa Marcelina!... (*Indo à E. A. e gritando para dentro*) Marcelina, anda com o meu vestido!

**VIRGÍNIA**  
(*A Ritinha*) Que fim levou a Nair?

**RITINHA**  
Creio que está no jardim.

**VIRGÍNIA**  
No jardim? Ela não vai conosco?

**RITINHA**  
Não sei.

**VIRGÍNIA**  
A Nair tem qualquer coisa que não nos quer dizer.

**RITINHA**  
Tenho reparado que de dias para cá ela anda triste. Não sai, quase não conversa, não quer comer...

**VIRGÍNIA**

Será por ter fugido o sabiá?

**RITINHA**

Pode ser. Ela gostava tanto do sabiá...

**VIRGÍNIA**

*(Duvidosa)* Hum!... Aí anda coisa.

**MARCELINA**

*(Entra pela E. A., trazendo um vestido engomado)*

Pronto, Dona Ritinha, o seu vestido...

**RITINHA**

*(Recebendo o vestido)* Que demora para passar um vestido a ferro, Marcelina!

**MARCELINA**

O ferro custou a esquentar! O carvão não presta...

**VIRGÍNIA**

*(A Marcelina)* Onde está o Ernani?

**MARCELINA**

Ele estava lá no fundo da chácara brigando com o Leocádio.

**VIRGÍNIA**

*(Assustada)* Brigando?! Ó Fabrino, vai ver isso!

**FABRINO**

Ver o quê?

**VIRGÍNIA**

O Ernani está brigando com o Leocádio.

**FABRINO**

Que se arranjem...

**RITINHA**

Não é briga. O Ernani está treinando com o Leocádio para a luta que vai ter com o hérules. Esta Marcelina inventa coisas...

**MARCELINA**

Sei lá! Se aquilo não é briga... Dão cada soco um no outro...

**RITINHA**

*(Entusiasmada)* O Ernani vai fazer um bonito!

**FABRINO**

*(Rindo)* Se não fizer um feio.

**VIRGÍNIA**

Eu ainda hei de me rir muito com essa luta.

**RITINHA**

Todos desejam mal ao pobre rapaz. Que gente!

**MARCELINA**

O seu Ernani tem força. Ele dá cada tombo no Leocádio!...

**VIRGÍNIA**

Mas o lutador não é o Leocádio.

**RITINHA**

Não quero saber! Tenho fé que o Ernani vence o hérules. Ó Marcelina, vem ajudar-me a vestir.

**MARCELINA**

E quem é que vai arrumar a cozinha para mim? Não vê!... Eu também quero ir ao circo.

**RITINHA**

Eu logo vi! *(Sai pela D. A.)*

**MARCELINA**

Querem ter criada para tudo! Quem sabe?... Vou acabar o meu serviço. *(A cena vai aos poucos escurecendo.)*

**VIRGÍNIA**

Traz primeiro o lampião aqui da sala, que já está ficando escuro.

**MARCELINA**

Ainda mais esta! *(Sai pela E. A.)*

**FABRINO**

*(Rindo)* Há de ser um sucesso se o Ernani for derrotado.

**VIRGÍNIA**

Não é, não. Tu é que não sabes como a coisa está preparada. O Leocádio nos contou tudo. O lutador recebeu cem mil réis do Ernani para se deixar derrotar por ele.

**FABRINO**

Ah! Bem me parecia. Eu já estava desconfiado de tanta coragem por parte do Ernani.

**VIRGÍNIA**

Não lhe diga nada. O Leocádio pediu-nos segredo.

**FABRINO**

Nada direi. Mas que grande farsante nos saiu o seu primo!

**INÁCIA**

*(Entra pela E. A., trazendo o lampião aceso. A cena ilumina-se.)* Boa noite.

**FABRINO**

Boa noite.

**VIRGÍNIA**

Sua bênção, mamãe...

**INÁCIA**

Deus a abençoe, minha filha. *(Coloca o lampião em cima da mesa.)* Seu pai ainda não veio?

**VIRGÍNIA**

Papai está demorando, hoje...

**FABRINO**

Com certeza encontrou lá na cidade algum amigo que o convidou para jantar.

**INÁCIA**

O jantar dele está guardado. E Nair, que não quis hoje jantar. Onde está ela?

**VIRGÍNIA**

Ainda há pouco, estava no jardim.

**INÁCIA**

Não sei o que tem essa menina. Quase não se alimenta, anda triste...

**VIRGÍNIA**

Ela, que tinha um gênio tão alegre...

**FABRINO**

*(Gracejando)* O que ela tem sei eu: a doença dos vinte anos.

**INÁCIA**

Já estava tardando o engraçadinho sair-se com uma das suas.

**VIRGÍNIA**

*(A Fabrino)* Tens uma lingüinha!...

**INÁCIA**

*(Que subiu ao alpendre, gritando para fora)* Ó Nair. Nair...

**NAIR**

*(Dentro)* Mamãe.

**INÁCIA**

Que fazes no jardim a essa hora, minha filha? Sobe, que este sereno da noite pode fazer-te mal.

**FABRINO**

*(Que se levantou e tem descido ao centro da cena, a Virgínia)* Como é? Vamos preparar-nos para o espetáculo ou não?

**VIRGÍNIA**

Por mim não se incomode, que me apronto num instante.

**FABRINO**

*(Irônico)* Eu imagino... Vamos nos vestir.

**VIRGÍNIA**

Ó mamãe, vou mudar de roupa para ir ao circo.

**INÁCIA**

*(Ainda no alpendre)* Sim.

**FABRINO**

*(Que se colocou à saída da porta da D. A., abrindo os braços para interceptar a passagem de Virgínia, baixo a ela, rindo)* Sem pagar o imposto de um beijo, aqui não se passa.

**VIRGÍNIA**

*(Evitando-o)* Deixa de brinquedos!

**FABRINO**

Tens mesmo quer dar... *(Segura-a rápido e dá-lhe um beijo.)*

**VIRGÍNIA**

*(Passando a mão no lugar atingido pelo beijo)* Sem-vergonha!... *(Gritando)* Mamãe, dê modos ao Fabrino!

**INÁCIA**

Veja lá isso, senhor meu genro!

**FABRINO**

Não precisam chamar a assistência. *(A Virgínia)* Tu não tens querer!... *(Sai a brincar com Virgínia pela D. A.)*

**INÁCIA**

*(No alpendre, a Nair, que aí aparece)* Que tens, minha filha? *(Acariciando-a, desce com ela ao centro)* Sentes alguma coisa?

**NAIR**

*(Deixando-se trazer)* Não, mamãe.

**INÁCIA**

Tu tens alguma coisa, que estás ocultando à tua mãe... Não acredito que só por ter fugido o teu sabiá ficasses assim.

**NAIR**

*(Sentando-se no sofá)* Não sei explicar o que seja, mamãe. Sinto-me tão indisposta, tão triste...

**INÁCIA**

Tu, que sempre foste tão alegre...

**ERNANI**

*(Entrando pela E. B. a fazer movimentos desordenados com os braços e depois tomando "pose")* Eis-me pronto a partir para o campo da luta, donde voltarei coberto de glórias!

**INÁCIA**

Eu faço idéia.

**ERNANI**

Parece que a titia não está satisfeita comigo.

**INÁCIA**

Nunca desejei mal a ninguém; mas juro que agora eu só desejava que você fosse derrotado pelo hérules e levasse uma vaia do público.

**ERNANI**

*(Rindo com superioridade)* Eu, derrotado?... Palavra de honra, só mesmo rindo. Eu, derrotado!... *(Tomando atitude)* Olhe bem para mim, titia, e diga-me francamente se eu tenho cara de quem se deixa derrotar...

**INÁCIA**

Vai envergonhar o nome da família lutando com um hérules no picadeiro de um circo de cavalinhos!

**ERNANI**

Aí é que a senhora está enganada. Não vou envergonhar o nome da família; pelo contrário: vou elevá-lo.

**INÁCIA**

Se você tratasse de arranjar um emprego...

**ERNANI**

Pois a senhora não vê que, depois da minha vitória, o meu nome tornar-se-á tão conhecido e

admirado que todas as portas se abrirão de par em par diante de mim? Terei empregos de sobra.

**INÁCIA**

Havemos de ver o resultado disso.

**ERNANI**

A senhora devia ser a primeira a animar-me... Sabe quanto me custa esse triunfo?

**INÁCIA**

*(Distraidamente)* Cem mil réis.

**ERNANI**

*(Desconcertado)* Heim? Quem disse à senhora?

**INÁCIA**

Ninguém. Eu é que adivinhei.

**ERNANI**

Não devia dizer-me isso, titia. Quer talvez dizer que eu comprei o héracles... É falso! Se o vencer é porque conheço bem as regras da luta, tenho treinado e, sobretudo, tenho confiança nos meus músculos!... *(À parte)* Quem lhe teria dito?...

**INÁCIA**

É a vergonha da família! Bem, vá e seja feliz. *(Sai pela E. A.)*

**ERNANI**

Todos os grandes homens sofreram os escárnios da ignorância. Desculpo-a...

**NAIR**

Não consinto que você diga isso de mamãe!

**ERNANI**

Mas há de convir, minha querida prima, que tenho razão. É ela a única pessoa que se opõe à realização desse ato de heroísmo, que me foi imposto por você.

**NAIR**

Por mim? Ora, Ernani, até tenho pena de você.

**ERNANI**

*(Aproximando-se dela, terno)* Bem compreendo, Nair, quanto sofre por minha causa!

**NAIR**

Eu? Sofrer por sua causa? Como se engana!

**ERNANI**

Não me engano tal. Então pensa que desconheço o motivo dessa tristeza, que a aflige desde o dia em que eu resolvi medir-me com o atleta? É o receio de que eu sucumba ingloriamente na luta. Nada receio, porém, minha prima, porque tenho a firme certeza de que o ponho em nocaute.

**NAIR**

Olhe, primo: para mim tanto faz que você vença ou seja vencido. É-me indiferente. O que eu desejo neste momento é que você não me aborreça.

**ERNANI**

Você diz isso só para que eu desanime. Jamais desanimarei! Dentro de duas horas farei jus a essa felicidade a que tanto ambiciono. Verá, prima, como serei digno do seu amor.

**NAIR**

Se você soubesse como eu estou, não me apoquentaria mais com as suas idiotices!

**ERNANI**

Idiotices? Deixae que se consume a minha vitória! Está por pouco! *(Começa a passear a largos passos.)*

**ANTONIO**

*(Entrando pelo F.)* Boas noites para todos.

**ERNANI**

*(Com importância, para Antonio)* Como passas?

**ANTONIO**

O senhor come passas? Também eu quando são das boas.

**LEOCÁDIO**

*(Entrando pela E. B. de casaco e chapéu, sobraçando um grande embrulho)* Podemos ir, seu Ernani.

**ERNANI**

Leva aí tudo? Não esqueceu nada?

**LEOCÁDIO**

Nada. Nem do vidro de arnica e do esparadrapo. Vamos andando que é para o senhor ter tempo de se preparar.

**ERNANI**

*(Apanhando o chapéu)* Vamos. *(A Nair)* Como os antigos paladinos que partiam de lança em riste a bater-se em defesa das louras castelãs, parto para a liça de combate à conquista de um coração!

**LEOCÁDIO**

Vamos que ainda temos que conversar antes com o héracles... *(Faz sinal significativo de dinheiro.)*

**ERNANI**

*(Baixo a Leocádio)* Cala a boca, sua besta! *(Alto)* Espero-a lá, ó prima.

**NAIR**

Vá esperando.

**ANTONIO**

*(A Ernani)* O senhor vai pegar à unha com o "ataleta"?

**ERNANI**

Vou.

**ANTONIO**

E já preveniu à assistência?

**ERNANI**

(A Antonio) Não lhe admito gracejos, heim! (A Leocádio) Siga-me.

**LEOCÁDIO**

Assim, seu Ernani! É preciso mostrar a esse pessoal que “braço é braço”! (Saem os dois pelo F.)

**ANTONIO**

(Rindo) Esse rapazinho vai ser um petisco para o “ataleta”.

**NAIR**

(Levantando-se) O senhor deseja falar com alguém, seu Antonio?

**ANTONIO**

(Olhando com interesse para a E. A.) Eu? Não... (Caindo em si) Ah, sim! Onde diabo tinha eu a cabeça! Não vê a senhora que me lembrei de uma coisa. Como sei que a senhora, Dona Nair, anda triste por via da fugida do sabiá, vai eu lembrei-me de fazer-lhe presente do meu canário, que ficará no lugar do sabiá fujão.

**NAIR**

Muito obrigada, seu Antonio. Não quero que o senhor se prive do seu canário, pelo qual deve ter estimação, para me fazer presente dele.

**ANTONIO**

Ora essa! E que tem isso? É verdade que eu tenho por esse passarinho uma amizade de pai solteiro, mas eu tinha satisfação em lho dar. A menina é tão boa...

**NAIR**

Agradeço-lhe muito, mas não aceito. E depois, nenhum outro pássaro substitui o meu sabiá com o seu canto tão mavioso, tão brasileiro... (Marcelina entra pela E. A. e fica a ouvi-los.)

**ANTONIO**

Por isso não, menina, porque brasileiro também é o meu canário. É verdade que ele é um canário belga, mas nasceu no Brasil: ali na estação...

**NAIR**

Contudo.

**ANTONIO**

Pois eu sinto, porque tinha muito gosto que o meu canário viesse para aqui alegrá-la.

**NAIR**

(Com amargura) A minha tristeza não é só do sabiá.

**ANTONIO**

Ah! Está bem. Já aqui não está quem falou. (Vendo Marcelina) Não se ria, Dona Marcelina!

**NAIR**

Que quer, Marcelina?

**MARCELINA**

(Que se aproximou dela) A senhora não quer jantar?...

**NAIR**

Não tenho vontade.

**MARCELINA**

Vá comer um pouco. A senhora quase não almoçou... e não quis jantar.

**NAIR**

Não me apetece.

**MARCELINA**

Experimente, que o apetite lhe aparece. Olha: eu guardei-lhe um tutu de feijão que está mesmo gostoso!

**ANTONIO**

(Engolindo em seco) Tutu de feijão? Isso é de um homem lamber os beiços! É daqui! (Pega na orelha.)

**MARCELINA**

(Carinhosa, impelindo-a para a E. A.) Vá comer um bocadinho... para fazer vontade à sua mãezinha. Vá.

**ANTONIO**

Coma, menina. Mesmo porque saco vazio não se tem de pé.

**NAIR**

(Sem vontade) Sim, eu vou... (Sai pela E. A.)

**ANTONIO**

Pobre menina! Faz dó vê-la assim.

**MARCELINA**

Mas não é por causa do sabiá que ela ficou desse jeito. (Maliciosa) A coisa deve ser outra.

**ANTONIO**

Por essa estou eu. Deve ser por via de algum pássaro bisnau de duas pernas.

**MARCELINA**

Ué!... Que asneira, seu Antonio! Então todo passarinho não tem mesmo duas pernas?

**ANTONIO**

Tem? Pois se quer que eu lhe diga, nunca lhes contei as pernas.

**MARCELINA**

(A rir) Este seu Antonio é um número.

**ANTONIO**

Já começa a senhora a rir! Não se ria, Dona Marcelina!

**MARCELINA**

É engraçado!... Bem, eu não posso perder mais tempo. Vou acabar de arrumar a copa e vestir-me para ir ao circo.

**ANTONIO**

Demora muito?

**MARCELINA**

Uma meia hora.

**ANTONIO**

Eu vou à estação passar o lugar a outro e depois venho buscá-la para irmos os dois ambos juntos ao circo.

**MARCELINA**

O senhor não está regulando bem! Então quer que eu vá com o senhor ao circo sabendo que os patrões também vão lá?

**ANTONIO**

Lá no circo nós não ficamos juntos um do outro. Ao chegar lá nos separamos. Eu sei como arranjo as coisas.

**MARCELINA**

Não venha me buscar, que pode comprometer-me...

**ANTONIO**

Espero-a escondido junto ao portão. Seus patrões não me vêem.

**BASÍLIO***(Entrando pelo F. a correr, radiante)* É uma verdadeira surpresa!... *(Dando com Antonio, noutro tom)* Que está você fazendo aqui?**ANTONIO**

Nada.

**BASÍLIO**

Como é que abandona o seu posto lá na estação e vem pra aqui?

**ANTONIO***(Zangado)* Quem lhe disse que eu abandonei? Deixei o Chico no meu lugar, enquanto vim aqui. E depois já estou na hora de passar o serviço ao meu substituto.**BASÍLIO**Não está tal! *(Depois de consultar o relógio)* Faltam ainda dez minutos para as oito que é a hora da sua folga.**MARCELINA**Ih!... Está na hora de eu ir me vestir. *(Ameaça sair.)***BASÍLIO***(A Marcelina)* Espere aí, que preciso falar-lhe.**ANTONIO**

O senhor anda de ponta comigo.

**BASÍLIO***(Ríspido a Antonio)* Você ainda aí está? Vá para o seu posto!**ANTONIO**

Eu vou, mas não grite muito! Eu não sou escravo!

**BASÍLIO**

Não quero conversa! Vá já para a estação!

**ANTONIO**

Veja lá como fala! Olha que eu sou um homem livre e de idéias avançadas para a frente.

**BASÍLIO**

Vou dar parte de você ao diretor!

**ANTONIO***(Humilde)* Não faça isso, seu agente! Olha que eu sou seu amigo. Quando quiser que eu lhe afine a flauta...**BASÍLIO***(Impaciente)* Não perca mais tempo. Ponha-se a andar.**ANTONIO**Sim, eu vou... *(À parte)* Que irá ele dizer a Marcelina? *(Sai pelo F., fazendo sinais a Marcelina de que voltará.)***MARCELINA***(Impaciente)* Que quer o senhor de mim?**BASÍLIO**

Uma grande surpresa que eu preparo para Dona Nair!...

**MARCELINA**

Mas que surpresa é essa?

**BASÍLIO**

Se eu lhe disser deixa de ser surpresa. Necessito do seu auxílio para o completo êxito.

**MARCELINA**

Não estou entendendo nada.

**BASÍLIO**

Vai entender. Diga-me onde está a gaiola do sabiá que fugiu?

**MARCELINA**

Está ali, no alpendre.

**BASÍLIO**

Vá buscá-la num instante.

**MARCELINA***(Desconfiada)* Para quê?**BASÍLIO**

Depois saberá. Asseguro-lhe que Dona Nair vai ficar contentíssima e eu – está claro – muito lucrarei com isso.

**MARCELINA***(Curiosa)* Vai lhe dar outro sabiá?**BASÍLIO***(Empurrando-a para o F.)* Não seja curiosa. Anda! *(Marcelina sai pelo F., toma para o lado)*



*direito, voltando em seguida com a gaiola vazia.)*

**BASÍLIO**

*(Antegozando os efeitos da surpresa e esfregando as mãos de contente) É minha! Olá se será...*

**MARCELINA**

*(Que entrou com a gaiola) Sem o senhor dizer para que é, não dou a gaiola...*

**BASÍLIO**

*(Arrebatando-lhe a gaiola da mão) Ora! Eu sei o que faço...*

**MARCELINA**

Veja lá se vai arranjar alguma encrenca em que eu fique mal.

**BASÍLIO**

Qual encrenca! *(Antonio aparece ao F.)* É a alegria que eu vou trazer novamente para esta casa! Nem uma palavra a quem quer que seja a este respeito. Você também lucrará com a surpresa que eu preparo.

**MARCELINA**

*(Desconfiada) Sei lá...*

**BASÍLIO**

*(Vendo Antonio, que para ouvir o que eles dizem vem aproximando-se nos bicos dos pés) Você voltou? Que veio fazer?*

**ANTONIO**

*(Atrapalhado) Eu?... Eu vim... vim ver se o senhor ainda cá estava.*

**BASÍLIO**

Decididamente tenho que dar parte de você! *(Consultando o relógio, sobressaltado) Oh, co'os diabos!... Só faltam três minutos para o B. B. 19...*

**ANTONIO**

*(Lembrando-se, assustado) E o Chico é capaz de estar dormindo e não dar o sinal!...*

**BASÍLIO**

Depressa! *(Sai a correr, levando a gaiola.)*

**ANTONIO**

Corre, seu agente! *(Vai saindo a correr, ao chegar à porta volta-se rapidamente; a Marcelina) Olha que eu venho buscá-la. (Gritando) Corra, seu agente! Corra! (Sai a correr pelo F.)*

**MARCELINA**

Não vê que eu vou nisso...

**INÁCIA**

*(Entrando com Nair pela E. A.) Fazes mal, minha filha, em continuar nessa tristeza.*

**NAIR**

Mas se não está em mim, mamãe!... Que quer que eu faça?

**INÁCIA**

Procure distrair-se. Por que não quer ir ao circo?

**NAIR**

Não tenho gosto para nada. O meu desejo é ficar só e que ninguém me fale. *(Ouve-se o rumor de um comboio que chega à estação.)*

**INÁCIA**

Já que assim queres... *(Vendo Marcelina, que está no alpendre) Ó Marcelina.*

**MARCELINA**

*(Descendo ao centro) Chegou um trem.*

**INÁCIA**

É assim que você quer ir ao circo? Você não me sai sem deixar tudo arrumado.

**MARCELINA**

Estava esperando que Dona Nair acabasse de jantar.

**INÁCIA**

Aqui na sala de visitas?

**MARCELINA**

Apronto tudo num instante. *(Sai pela E. A.)*

**INÁCIA**

E teu pai sem chegar!

**NAIR**

Talvez ele tenha vindo nesse trem que acaba de chegar.

**RITINHA**

*(Entrando pela D. A., já vestida para sair) Já estão todos prontos?*

**INÁCIA**

Devem estar. *(Reparando no vestido de Ritinha) Olha como você traz esse vestido. Que desajeitada!*

**RITINHA**

Que tem o meu vestido, dindinha?

**INÁCIA**

Com a blusa toda desabotoada... Vem cá. *(Abotoando por trás a blusa de Ritinha) Havia de ser muito bonito você ir para a rua desse jeito!*

**RITINHA**

Foi com a pressa. *(Reparando em Nair) A Nair ainda não mudou de roupa?*

**INÁCIA**

*(Que acabou de lhe compor o vestido) Nair não vai ao circo.*

**RITINHA**

Ora! E por quê?

**INÁCIA**

Ela lá sabe. *(Ritinha vai conversar com Nair, baixo.)*

**VIRGÍNIA**

(*Entra pela D. A., já preparada para sair; a Fabrino, que vem em mangas de camisa a escovar o paletó*) És pior que uma mulher para se vestir!

**FABRINO**

Estás hoje muito implicante, sabes?

**VIRGÍNIA**

Há que tempo eu estou pronta e ele ainda não acabou de se vestir.

**FABRINO**

(*Depois de pôr a escova em cima da mesa, vestindo o paletó*) Não viste que estive procurando a escova?

**INÁCIA**

(*Intervindo*) Se todas as vezes que se servem da escova tivessem o cuidado de pô-la no seu lugar, quando a procurassem achavam facilmente.

**FABRINO**

Já sei, queridíssima sogra, já sei. (*Apanha o chapéu.*)

**INÁCIA**

Nunca vi gente tão desmazelada!

**RITINHA**

Não está na hora da gente ir indo?...

**VIRGÍNIA**

Está. (*A Nair*) Decididamente você não quer ir conosco ao circo?

**NAIR**

(*Contrariada*) Mas que insistência! Já estou farta de dizer que não vou, para que essas perguntas?

**VIRGÍNIA**

Não é preciso ficar zangada. Você está hoje de mau humor.

**FABRINO**

(*Gracejando*) Pois não sabe o que perde. Só a luta sensacional de Ernani com o héracles vai ser um acontecimento.

**RITINHA**

E não diga isso em ar de troça que vai ser mesmo.

**VIRGÍNIA**

(*Rindo*) Ninguém duvida.

**INÁCIA**

O que ele precisava, sei eu.

**FABRINO**

Seis meses de colônia correcional.

**RITINHA**

Também é demais! Deixem o pobre rapaz sossegado.

**JUSTINO**

(*Aparecendo ao F., trazendo jornais da tarde e um*

*embrulho; como sempre, vagaroso e gemendo de cansaço*) Ora, muito boa noite...

**RITINHA**

Olha o padrinho! (*Vai ao encontro dele beijar-lhe a mão.*)

**VIRGÍNIA**

Papai veio hoje tarde!... (*Beija-lhe a mão.*)

**JUSTINO**

Cheguei neste trem. (*Põe os jornais, o chapéu e o embrulho em cima da cadeira.*)

**INÁCIA**

Mas que demora foi esta hoje, Justino?

**JUSTINO**

Nem vocês imaginam.

**FABRINO**

(*Que foi buscar um dos jornais que Justino trouxe*) Perdeu o trem? (*Abre o jornal e percorre-o com o olhar.*)

**JUSTINO**

Qual perdi o trem! Eu lá sou homem que perca trens! Nunca perdi um trem na minha vida!

**VIRGÍNIA**

(*Rindo*) É, papai nunca perdeu um só trem...

**RITINHA**

Quantos!...

**INÁCIA**

É... teu pai come muito queijo.

**JUSTINO**

Ah! vocês falam por causa doutro dia?... Ora, um dia não são dias! (*Vendo Nair, que está sentada*) Então, Nair? (*Vai a ela.*)

**NAIR**

Sua bênção, papai... (*Beija-lhe a mão.*)

**JUSTINO**

(*Acariciando-lhe a cabeça*) Estás melhor, mais alegre?...

**NAIR**

Estou, sim, senhor.

**INÁCIA**

Qual o quê! Nem quis jantar, nem nada...

**JUSTINO**

Isso é que não está bem. Por falar em jantar: aqui está o pão que eu trouxe para o jantar. (*Indica o embrulho que trouxe.*)

**INÁCIA**

A boas horas...

**VIRGÍNIA**

Nós já jantamos há tanto tempo...

**RITINHA**

E já está na hora de irmos para o circo.

**JUSTINO**

(*Lembrando-se*) É verdade: temos que ir ver o desequilibrado do Ernani.

**RITINHA**

Ele já foi.

**JUSTINO**

Também lá vamos.

**INÁCIA**

(*A Justino*) Afinal, já jantaste ou não?

**JUSTINO**

Jantei na cidade. Imaginem vocês com quem.

**VIRGÍNIA**

Com quem jantou, papai?

**RITINHA**

Com o seu Cazuzu?

**JUSTINO**

Qual Cazuzu! Adivinhem com quem...

**INÁCIA**

(*Impaciente*) Deixemos de adivinhações!

**JUSTINO**

Pois fiquem sabendo que jantei com o Elvídio. Pegou-me na rua e não me deixou mais! (*Nair presta atenção. Levanta-se.*)

**VIRGÍNIA**

Ele não quis mais vir aqui...

**RITINHA**

Desde o dia em que fugiu o sabiá.

**INÁCIA**

Estará zangado conosco?

**FABRINO**

(*Dobrando o jornal que leu e atirando-o para cima da mesa*) Não façam caso. O Elvídio é assim mesmo... um esquisitão.

**JUSTINO**

Outra novidade que lhes trago dele. Parte amanhã para a Europa.

**NAIR**

(*Não contendo um movimento de surpresa*) Ele parte amanhã?!... (*Surpresa geral que causa a notícia.*)

**INÁCIA**

(*Que observa Nair*) Assim, tão precipitadamente?

**FABRINO**

Em que vapor ele vai?

**JUSTINO**

No *Arlanza*, que sai às quatro horas da tarde.

**VIRGÍNIA**

Mas ele não virá aqui despedir-se de nós?

**JUSTINO**

Creio que não. Eu prometi levá-las ao seu "bota-fora".

**RITINHA**

(*Satisfeita*) É mais um passeio que daremos.

**FABRINO**

Que resolução! Ainda anteontem estivemos juntos e ele disse-me que só havia conseguido passagem para daqui a um mês.

**JUSTINO**

Cederam-lhe uma.

**INÁCIA**

Que pressa de ir para Paris!

**FABRINO**

É lá que ele se acha bem.

**RITINHA**

(*Puxando pelo braço de Justino*) Vamos, padrinho, senão perdemos o princípio do espetáculo.

**JUSTINO**

O pior é que este colarinho está me incomodando. Se tivesse tempo de mudá-lo.

**VIRGÍNIA**

(*Também empurrando-o*) Quando voltar do circo o senhor muda.

**INÁCIA**

Não há colarinho que não incomode esse homem!

**JUSTINO**

O que vale é que o circo fica perto. A Nair não vem?

**NAIR**

(*Que novamente se sentou, pensativa*) Não, papai.

**JUSTINO**

Por quê?

**NAIR**

Não tenho vontade.

**JUSTINO**

Paciência.

**RITINHA**

(*Puxando Justino*) Já é tarde, padrinho!

**VIRGÍNIA**

(*Sacudindo Fabrino, que está pensativo*) Anda, pamonha!

**FABRINO**

Estou deveras intrigado com essa partida súbita do Elvídio.

**VIRGÍNIA**

Adeus, mamãe.

**RITINHA**

(*Já no alpendre, com Justino*) Até logo, dindinha.

**INÁCIA**

Divirtam-se.

**FABRINO**

(*Gracejando*) Adeus, mamãezinha...

**INÁCIA**

Olha se lhe cai algum dente com a graça.

**JUSTINO**

(*Ao passar pela janela direita, a Inácia*) Ó, minha velha, o pão que eu trouxe para o jantar, você faz o seguinte: deixa ficar para o chá.

**INÁCIA**

Não é preciso recomendar.

**RITINHA**

Anda, padrinho! (*Os quatro desaparecem a rir. Inácia foi ao alpendre vê-los. Nair, escondendo o rosto entre as mãos, chora convulsivamente.*)

**INÁCIA**

(*Que ouviu, descendo do alpendre e vindo a ela solícita*) Por que choras, minha filha?

**NAIR**

(*A chorar*) Sou muito infeliz!

**INÁCIA**

(*Sentando-se no sofá ao lado dela e acariciando-a*) Infeliz por quê? Responda. Diz tudo à tua mãe... (*Lembrando-se e compreendendo*) Quê!... Será possível? Tu gostas do amigo do Fabrino, o seu Elvídio?

**NAIR**

(*Apoiando a cabeça no ombro dela*) Sim!...

**INÁCIA**

Um homem que juraste odiar?... Ora, minha filha!... Não penses nesse homem!... Não serias feliz!

**NAIR**

Ele vai-se embora, mamãe!

**INÁCIA**

É a providência que vem em teu auxílio. Um homem com tais idéias, um depravado... Não! Foi melhor assim.

**NAIR**

Não posso esquecê-lo.

**INÁCIA**

Mas é preciso que o esqueças. Um mau brasileiro. Não podia ser um bom marido... Peste! E tu, minha filha, chorando por um homem desses! Esquece-o. Tu és bonita, meiga e uma boa filha. És digna de um bom marido. Há de achá-lo. Vamos, limpa os olhos. Não chores mais!...

**ANTONIO**

(*Aparecendo ao F., sem uniforme, engravatado, de fraque, chapéu e umas calças muito compridas*) Com licença...

**INÁCIA**

(*Dissimulando*) Ah! É o senhor, seu Antonio?

**ANTONIO**

Eu mesmo, minha senhora.

**INÁCIA**

(*Gracejando*) O senhor está elegante.

**ANTONIO**

(*Rindo*) Ora, Dona Inácia, não diga isso. É verdade que eu, quando quero, sei vestir-me. O agente não estará por acaso cá?

**INÁCIA**

Não, senhor.

**ANTONIO**

E o Sr. Justino?

**INÁCIA**

Foi ao circo.

**ANTONIO**

Ah! O Sr. Justino foi ao circo? Também eu vou. Aquilo hoje deve estar gozado. O sobrinho da senhora aos tombos com o "ataleta".

**INÁCIA**

Deve estar animado.

**ANTONIO**

Ainda que mal lhe pergunte: o Sr. Justino foi só?

**INÁCIA**

Foram todos.

**ANTONIO**

Só as senhoras não quiseram ir.

**INÁCIA**

Não gosto de circo de cavalinhos.

**ANTONIO**

Faz bem. De maneira que só ficaram as senhoras duas em casa.

**INÁCIA**

Só.

**ANTONIO**

(*Depois de hesitar*) Até a senhora Dona Marcelina também foi...

**INÁCIA**

Essa não se conta. A Marcelina ainda não foi, mas vai já.

**ANTONIO**

(*Contente*) Vai já? Sim, senhora.

**INÁCIA**

O senhor deve ir o quanto antes, porque o espetáculo já deve ter começado.

**ANTONIO**

Sim, senhora. Então com sua licença... Boas noites. (*Sai ao F., olhando para dentro pela E. A.*)

**NAIR**

Sinto um peso na cabeça!...

**INÁCIA**

Isso deve ser fraqueza. Não te alimentas...

**NAIR**

Ah, minha mãe, se a gente pudesse dominar os impulsos do coração!...

**INÁCIA**

É preciso, minha filha. Bem, não penses mais nisso. Vai deitar-te um pouco.

**NAIR**

*(Levantando-se, abatida)* Sim, eu vou.

**INÁCIA**

*(Amparando-a)* Na hora do chá, quando voltarem do circo, eu te chamo.

**NAIR**

Como soffro!

**INÁCIA**

*(Acompanhando-a até a porta da D. A.)* Esqueço. *(Saem.)*. *(Antonio entra cautelosamente. Depois de verificar que não há ninguém na sala, vai à porta da E. A. e fica a olhar para dentro.)*

**INÁCIA**

*(Entrando pela D. A.)* Coitada! *(Ao ver Antonio de costas, assustada)* Quem está aí?

**ANTONIO**

*(Colhido de surpresa, volta-se rápido e depois de rir, aparvalhadamente, para Inácia)* Sou eu.

**INÁCIA**

Que faz o senhor aqui?

**ANTONIO**

*(Atrapalhado)* Eu explico, minha senhora. É que eu queria falar com o agente antes de ir para o circo. Pode ele precisar de alguma coisa...

**INÁCIA**

*(Desconfiada)* Mas o agente não está aqui.

**ANTONIO**

Eu cuidei que ele cá estivesse.

**MARCELINA**

*(Vestida para sair, entra pela E. A.)* Está tudo pronto, patroa. Posso ir?

**INÁCIA**

Deixou a copa arrumada?

**MARCELINA**

Se quer pode ir ver.

**INÁCIA**

Apagou as luzes?

**MARCELINA**

Apaguei tudo. *(Faz sinas a Antonio para que não a acompanhe.)*

**INÁCIA**

Pode ir. Logo que acabe o espetáculo, volte para casa.

**MARCELINA**

Sim, senhora. Até logo, patroa. *(Ao passar por Antonio)* Boa noite, seu Antonio.

**ANTONIO**

Boa noite, Dona Marcelina. *(Vai até o alpendre.)*

**INÁCIA**

*(Que se sentou à direita da mesa)* Já vai, seu Antonio?

**ANTONIO**

*(Contrariado por não poder acompanhar Marcelina, com um riso forçado, descendo ao centro)* Não, senhora. Estava a olhar para a luz da lua.

**INÁCIA**

*(Que olhou para trás)* É verdade. *(Indicando-lhe a cadeira que está do outro lado da mesa)* Sente-se aqui para conversarmos um pouco.

**ANTONIO**

Para conversarmos? Com muito gosto... *(Senta-se contrafeito a lançar olhares para o F. e a amassar o chapéu entre as mãos.)*

**INÁCIA**

Então como se vai dando lá pela estrada?

**ANTONIO**

Pela estrada?... Muito bem. *(Notando que ela ri, distraído)* Não se ria, Dona Marcelina! *(Caindo em si)* Quero dizer... Eu nem sei o que quero dizer!

**INÁCIA**

Eu o estou prendendo... O senhor não tem que ir ao circo?

**ANTONIO**

*(Levantando-se)* É verdade!... E eu não quero perder a luta com o "ataleta". Então com sua licença... *(Limpa os pés e sai pelo F.)*

**INÁCIA**

Eu te entendo...

**BASÍLIO**

*(Aparecendo ao F. e falando para dentro)* Grande estúpido! *(Traz a gaiola com o sabiá dentro, escondendo-a no alpendre.)*

**INÁCIA**

*(Levantando-se)* Quem é? *(Reconhecendo-o)* Seu Basílio... Entre, faça o favor.

**BASÍLIO**

*(Descendo ao centro, coxeando)* A senhora desculpe. O guarda-chaves ia tão cego, que ao descer a escada pisou-me o calo de mais estimação. Mas que cavalgada! Oh!... Queira desculpar, minha senhora.

**INÁCIA**

Ele saiu apressado. Foi ao circo.

**BASÍLIO**

Eu lhe darei o circo! (*Noutro tom*) Já sei que daqui foram todos ao circo...

**INÁCIA**

Menos a Nair.

**BASÍLIO**

(*Satisfeito*) Ah!... A Dona Nair não foi?...

**INÁCIA**

Não quis ir. Anda tão triste agora...

**BASÍLIO**

Anda triste? Pois eu trago um remédio para alegrá-la.

**INÁCIA**

(*Com interesse*) Que remédio é esse?

**BASÍLIO**

Vai ver. (*Corre ao alpendre e traz a gaiola.*) Aqui o tem.

**INÁCIA**

(*Numa alegria incontida*) O sabiá?!...

**BASÍLIO**

Exatamente: o "Diamante".

**INÁCIA**

Como o apanhou?

**BASÍLIO**

A senhora sabe que pássaro criado em gaiola não foge para longe. Há dias que ele anda esvoaçando pelas imediações da estação. Que fiz eu? Comprei cinco dúzias de alçapões e armei-os todos em diferentes lugares... Há pouco tive a satisfação de ver o sabiá num dos ditos alçapões. Creio que é o sabiá de Dona Nair.

**INÁCIA**

(*Depois de examiná-lo*) Não há dúvida...

**BASÍLIO**

Tenho a certeza que é ele mesmo. Ainda há pouco com o luar ele pôs-se a cantar.

**INÁCIA**

A Nair é que vai ficar contentíssima! (*Indo à porta da D. A. e chamando*) Nair...

**BASÍLIO**

Não a chame! Vamos preparar-lhe uma surpresa. (*Indicando o alpendre*) Vou pendurar a gaiola ali fora, escondida... Quando começar a cantar, ela vai ver e...

**INÁCIA**

Bem lembrado. Esconda-a depressa, antes que ela venha... (*Basílio sai ao F. com a gaiola, dirige-se para o lado esquerdo, deixa-a e volta.*)

**BASÍLIO**

Vou agora à estação dar passagem ao trem e depois volto para vermos os efeitos da surpresa.

**INÁCIA**

Venha. E fica desde já convidado para tomar chá conosco.

**BASÍLIO**

Tomar chá?... Gosto. Com torradas?...

**INÁCIA**

Certamente.

**BASÍLIO**

Pois eu volto. Não lhe diga nada antes, sim?

**INÁCIA**

Fique descansado.

**BASÍLIO**

Então até já. (*Sai ao F.*)

**INÁCIA**

Até já, seu Basílio.

**NAIR**

(*Entrando pela D. A.*) A senhora me chamou?

**INÁCIA**

Sim, chamei-te... Chamei-te para te dizer que vais ainda hoje ter uma grande alegria.

**NAIR**

(*Curiosa*) Que é, mamãe?

**INÁCIA**

(*Abraçando-a*) Não sejas curiosa. Garanto-te que a tua alegria será tão grande, que esquecerás o que te fez chorar há pouco.

**NAIR**

Conte-me, mamãe!

**INÁCIA**

Espera, sua curiosa! (*Beija-a.*) A minha filhinha vai ser muito feliz!

**NAIR**

A senhora não me quer dizer.

**INÁCIA**

Como estás ansiosa!... Depois. Agora vou preparar a ceia. Sim, porque hoje vamos aqui ter uma ceia lauta para festejar... festejar...

**NAIR**

Quê, mamãe?

**INÁCIA**

Isso é o que tu querias que eu te dissesse. Bem vou lá dentro. (*Lembrando-se*) É verdade: lá dentro as luzes estão apagadas. Posso levar este lampião?

**NAIR**

Leve-o. Quer que eu vá ajudá-la?

**INÁCIA**

Não é preciso. E depois, ficando aqui talvez

possas ouvir... (*Tapando a boca com a mão, noutro tom*) Não tens medo de ficar aqui só?

**NAIR**  
Medo de quê? O luar está tão lindo!

**INÁCIA**  
Deixa-me tratar da ceia. (*Apanha o lampião e sai pela E. A. A cena escurece. A luz da lua através da vidraça penetra na sala.*)

**NAIR**  
Que será? (*Senta-se no sofá, triste.*)  
(*Ao fundo, na claridade da porta, desenha-se a figura de Elvídio, que vem em passos lentos e, depois de verificar que a porta está fechada, debruça-se no parapeito do alpendre.*)

**NAIR**  
(*Vendo-o, assustada*) Meu Deus!... (*Levantando-se, em voz alta*) Quem está aí?

**ELVÍDIO**  
(*Voltando-se e abrindo a porta*) Não se assuste, Dona Nair. Sou eu, o Elvídio.

**NAIR**  
(*Reconhecendo-o, reprimindo uma expansão de alegria*) Ah! É o senhor, seu Elvídio? Vou chamar mamãe, que levou a luz...

**ELVÍDIO**  
Não é necessário. Não passarei desta porta.

**NAIR**  
Pensei que não voltasse. Papai disse-nos que o senhor embarcava amanhã para a Europa...

**ELVÍDIO**  
(*Com tristeza*) Disse verdade. Embarco amanhã para a Europa e não voltarei mais ao Brasil. Tencionava mesmo não voltar a esta casa... Não mais vê-la. Não tive, porém, forças para o fazer. Aqui estou. Vim despedir-me da senhorita e pedir-lhe perdão...

**NAIR**  
(*Emocionada*) Perdão de quê, seu Elvídio? Nada me fez...

**ELVÍDIO**  
Não poderia partir sem que pela última vez lhe repetisse: amo-a! (*Pausa*) E agora, adeus.

**NAIR**  
Mas para que parte assim tão precipitadamente? Podia se demorar mais...

**ELVÍDIO**  
Não posso. Sofro muito!... Preciso partir, desaparecer, tendo a certeza de que uma grande distância me separa daquela que jamais me pertencerá!

**NAIR**  
Cale-se, seu Elvídio! Peço-lhe!...

**ELVÍDIO**  
Sim, calo-me. E seus pais? O Fabrino?...

**NAIR**  
Foram ao circo.

**ELVÍDIO**  
Bem, amanhã me despedirei de todos, pois seu pai prometeu levá-los ao meu embarque. Se vim aqui é porque receei que a senhorita não fosse e... queria ainda vê-la.

**NAIR**  
Não vá neste vapor... Tenho um pressentimento que lhe vai suceder alguma desgraça... Um naufrágio...

**ELVÍDIO**  
É o que eu desejaria! Para que mais viver? Já conheci todos os prazeres da vida. Quando finalmente julgava realizar a minha felicidade, sou repellido como se fora o maior criminoso! (*Noutro tom*) E assim, só me resta voltar à Europa, onde procurarei esquecer este sonho... Adeus!

**NAIR**  
(*Suplicante*) Não parta!

**ELVÍDIO**  
É impossível transferir a viagem.

**NAIR**  
(*De mãos postas*) Suplico-lhe!

**ELVÍDIO**  
Para quê? Para ainda mais uma vez me dilacerar o coração? Não! Tenho necessidade de partir, de fugir a esta obsessão!...

**NAIR**  
Ouça-me primeiro!...

**ELVÍDIO**  
É inútil ouvi-la. (*Num movimento incontido, segurando-a pelos pulsos com crescente emoção*) Para mais uma vez ouvi-la repetir que me odeia?

**NAIR**  
Não, Elvídio!

**ELVÍDIO**  
Para ouvir essas palavras amargas cheias de repulsão por mim? Para sentir a frieza do seu olhar de desprezo a matar-me aos poucos? É para isso que quer que eu fique e a ouça?

**NAIR**  
Não, Elvídio! É para dizer que também o amo!

**ELVÍDIO**  
(*Louco de alegria*) Tu me amas, Nair?

**NAIR**

Sim, amo-te... porque não tive forças para te odiar!

**ELVÍDIO**

Nair! *(Estreita-a num impulso violento contra o seu peito, colando-se os lábios frementes num longo beijo. A luz forte da lua ilumina-os. Neste momento irrompe o canto forte e harmonioso do sabiá, enchendo o ambiente de alegria.)*

**INÁCIA**

*(Ainda dentro)* Estás ouvindo, Nair? *(Entra pela E. A., trazendo o lampião. A cena ilumina-se.)*

Nair, estás ouvindo o sabiá? Nair... *(Vendo-os no alpendre, estupefata)* Que significa isso? *(Coloca o lampião em cima da mesa.)*

**NAIR**

*(Que se desprende de Elvídio, atônita)* Mamãe, eu...

**INÁCIA**

*(Com energia)* Quero uma explicação disto! O senhor abusou da nossa casa!

**ELVÍDIO**

*(Adiantando-se)* Perdão, minha senhora... Apesar de tudo sou um cavalheiro.

**INÁCIA**

Quer dizer que o senhor...

**ELVÍDIO**

Casarei com sua filha.

**INÁCIA**

*(Indignada)* Sim?... Então o senhor julga que eu consentiria que minha filha...

**NAIR**

*(Tapando-lhe a boca com a mão)* Não digas mais nada, mamãezinha! É o destino que nos impele um para o outro. Tinha de ser!... *(Como que voltando a si)* Que ouço? É o “Diamante” que está cantando? *(Num alvoroço)* Onde está o meu lindo sabiá? *(Sobe ao alpendre, procurando-o; vendo a gaiola)* Está ali. *(Dirige-se para a esquerda.)*

**ELVÍDIO**

*(Dirigindo-se a Inácia, que está concentrada num pensamento)* Não receie do futuro de sua filha. Juro-lhe que farei a felicidade dela!

**NAIR**

*(Entrando com a gaiola, numa alegria ruidosa)* É o meu querido sabiá! Quem o pegou?

**INÁCIA**

Foi o seu Basílio, que armou cinco dúzias de alçapões...

**ELVÍDIO**

Não podia escapar.

**NAIR**

Como é gentil o seu Basílio! Preciso agradecer-lhe... *(Elevando a gaiola à altura do rosto)* Como é tão lindo o nosso sabiá!

**ELVÍDIO**

É o símbolo do nosso amor. Fugiu quando de mim fugia toda a esperança desta felicidade, e agora, que a realizo, ele volta à sua gaiola.

**NAIR**

Trata-lo-emos com muito carinho. *(Vai pendurar a gaiola no alpendre.)*

**JUSTINO**

*(Aparecendo ao F., acompanhado de Fabrino e Virgínia. Os três, como que preparando uma surpresa cômica, reprimem o riso. Elvídio, ao vê-los, oculta-se detrás do piano.)* Está pronto o chá?

**NAIR**

*(Muito alegre)* Ó papaizinho! *(Abraça-o e beija-o.)*

**JUSTINO**

Que é isto? Estou te estranhando.

**INÁCIA**

Acabou o espetáculo?

**JUSTINO**

Se não tivesse acabado, nós não estávamos de volta.

**INÁCIA**

O Ernani venceu o héracles?

**VIRGÍNIA**

*(Irônica, contendo o riso)* Em toda a linha!

**FABRINO**

*(Idem)* Ele aí vem carregado em triunfo...

**VIRGÍNIA**

É um herói.

**JUSTINO**

*(Dando com Elvídio, surpreso)* Olha quem está aqui! *(A Elvídio)* Como é que o senhor me disse que não tinha mais tempo de vir à nossa casa?

**ELVÍDIO**

*(Rindo)* É que me esqueci de lhe fazer uma pergunta importante.

**JUSTINO**

Uma pergunta importante?...

**FABRINO**

*(A Elvídio)* Que resolução foi essa de partir amanhã para a Europa?

**ELVÍDIO**

Já não parto.



**FABRINO**

Quer dizer que transferiste a viagem.

**ELVÍDIO**

Talvez não parta mais. Como nunca, amo agora fervorosamente o nosso querido Brasil!

**FABRINO**

Heim!... Teria desabado o Pão de Açúcar?!

**VIRGÍNIA**

Realmente...

**JUSTINO**

Resolveu então ficar no Brasil?

**ELVÍDIO**

Depende da sua resposta.

**JUSTINO**

Ah! sim... É a tal pergunta? Que é?

**ELVÍDIO**

É... é... se o senhor me concede a mão de Dona Nair...

**JUSTINO**

Hum!... *(A Nair, malicioso)* Com que então, minha sonsinha...

**NAIR**

*(Abraçando-o)* Papaizinho!

**JUSTINO**

Sim, senhor! Eu cá por mim consinto. Não sei se a Inácia...

**INÁCIA**

Também consinto. Eles querem...

**JUSTINO**

É... eles querem. E quando dois querem...

**FABRINO**

*(Vindo a Elvídio)* Então, seu celibatário de uma figa, eu só que sou o retrógrado?

**ELVÍDIO**

Teorias, meu velho, teorias que falham ao primeiro contato da realidade.

**JUSTINO**

*(A Nair)* Bem me parecia que aquela tristeza tua não era só por causa do sabiá.

**NAIR**

O sabiá também voltou à gaiola, papai!

**JUSTINO**

*(Admirado, depois de olhar para o alpendre)* É mesmo!... Mas como foi isso?

**INÁCIA**

Foi o seu Basílio que o apanhou no alçapão.

**VIRGÍNIA**

Que moço prestativo.

**JUSTINO**

Um excelente rapaz!

**FABRINO**

Se não fosse aquele vício que ele tem de tocar flauta...

*(Ouvem-se dentro os gemidos de Ernani.)*

**INÁCIA**

Que será isso?

**FABRINO**

*(Rindo)* É o Ernani que regressa vitorioso.

*(Aparece Ernani, em traje de boxeur, todo cheio de escoriações nos braços e no rosto, com um olho negro, a gemer de dores. Vem carregado por Antonio e Leocádio, acompanhado de Ritinha e Marcelina. Trazem-no para a cadeira de balanço, no primeiro plano à direita.)*

**FABRINO E VIRGÍNIA**

Bravos ao triunfador!

**ERNANI**

*(Chorando)* Não admito graças comigo!

**ANTONIO**

Eu bem disse que o senhor era um petisco para o "ataleta"!

**LEOCÁDIO**

Ele foi vencido à falsa fé...

**RITINHA**

Não valeu!

**ANTONIO**

Como não valeu? Tanto valeu que ele está aqui amarrotado.

**FABRINO**

Venceu-o porque o hércules é um profissional, tem força.

**INÁCIA**

Muito bem feito para ver se você toma juízo!

**ERNANI**

*(Tentando levantar-se)* Mas eu vou processar aquele bandido do lutador! *(Gemendo)* Ai! ai! ai! *(Senta-se.)*

**JUSTINO**

Processar por quê? Você aceitou o desafio...

**MARCELINA**

*(Distraída)* Mas o lutador recebeu cem mil réis para se deixar vencer... *(Caindo em si, tapa a boca como que arrependida da sua indiscrição. Gargalhada geral.)*

**ERNANI**

É mentira!

**VIRGÍNIA**

É verdade. O Leocádio já nos havia dito...

**LEOCÁDIO**

Eu não disse nada!...

**ERNANI**

*(Levantando o braço ameaçador para Leocádio)* Ó desgraçado, tu foste contar? *(Gemendo)* Ai! ai! ai!

**ANTONIO**

*(Rindo)* Então o senhor pagou para apanhar? Isso não é sério!

**NAIR**

*(Vindo a Ernani, irônica)* Tanto sacrifício perdido, primo Ernani!... Participo-lhe que vou casar com o Elvídio.

**ERNANI**

Vai casar? Mais essa desilusão! *(Gemendo)* Ai! ai! ai!

**RITINHA**

*(Baixo a Ernani, enquanto Antonio conversa com*

*Leocádio e os outros também conversam alegremente entre si)* Não se incomode que eu trato de você.

**ERNANI**

*(Também baixo a ela)* Sim, minha Ritinha! Você é a única pessoa que gosta de mim! Toma-me todo. Recolhe os despojos deste desiludido do amor! *(Gemendo)* Ai! ai! Desgraçado atleta!... Moeu-me o corpo! Ai! ai! ai!

**JUSTINO**

Afinal reina outra vez a alegria nesta casa!...

**ERNANI**

*(Erguendo-se a custo)* Onde canta o sabiá!... *(Caindo na cadeira a gemer)* Ai! ai! ai!

**FIM**

# FLORES DE SOMBRA

Claudio de Souza

## PERSONAGENS:

Dona Cristina  
Mme. Cardoso  
Rosinha  
Cecília  
Adelaide  
Oswaldo  
Henrique  
Possidônio  
Coronel Ferraz

*(A ação passa-se em uma fazenda no Estado de São Paulo.)*

## ATO I

*(Sala de jantar numa fazenda em São Paulo. Mobiliário antigo de carvalho, sólido e pesado, que vai de geração a geração. Uma rede armada a um canto. Um relógio de cuco. A mesa está posta para o jantar. Vê-se na parede do fundo o retrato do marido de Dona Cristina, com a farda de coronel da Guarda Nacional.)*

## CENA I

*(Ao levantar do pano ouve-se o cuco cantar seis horas.)*

*(Dona Cristina e Adelaide)*

### ADELAIDE

*(Sobre uma cadeira, a tirar uma terrina do armário)* Esta terrina está desbotada, Dona Cristina!

### DONA CRISTINA

Como eu, como tudo que nesta casa comigo envelhece.

### ADELAIDE

É que vai parecer feia a seu Henriquinho, que vem do luxo da cidade.

### DONA CRISTINA

E por quê? É a mesma terrina que ele aqui deixou, a mesma terrina em que lhe foi servida

por tantos anos a sopa da família. *(Recebe a terrina das mãos de Adelaide e vai colocá-la em cima da mesa.)*

### ADELAIDE

*(Desce da cadeira; olha a colher de louça da terrina.)* Podia-se servir a sopa com uma colher de prata, das novas.

### DONA CRISTINA

Não... não... Quero que ele encontre tudo como deixou; que nos sentemos à mesa como nos sentávamos antigamente... Não... não, tudo como dantes; como no tempo feliz! Só não encontrará o pai. *(Olha o retrato.)* Aquele bom e extremoso amigo!

### ADELAIDE

*(Ajuda Dona Cristina a dar os últimos retoques à mesa.)* Não sei, seu Henriquinho é hoje tenente! Tem viajado tanto!

### DONA CRISTINA

Conheço bem meu Henrique. Todas as glórias que tem alcançado na sua carreira, e que o fizeram chegar tão moço àquele posto, não o terão feito esquecer a velha casa de seus pais.

### ADELAIDE

Por ele também juro, mas é que logo depois dele vêm as tais moças da cidade.

### DONA CRISTINA

E pensa que por sua causa meu Henrique se vai envergonhar da casa de seus pais? Que tolice!

**ADELAIDE**

Não digo seu Henriquinho.

**DONA CRISTINA**

Seria injustiça supô-lo capaz de ter vergonha da casa em que nasceu, onde cresceu, na qual o abençoamos. Daqui saiu para a Escola Naval, aos catorze anos. Eu o tinha criado como uma moça; era tão inocente como uma menina.

**ADELAIDE**

(*À parte*) Muito!... Não se encontrava comigo a sós que não me desse um beliscão! Eu ainda era franguinha nova!

**DONA CRISTINA**

Como ele chorou ao despedir-se! Abraçou-se a mim como se me pedisse proteção, e dizia-me, ao ver-me chorar: “Mamãezinha, mamãezinha, fico com a senhora! Serei fazendeiro como papai, mas não a quero ver chorar!...” (*Leva o lenço aos olhos.*) Coitado do Henrique!

**ADELAIDE**

Ora, que tolice, digo eu agora! Chora a senhora quando ele está a chegar depois de tão longa ausência!

**DONA CRISTINA**

Tolice! O coração das mães vive num sobressalto ou num pressentimento. Você acabou de atirar uma pedra em água parada. Toda ela se moveu numa palpitação...

**ADELAIDE**

Por causa da terrina? Ela está mesmo desbeijada...

**DONA CRISTINA**

E pensa que não o vejo? Não é só a terrina...

**ADELAIDE**

A colher, também...

**DONA CRISTINA**

E a terrina, a louça, as paredes desta casa, eu... Tudo envelheceu, tudo desbotou na sombra de nossa vida quieta. Henrique saiu daqui criança...

**ADELAIDE**

(*À parte*) Não era criança para me atirar beijos da janela do sótão.

**DONA CRISTINA**

Saiu da sombra para o movimento, para a luz, para a vida grande. Cresceu em outro meio, ganhou outro feitio, como a planta que do campo se muda para a estufa de um jardim de cidade.

**ADELAIDE**

(*À parte*) Agora já há de atirar beijos do 1º andar!...

**DONA CRISTINA**

Suas palavras vieram acordar uma dúvida que não me deixa dormir desde a carta que me anunciava sua vinda, e a da senhora e da filha de um ministro, que ele havia convidado para visitarem nossa fazenda. Fiquei a pensar: “Essa moça é, talvez, a mulher que meu filho escolheu para esposa; que a sua presença não o faça envergonhar-se de toda a poeira de tradições destas nossas paredes!”

**ADELAIDE**

Poeira, não, senhora! Passei o espanador em toda a casa; não há uma teia de aranha!

**DONA CRISTINA**

Não é isso!...

**ADELAIDE**

Se é, então, pela louça, a senhora podia mandar pedir as pratos de seu coronel. Em meia hora, no cavalo pangaré, o Elias vai num pé e volta no outro.

**DONA CRISTINA**

A louça era fácil de substituir, mas há uma coisa em cada casa que se não pode substituir pelas pratos emprestadas: é o que fica no ar, que se evapora das almas que a habitam. (*O cuco canta meia hora.*) É o que, como a voz daquele cuco, há cinqüenta anos, desde que se levantaram essas paredes, se foi formando para deixar em cada canto o soluço de uma saudade. E é disso que o meu coração de mãe teme que Henrique se envergonhe, ao entrar. (*Leva o lenço aos olhos.*) Seria horrível.

**ADELAIDE**

Se é só isso, é fácil de remediar...

**DONA CRISTINA**

Como?

**ADELAIDE**

Manda-se o cuco para a cozinha. A senhora quer que o leve?

**DONA CRISTINA**

(*Sorrindo*) Não. Deixe-o onde está. Há coisas que você não pode compreender.

**ADELAIDE**

A senhora diz bem. Não posso compreender por que seu Henriquinho há de emburrar com o cuco de que ele gostava tanto quando era criança.

**DONA CRISTINA**

Parece que não falta mais nada na mesa.

**ADELAIDE**

Só faltam os talheres que vou arear.

**DONA CRISTINA**

Pois ainda não estão areados?

**ADELAIDE**

Não, senhora, não havia pó de tijolo. O Possidônio foi por ele à cidade, e já deve estar de volta. Mas ainda temos tempo.

**DONA CRISTINA**

Não temos muito tempo. Henrique não tarda. *(Vai sentar-se na rede.)* Tenho as pernas num formigueiro. *(Senta-se com gesto de alívio.)* Ah!...

**ADELAIDE**

Há três dias que a senhora não pára de mexer. Parece que vai chegar um príncipe.

**DONA CRISTINA**

Mais do que um príncipe: um filho ausente há muitos anos. Depois que ele foi para a Escola Naval, só uma vez veio cá.

**ADELAIDE**

Quando foi promovido a guarda-meninas.

**DONA CRISTINA**

Guarda-marinha, Adelaide.

**ADELAIDE**

A mim ele me disse, mostrando a fardinha toda perfumada, que tinha sido promovido a guarda-meninas. *(À parte)* E havia de guardá-las bem... que não abrissem os olhos com ele...

**DONA CRISTINA**

Tenho que ir lá acima ver o quarto dos hóspedes de Henrique.

**ADELAIDE**

Ah, está uma beleza! A cama que ele mandou da cidade prega cada susto! Quando a gente senta afunda assim... O armário grande com aquelas três portas de espelho – cruces! – até deve fazer vergonha à gente de tirar a roupa diante dele para se deitar. A gente da cidade com certeza apaga o candeeiro antes de tirar a roupa, ou então tira a roupa de costas!

**DONA CRISTINA**

*(Que se mostra pensativa enquanto Adelaide fala)* Um capricho de Henrique que não me deixou de magoar. Por que teve ele a idéia de mandar móveis e cortinas para o quarto dos hóspedes? Não dormimos todos nós, felizes, nos nossos leitos antigos? Já lhe tinha escrito que dormiria em outro quarto, e que daria o meu aos hóspedes, com a mobília vinda do Rio, ainda no tempo das tropas – não havia o trem –, a qual fez inveja a todos.

**ADELAIDE**

Rica mobília! Então a cômoda grande é uma

beleza! Vai aquilo até o forro, que se lhe pode pôr toda a roupa de uma família. E ainda tem em cima aquele segredo, com dois pombinhos a se beijar, que não há ladrão que o possa abrir. E cada gavetão!... Ah, aquilo sim! O que veio da cidade é como as moças de lá: muito bonitas por fora, mas não têm gavetas!

**CENA II**

*(Os mesmos e Possidônio, peão da fazenda: traje característico.)*

**POSSIDÔNIO**

*(Entra com um embrulho.)* A senhora dá licença? Trago o pó de tijolo que Adelaide encomendou. O cozinheiro que o filho do defunto Manuel Inácio trouxe da França diz que já não se usa isso, que há um sabão, chamado sapólio, que é só espumar, já está alumando!

**ADELAIDE**

*(Recebe o embrulho.)* Pois que fique com a novidade. Cada um vive no seu costume. Você demorou tanto que parece que foi buscar a morte.

**DONA CRISTINA**

Que foi fazer à casa do filho do Manuel Inácio?

**POSSIDÔNIO**

Não fui, não, senhora. Quero dizer, eu ia passando, vai ele me chamou e me mandou à estação saber a que horas chegava o trem das cinco e meia.

**ADELAIDE**

E foi por isso que demorou? *(Baixo)* Foi mais é a pinga!

**DONA CRISTINA**

A estação não é longe. E depois, você não é empregado dele.

**POSSIDÔNIO**

Quando voltei para contar que o trem das cinco e meia não tinha hora de chegar, ele mandou o cozinheiro me dar qualquer coisa para beber e para comer. Eu, para não fazer desfeita, entrei na cozinha. A senhora não imagina que luxo! O cozinheiro todo de branco, e de boné, como seu doutor, quando fez operação no seu defunto coronel, que Deus haja! Ele perguntou se eu conhecia “donde vim”<sup>1</sup>. “Arrespondi” que conhecia, sim senhora, que graças a Deus era filho “lígítimo”. Mas o “donde vim” era pinga!... *(A rir)* Eu, pra não fazer desfeita aceitei um “gorpe”. Depois,

perguntou-me se eu gostava de “gatô”<sup>2</sup> francês. “Arrespondi” que gostava mais de “cachorrô” aqui da roça. Mas o “gatô” que ele dizia era doce!... Uai!... *(Ri alvarmente.)*

**DONA CRISTINA**

Vai daí, como sempre, você esqueceu-se da vida?

**ADELAIDE**

O peixe morre pela boca.

**POSSIDÔNIO**

Não, senhora, quero dizer, sim, senhora. Fiquei um tempinho mais; queria ver o tal cozinhar. Se a senhora visse! Cozinhava umas coisas pretas, que disse que se chamavam “chá-pinhão”<sup>3</sup>. Fui olhar o tal “chá-pinhão”, era orelha-de-pau, que dá em pau podre! Ele cozinhava e bebia o tal “donde vim”.

**DONA CRISTINA**

E você, para não fazer desfeita?...

**POSSIDÔNIO**

Não, senhora, aí não foi assim. Ele ofereceu...

**ADELAIDE**

E você não aceitou? Jure, se for capaz!

**POSSIDÔNIO**

Aceitei, mas foi por causa do enjôo da orelha-de-pau. Mostrou-me depois uns caramujos e umas lesmas, que eram para o jantar; disse que se chamavam “descarregou”<sup>4</sup>. Eles parece que mudam os nomes das coisas para poderem comer aquelas porcarias... Fiquei tão enjoado com o tal “descarregou”...

**ADELAIDE**

Que descarregou outro cálice?

**POSSIDÔNIO**

*(Para Adelaide)* Daí foram dois, para que mentir. As lesmas eram grandes! E tinha um queijo que cheirava a tamanco de colono, a meia légua. Não posso sentir cheiro de queijo que não me dê vontade... E descarreguei um outro; pra que mentir?

**DONA CRISTINA**

Está bem. Vá tratar do seu serviço, e fique avisado: quando for à cidade, não quero que porte em casa do filho do Manuel Inácio.

**POSSIDÔNIO**

Sim, senhora. *(A sair)* O francês também perguntou se aqui na fazenda tinha “só vage”<sup>5</sup>. Que lá na França dizem que o Brasil é tudo “só vage”!... Veja “mecê” como francês é burro!... “Arrespondi” que nossas terras eram muito boas, que não davam só vagem; que davam batatas, que davam milho, café, mandioca, tudo!... *(Já na*

*porta)* Vai daí descarreguei outro. Pra que mentir? *(Sai.)*

### CENA III

*(Dona Cristina e Adelaide)*

**DONA CRISTINA**

Esses rapazes quando começam ir à cidade ficam perdidos. *(Para Adelaide)* Areie logo os talheres.

**ADELAIDE**

Quer que areie, também, os castiçais de prata?

**DONA CRISTINA**

Sim. *(Intencionalmente)* Tudo quanto for possível arear e fazer ganhar brilho novo... a ver se Henrique não se desgosta. Só eu não me posso arear. *(Passa as mãos no rosto.)* Tirar esta ferrugem da idade, para receber meu filho.

**ADELAIDE**

Por falta de pó de tijolo pode a senhora ficar certa que ele não se há de aborrecer da casa. *(Adelaide chega-se aos bastidores e fala em voz baixa com alguém de fora.)*

**DONA CRISTINA**

Sabe lá a gente!... Criam-se os filhos... há na casa um calor que os aconchega, que eles amam, de que se não querem separar. Chega o dia, porém, em que eles se dispersam. Fica um coração de mãe a lacrimejar; a fisionomia de um pai contraída a reprimir um soluço... Passam os anos. A terra é longe. Para os filhos, que são moços, as imagens distantes se apagam. Para os velhos, que são velhos... a imagem distante é a única luz da vida! E encontram-se de novo; o coração moço num noivado, que é uma promessa... e o pobre coração velho a soluçar de amor, que é apenas uma saudade... e, entre a borboleta branca que vem num noivado e a borboleta negra que procura o túmulo, há um anseio e um soluço... que são a vida!

**ADELAIDE**

*(A arear uma faca)* A cozinheira pergunta se a senhora quer torresmos para o viradinho de feijão com carne de porco. Parece que na cidade não gostam muito de torresmos.

**DONA CRISTINA**

Que faça tudo como se faz sempre, como se não tivesse alguém de fora. Os hóspedes só chegam amanhã... Ao menos hoje, enquanto está ele só, que tudo lhe lembre a casa antiga!... *(A rir)* E ele gostava tanto de viradinho com torresmos e com lombo de porco!

**ADELAIDE**

É que ele já foi promovido a tenente, e espera ser promovido a capitão das três gaitas.

**DONA CRISTINA**

Fra... ga... ta... *(Em outro tom)* E que tem isso? Ainda mesmo que fosse capitão-de-fragata, que fosse almirante, que fosse ministro, que fosse presidente da República...

**ADELAIDE**

Isso é. Ainda mesmo que fosse imperador, era sempre seu filho.

**DONA CRISTINA**

É e será sempre meu filho, meu Henrique, que só chegou aonde chegou porque nós, eu e o pai, trabalhamos, sacrificamos toda a nossa vida neste canto de roça, para fazê-lo feliz. Eis aí!...

**ADELAIDE**

Então se é assim a gente também pode servir um caldo de couve, não?

**DONA CRISTINA**

Também... Quero que seja tudo nosso, tudo paulista, bem da terra, bem da casa, bem da família... *(Pausa)* com o orgulho que nós, paulistas, temos da nossa terra e da nossa gente!

**ADELAIDE**

É que a tia Joana está a caducar com seu Henriquinho. Disse que não fazia nada que levasse água, porque oficial da Marinha, por viver sempre na água, não gosta de ensopados. *(Vai até a porta para sair e retrocede.)* Seu coronel Ferraz está aí. *(Dá passagem ao coronel.)* Entre, seu coronel! O senhor é de casa.

**CENA IV**

*(Dona Cristina, Adelaide e coronel Ferraz)*

**CORONEL**

Boa tarde, comadre... Então como vai a senhora com o seu reumatismo?...

**DONA CRISTINA**

*(A sorrir)* Como velha... arrastando sempre... Boa tarde.

**CORONEL**

Comadre fala em velhice com 55 anos?...

**DONA CRISTINA**

Suba... suba... comadre...

**ADELAIDE**

Uma cadeira?...

**CORONEL**

*(Sentando-se)* Obrigado, Adelaide. *(Para Adelaide)* Faça o favor de dizer ao Vadó... *(Para Dona Cristina)* Dá licença, comadre?

**DONA CRISTINA**

*(Sentando-se)* Está em sua casa, comadre.

**CORONEL**

Reconheço. *(Para Adelaide)* ... que afrouxe os arreios do animal e que lhe dê água e um embornal de milho... E “me rebata” um pouco os “loro”.

**ADELAIDE**

Sim, senhor.

**CORONEL**

*(Para Dona Cristina)* Que liberdade, comadre! Vou dispondo assim de seu milho e de sua gente.

**DONA CRISTINA**

Ora, comadre!... Nem que fosse mais.

**ADELAIDE**

Isso não tem nada, seu coronel!... Está em sua casa. Milho, há fartura. Se o senhor quiser, também, comer alguma coisa.

**CORONEL**

Não. Muito obrigado! *(Ri-se com benevolência.)* Ah... ah... ah...

**ADELAIDE**

É só chamar, seu coronel! *(Sai.)*

**CORONEL**

Imagine, comadre!...

**DONA CRISTINA**

Coitados! Não dizem por mal. É a ignorância.

**CENA V**

*(Dona Cristina e Coronel)*

**DONA CRISTINA**

Minha afilhada não quis vir?

**CORONEL**

Como não? Ficou aí na colônia a visitar um pequeno que está doente. Não pudemos vir logo, porque estou correndo os eleitores. Desta vez, havemos de arrancar o penacho do major Policarpo, ainda que seja preciso fazer votar os defuntos.

**DONA CRISTINA**

*(A sorrir)* Não há de ser a primeira vez! Os defuntos sempre votaram... Já no tempo do meu marido!

**CORONEL**

O promotor disse outro dia no júri que os vivos são governados pelos mortos!... Homem, em eleição não duvido!

**DONA CRISTINA**

Mandei pedir ao comadre que a Rosinha ficasse aqui comigo porque já não tenho jeito para hospedagem, e o Henrique convidou a senhora

de um ministro e a filha para virem passar uns dias aqui. A Rosinha é moça. Tem mais alegria.

**CORONEL**

Que quer, comadre! A gente vai ficando velho, vai conhecendo os homens, e vem a tristeza. Olhe esses amaldiçoados eleitores...

**DONA CRISTINA**

*(Interrompendo)* É a vida. Tudo envelhece: a gente, a casa, o campo, as árvores... Só não envelhecem as pedras, porque não têm alma!

**CORONEL**

A gente, comadre, é que é horrível. Tudo mais brota de novo... Até a pedra cresce!

**DONA CRISTINA**

E, também, a gente. Não há, então, os filhos, em que se vê o sangue reviver, alegre, feliz, como a flor que brota num galho seco? Hoje, volta-me o Henrique. Parece que tudo se anima de novo nesta casa, que toda ela revive, como revivem os campos tristes nos primeiros dias de primavera.

**CORONEL**

Pois hei de estimar que a Rosinha lhe faça boa companhia. Não sei... Ela depois que esteve aqui, da última vez, anda tão triste! Parece doente.

**DONA CRISTINA**

Assusta-me, compadre! Não, não pode ser. Há quinze dias ainda, a Rosinha esteve cá, tão alegre, tão feliz. Abraçava-me, beijava-me, chamava-me mamãezinha! Trouxe aquele vaso de begônias que ali está sobre a cômoda.

**CORONEL**

São sua paixão as begônias.

**DONA CRISTINA**

E sabe que me disse?

**CORONEL**

Não, senhora.

**DONA CRISTINA**

“Trago-lhe uma companheira. A senhora vive tão triste, sempre a pensar no Henrique dentro das suas saudades. Pode conversar com ela. A begônia é a alma das saudades. Não gosta da luz. Quer sempre a sombra em que possa meditar. Em cada uma das suas folhas vive a imagem de sua saudade, e tão grande é que, cortada uma delas, e atirada à terra, logo brota, da haste fina novas folhas surgem, e sua saudade inteira renasce num soluço, no canto que lhe é casa, na sombra que lhe é vida!...”

**CORONEL**

Então a senhora não adivinhou nada? Quem a ensinou a dizer essas coisas? Para uma menina da roça, e concentrada!

**DONA CRISTINA**

Ora, compadre! Quem ensinou? Então as moças não têm ouvidos para ouvir o que diz o luar, o que cantam os pássaros nos ninhos, o que diz o mato, o que diz toda a natureza quando elas passam? Os homens cantam serenatas aos dezoito anos, as moças começam aos catorze a ensaiar os soluços de sua alma de mulher, e sonham, sem saber ainda bem com que sonham!

**CORONEL**

A senhora não notou, porém, quanto ela mudou de três anos para cá? Sempre pensativa...

**DONA CRISTINA**

Ela está com dezessete anos. Aos catorze, todas elas mudam... quando põem a saia comprida. São moças; não são mais meninas.

**CORONEL**

Comadre lembra-se que brincávamos sempre, quando ela e o Henrique eram meninos, que se haviam de casar mais tarde?

**DONA CRISTINA**

Lembro-me muito. O Henrique, que era mais velho, tomava a coisa muito a sério.

**CORONEL**

Pois logo que ela pôs a saia comprida, como diz a comadre, uma vez que lhe falaram nessa brincadeira de criança, zangou-se, e pediu que nunca mais lhe falassem em tal coisa.

**DONA CRISTINA**

Já não era criança... era moça... É assim mesmo! Os homens não entendem isso bem.

**CORONEL**

Percebi logo, com o espírito de pai que nunca se engana, que ela amava alguém, algum outro.

**DONA CRISTINA**

Quem sabe?

**CORONEL**

Apareceram, depois, diversos pretendentes. Recusou-os todos. O último era moço distinto, moço formado. Vou dizer-lhe aqui em segredo: o ex-promotor da comarca. Ninguém sabe. Fica entre nós.

**DONA CRISTINA**

*(A rir)* Como ninguém sabe? O dr. Albano? Todo mundo sabia... menos, talvez, o compadre!...

**CORONEL**

Pensei que ninguém soubesse. Um moço a quem não faltava nada! Um doutor! Que podia ela querer mais? Recusou-o sem dizer por quê.

**DONA CRISTINA**

Não disse se gostava de alguém?



**CORONEL**

Diz que não gosta de ninguém, que se não quer casar. De há quinze dias para cá, desde a última vez que esteve aqui, mudou inteiramente. Quase não fala, fecha-se no quarto, e seus olhos não me enganam... vivem a chorar. Ainda se dissesse de quem gostava! Se tivesse mãe, podia ser que com ela se abrisse. Com os pais é mais difícil.

**DONA CRISTINA**

Tão linda e tão boazinha qual é, se gostar de alguém há de ser correspondida.

**CORONEL**

Quem sabe se a comadre?... Ela quer-lhe tanto! E os filhos são assim: muitas vezes o que escondem aos pais não escondem aos estranhos. A comadre podia aproveitar os dias que ela vai passar aqui para confessá-la, para lhe dar um vomitório com jeito... É quase sua filha. Desde que morreu a mãe, considera-a como sua segunda mãe.

**DONA CRISTINA**

Chama-me mesmo mamãezinha! Pois hei de ver, compadre. Estimo-a como a uma filha, e o que estiver em minhas mãos farei por ela.

**CORONEL**

*(Levanta-se.)* Se a comadre vir que é moço que serve, dou-lhe carta branca. O que a senhora resolver está resolvido. Não precisa consultar-me, basta contar-me quem vai ser meu genro. Ando sempre tão ocupado com essa maldita política! Enquanto não arrancar o penacho do major, para nada tenho cabeça. Então, com sua licença... E até logo, comadre.

**DONA CRISTINA**

Não espera seu afilhado? O Henriquinho está a chegar.

**CORONEL**

Voltarei à hora do jantar. Vou até ao Chico da Tapera. Ele tem dois filhos que preciso alistar.

**DONA CRISTINA**

Mas um tem dez anos!...

**CORONEL**

Não faz mal. O outro tem onze, e os dois juntos fazem 21. Adeus, comadre. *(Sai.)*

**DONA CRISTINA**

*(Acompanhando-o até a porta)* Até logo, compadre. *(Volta-se e fica um momento pensativa; vai até junto da cômoda, toma entre as mãos o vaso de begônias, olha-o um momento, e, a abanar a cabeça, exclama:)* A alma da begônia!... Coisas de moça... *(Aproxima-se da janela. Cai o crepúsculo.)* Quantas vezes eu também, aos vinte

anos, não adivinhei uma alma em cada flor... em cada crepúsculo... à hora da "Ave-Maria"... *(Ouve-se fora a sineta da capela da fazenda que anuncia a "Ave-Maria". Dona Cristina benze-se e reza. A orquestra em surdina acompanha o toque do sino. O coro dos colonos, fora, canta a "Ave-Maria". A voz de Rosinha domina as demais.)*

**DONA CRISTINA**

*(Olhando para fora)* É a Rosinha que acompanha a reza da colônia... Que linda voz! *(Ao fim do canto)* Vou vê-la. *(Deixa sobre a cômoda o vaso de begônias. Morrem as últimas notas do canto. Dona Cristina olha o vaso, olha o crepúsculo que se adensa, e exclama a sorrir:)* A alma de begônia... a alma do crepúsculo... Coisas de criança! *(Leva a mão ao peito.)* Entretanto, para o coração da mulher se devia fazer um só berço... É criança que nunca toma juízo... *(Vai sair, esbarra com Adelaide na porta.)*

**CENA VI**

*(Dona Cristina e Adelaide)*

**ADELAIDE**

*(Traz os talheres no avental.)* Prontos, os talheres. Nha Rosinha está aí!

**DONA CRISTINA**

Vou ter com ela. *(Sai.)*

**CENA VII**

*(Adelaide e Possidônio)*

**ADELAIDE**

*(Colocando os talheres na mesa, a Possidônio, que a segue, trazendo dois castiçais)* Como canta bem nha Rosinha, e que boniteza de moça! Com ela, sim, é que seu Henriquinho devia casar-se. É da mesma terra que ele. Quando eram pequenos, não se largavam. Cresceram juntos. E o mato que cresce junto não se pode arrancar um sem que leve a raiz do outro!

**POSSIDÔNIO**

É como nós, Adelaide! *(A um muxoxo de Adelaide)* Prontos, os castiçais. Perguntei também ao cozinheiro de seu Oswaldo se ele era casado, se tinha trazido a mulher. "Mi arrespondeu" que a mulher dele estava em toda a parte e que se chamava Dona Cocota! Eu então "assussurei": "Está aí uma mulher que me servia!"

**ADELAIDE**

Sem-vergonha!

**POSSIDÔNIO**

Ele me chamou de “cochon”, diz que quer dizer “rapaz sacudido”... Eu, então, bebi mais dois “gorpe”! Para que mentir?... (Sai.)

**CENA VIII**

(*Dona Cristina, Adelaide e Rosinha*)

**DONA CRISTINA**

Nunca tinha ouvido você cantar!...

**ROSINHA**

(*Sorrindo tristemente*) Não canto nunca... Foi a Sinfrônia que me pediu para acompanhar a “Ave-Maria” por intenção do filho. Boa noite, Adelaide!... (*Aproxima-se de Adelaide e estende-lhe a mão.*)

**ADELAIDE**

(*Limpa rapidamente a mão no avental.*) Eh, mecê vai sujar a sua mão... estou cheia de pó de tijolo... Boa noite! (*À parte*) Isso é que é menina sem orgulho! Filha de seu coronel... dá a mão para gente...

**DONA CRISTINA**

(*Vai buscar uma cadeira*) Uma cadeira, Rosinha!

**ROSINHA**

Não se incomode, mãezinha... Ora, tem graça! A senhora... mais velha... (*Leva Dona Cristina à rede.*) Sente-se a senhora. Vou tirar o chapéu.

**DONA CRISTINA**

(*Para Adelaide*) Ajude-a, Adelaide!

**ROSINHA**

(*Tira rapidamente o chapéu e entrega-o a Adelaide.*) Obrigada. (*Dá-lhe um chicotinho.*) Ponha o chicotinho junto do chapéu, sim?

**ADELAIDE**

Sim, senhora.

**DONA CRISTINA**

(*A Adelaide*) Vá buscar o lampião, Adelaide! (*A Rosinha*) Puxe uma cadeira para junto de mim.

**ROSINHA**

Não, senhora, quero o banquinho, minha tripeça, para sentar-me aos seus pés, como antigamente.

**DONA CRISTINA**

(*A rir*) Sempre a mesma! A tripeça está ali, junto ao sofá.

**ROSINHA**

(*Vai tomar a tripeça e vem sentar-se aos pés de Dona Cristina*) Quando eu era pequenina, encostava a cabeça a seu colo, e a senhora contava-me histórias, enquanto me alisava os cabelos. Lembra-se? Quantas saudades tenho!...

**DONA CRISTINA**

Pois encoste a cabecinha aí, e lhe vou contar histórias como antigamente!...

**ROSINHA**

Sim, mamãezinha, sua filhinha precisa muito... (*Com acento dolorido*) muito... de quem lhe conte histórias...

**DONA CRISTINA**

(*Acamando-lhe os cabelos*) Mas está muito crescidinha para ouvir a Princesa Magalona ou a Gata Borracheira. (*Leva a mão ao peito de Rosinha.*) Aqui neste coraçãozinho deve haver algum Malazartes...

**ROSINHA**

Ora, mamãezinha, que idéia!... Logo Pedro?...

**DONA CRISTINA**

Não digo Pedro... Nem todos os Malazartes se chamam Pedro. Hoje há Malazartes de todo o feitio: de bigode, sem bigode, de barba, sem barba, de anel de doutor, sem anel de doutor, à paisana ou de farda!

**ROSINHA**

(*Levanta a cabeça num movimento rápido.*) Por que a senhora disse de farda?

**DONA CRISTINA**

Porque também há! Com exceção dos padres, que se não podem casar, tudo mais que é homem é Malazartes!

**ROSINHA**

(*Volta à posição anterior.*) Para as outras! Para mim não. Não gosto de ninguém, e ninguém gosta de mim.

**DONA CRISTINA**

(*Levando de novo a mão ao coração de Rosinha*) Vamos, diga para a sua mãezinha como é o nome do Malazartes que está aqui dentro!... (*Adelaide entra com dois lampiões acesos; coloca um sobre a mesa de jantar e o outro sobre a mesinha do primeiro plano. Durante a cena, faz outras entradas, trazendo objetos diversos para completar a mesa.*)

**ROSINHA**

Vamos falar de outra coisa, mamãezinha? Aí não há ninguém. O Henriquinho chega mesmo hoje?

**DONA CRISTINA**

O trole já foi à estação. (*Olhando o cuco*) Nesta meia hora ele deve estar aí.

**ROSINHA**

E a moça que tem de vir?

**DONA CRISTINA**

Deve chegar amanhã ou depois. O Henrique

vem antes, talvez para ver que não lhes falte nada.

**ROSINHA**

*(Levanta a cabeça, apóia os dois cotovelos nos joelhos de Dona Cristina e, repousando o queixo sobre a mão, fita os olhos de Dona Cristina.)* É bonita a moça? É muito mais bonita do que eu?...

**DONA CRISTINA**

Olhem a faceira... Não sei, menina, não a conheço, mas é difícil que seja mais bonita do que você.

**ROSINHA**

O Henriquinho não dizia na carta se ela era bonita, se tinha os cabelos pretos, se era alta, se era baixa, se tinha os olhos grandes?

**DONA CRISTINA**

Não. Dizia-me, apenas, que era de uma família amiga, que o recebia em sua casa como um parente, que o convidava constantemente para almoçar, para jantar, para festas...

**ROSINHA**

E Henrique convidou-a para vir conhecer a senhora?

**DONA CRISTINA**

A moça, que se chama Cecília, esteve ultimamente doente, e o médico aconselhou-a que saísse, que viesse para o campo respirar um pouco de ar melhor. Henrique ofereceu-lhes, então, a nossa casa. Creio que ficarão aqui uns oito dias. Não sei como recebê-las. Foi por isso que mandei pedir-lhe para vir fazer-me companhia.

**ROSINHA**

*(Pensativa)* A mim me parece que não é só mudança de ar... que Henrique gosta dessa moça...

**DONA CRISTINA**

Pode ser!

**ROSINHA**

*(Aflita)* Ah, então a senhora também acredita?

**DONA CRISTINA**

Ele tem me falado dela em muitas cartas.

**ROSINHA**

*(Nervosa)* E dizia que gostava dela, que se queria casar com ela, que...

**DONA CRISTINA**

Não, não me dizia.

**ROSINHA**

*(Aliviada)* Então a senhora não tem certeza?

**DONA CRISTINA**

Pois ele não me disse nada ainda!... Suponho como você supõe.

**ROSINHA**

Tratam-no já como parente... Vêm até conhecer a senhora... E é a filha de um ministro!...

**DONA CRISTINA**

Estou embaraçada é com a hospedagem. Mas com você aqui a casa vai ficar mais alegre.

**ROSINHA**

*(Triste)* Eu, mamãezinha?...

**DONA CRISTINA**

Você é moça, pode fazer companhia a Cecília, sair com ela e com Henrique a passeios. Hão de se rir muito.

**ROSINHA**

Não, mamãezinha... *(Ligeira pausa)* Sou muito infeliz para poder rir. *(Atira-se a soluçar ao pescoço de Dona Cristina.)*

**DONA CRISTINA**

Que é isso, filhinha? Não chore! Se gosta de alguém, diga-me que eu a protegerei. Você há de casar com quem quiser. O compadre, ainda agora, deu-me carta branca.

**ROSINHA**

*(Levantando-se a limpar as lágrimas)* Perdoe, mamãezinha. É uma tolice. Ando tão nervosa! *(Aproximando-se da cômoda)* A begônia que eu lhe trouxe como está viçosa! É como certos corações que nasceram para viver na sombra e na dor... Como o meu! *(Toma o vaso nas mãos.)*

**DONA CRISTINA**

*(Levanta-se vagarosamente.)* Vai contar-me de quem gosta e havemos de arranjar tudo a seu gosto...

**ROSINHA**

A senhora não pode fazer nada. É um coração que já pertence a outra. *(Olhando para o vaso)* Pobre begônia!...

## CENA IX

*(As mesmas e Henrique)*

**HENRIQUE**

*(Ao entrar)* A linda surpresa!... Boa noite! Não me esperavam ainda?

**DONA CRISTINA**

Henrique!

**HENRIQUE**

*(Atirando-se aos braços de Dona Cristina)* Minha mãe!...

**ROSINHA**

(*Deixa cair o vaso.*) Ele!

**DONA CRISTINA**

(*Abraçada a Henrique*) Oh, Rosinha, minha begônia!

**HENRIQUE**

Que desastre! E fui eu o causador. (*Deixa Dona Cristina e vai apanhar o vaso de begônias. Abaixa-se ao mesmo tempo que Rosinha.*) Boa noite, Rosinha. (*Ergue o vaso e entrega-o a Rosinha.*)

**ROSINHA**

(*Recebendo o vaso*) Boa noite, Henrique!

**HENRIQUE**

Que pecado! Depois de tão longa ausência... Dizem que é de mau augúrio! Felizmente salva-se a planta.

**DONA CRISTINA**

É difícil que resista!

**HENRIQUE**

Um pouco de terra nova e ela reflorirá.

**ROSINHA**

(*Melancólica, a sorrir*) Talvez!... Há uma coisa, porém, que não se conserta mais...

**HENRIQUE**

Que é?

**ROSINHA**

(*Demoradamente*) O vaso... que quando é tosco, assim, ninguém nele repara...

**DONA CRISTINA**

Chame Adelaide; ela arranjará outro vaso.

**ROSINHA**

Vou eu mesma. A Adelaide tem as mãos muito grossas para cuidar destas flores. (*Sai.*)

**CENA X**

(*Henrique e Dona Cristina*)

**DONA CRISTINA**

Devias ter esfalfado os animais para chegar assim tão depressa.

**HENRIQUE**

(*A rir*) O trole ainda está em caminho, minha mãe. É uma coisa fóssil. Não sei como há ainda quem ande de trole!

**DONA CRISTINA**

(*Desapontada*) Não vieste nele?

**HENRIQUE**

(*Acariciando-a*) Não. Seria um suplício!

**DONA CRISTINA**

(*Vexada*) Tinha mandado pintá-lo de novo para esperar-te. Todos nós aqui andamos de trole!

**HENRIQUE**

(*Consolando-a*) Não se desaponte com o seu trole. Acho-o muito lindo, mas para o ver de longe, como uma relíquia. Felizmente o Oswaldo recebeu a tempo o meu telegrama e levou o automóvel à estação. Ele tem uma ótima máquina para as nossas péssimas estradas. Viemos em um quarto de hora da estação aqui. Mas que solavancos! Nem podíamos conversar. Ele estava, às vezes, acima da minha cabeça, outras vezes, à altura das minhas pernas. Eu tinha a impressão de uma gangorra.

**DONA CRISTINA**

O Oswaldo? O filho do falecido Manuel Inácio?

**HENRIQUE**

Justamente. Um excelente rapaz.

**DONA CRISTINA**

Fizeste mal em vir com ele!

**HENRIQUE**

Por quê, minha mãe? (*Descalça as luvas e vai colocá-las com o boné sobre uma cadeira.*) Eu conto justamente com ele para os dias que vou passar aqui. É, talvez, o único animal civilizado que há aqui na cidade.

**DONA CRISTINA**

Civilizado demais! Já pôs fora metade do cabedal que herdou. Logo que o Manuel Inácio morreu, saiu em viagens, deu o que falar, dissipou o que havia recebido e, há seis meses, voltou para ser o escândalo da freguesia.

**HENRIQUE**

Que fez ele? É um rapaz moderno, com hábitos de sociedade, elegante, inteligente.

**DONA CRISTINA**

Sei, apenas, pelo que dizem, mas, ao que parece, voltou sem religião, criticando todos, até o vigário! Um dia destes foram pedir-lhe uma esmola para os pobres de S. Vicente de Paula. Sabe o que ele respondeu?

**HENRIQUE**

(*A rir*) Algum dos seus paradoxos habituais.

**DONA CRISTINA**

Que estava pronto a dar dinheiro e comprar carabinas para que se fuzilassem todos os pobres. Que o pobre é parasita, como a tiririca, como a erva-de-passarinho. E que alimentar as ervas-de-passarinho era matar as boas árvores.

**HENRIQUE**

(*A rir*) É extraordinário!

**DONA CRISTINA**

Apresentaram-lhe uma subscrição para a

Etelvina, que ficou viúva e sem recursos, e que foi muito protegida por Manuel Inácio. Disse que não assinava porque viúvas eram estabelecimentos em *chômage*. Ninguém sabia o que era isso. Ele explicou, a rir, que eram estabelecimentos que estavam fechados porque assim queriam! Ora veja!

**HENRIQUE**

(*A rir*) É extraordinário!

**DONA CRISTINA**

Parece que não entendeste bem o que ele quis dizer.

**HENRIQUE**

(*A rir*) Entendi, sim. Mas isso é adorável! Não assina subscrições para viúvas porque não quer proteger o *chômage*!

**DONA CRISTINA**

Vejo que vocês na cidade pensam todos pela mesma cabeça. Não julguei que meu filho voltasse, também, com esses disparates. Aqui, foi um escândalo. Aqui ainda se dão esmolas, ainda se vai à igreja e ainda se respeitam as senhoras.

**HENRIQUE**

(*Abraçando-a*) Também nós na cidade, minha mãe. Não se escandalize com o meu riso. Acho graça ao Oswaldo, porque é um tipo comum em dia de hoje, o tipo do rapaz rico, frívolo, inteligente, ignorante, que diz sempre o que não pensa e não pensa no que diz. É um excelente amigo, entretanto!

**DONA CRISTINA**

Preferia que não andasses com ele, mas como está aí, recebe-o, enquanto vou mandar servir o jantar. (*Sai.*)

**HENRIQUE**

A seu cômodo, minha mãe. Creio que Oswaldo janta conosco.

## CENA XI

(*Henrique, Oswaldo e Possidônio*)

**HENRIQUE**

É extraordinário o Oswaldo!

**OSWALDO**

(*Entra, de costas, pela porta por onde saiu Dona Cristina.*) Todos os meus cumprimentos, minha senhora! Criado respeitador de V. Ex.! (*Voltando-se para Henrique*) Tua mãe deve estar a benzer-se. (*A rir*) Encontrou o demônio no corredor. Não me pode ver! (*Levando as mãos aos rins*) Ai! tenho os rins destroçados! Dez minutos

abaixado, a concertar o carburador, desancaram-me. Conheces vício mais indecente do que o trabalho?

**HENRIQUE**

Um trabalho de dez minutos que desanca um homem é, de fato, indecente!

**OSWALDO**

Só conheço uma coisa mais indecente, que é a mãe.

**HENRIQUE**

(*Sério*) A mãe? Hom'essa...

(*Possidônio aparece à porta, sem ser visto pelos que estão em cena.*)

**OSWALDO**

O trabalho, como mãe de todos os vícios.

**HENRIQUE**

(*A rir*) Ah! antigamente a ociosidade é que era a mãe de todos os vícios.

**OSWALDO**

Antigamente... antigamente!... Hoje é socialismo: pouco trabalho! Como andam atrasadas as escolas de Marinha! A vadiação é a mãe de todas as virtudes e de todas as artes. Só o vadio é grande e nobre, porque tem tempo para se enobrecer, para sonhar, para descobrir novos horizontes, para espalhar um pouco do pó-de-arroz da fantasia sobre a carcaça velha da vida. O vadio sonha, e é de seu sonho que surgem as obras de arte, os quadros, os versos, a música, os monumentos, tudo que há de belo na vida! Até igrejas... O vadio ama!... A ociosidade é, pois, a mãe do amor, que é a vida, e portanto é a mãe da vida! A ociosidade é a mãe da fantasia, e sem a fantasia este mundo seria uma bigorna para moer os rins dos homens honestos... como eu! Ai!... ai!... (*Endireita-se a apertar os rins.*)

**POSSIDÔNIO**

(*Que durante as falas acima dá sinais de aprovação*) Eu vim saber se os cavalos ainda demoram muito para chegar.

**HENRIQUE**

Que cavalos?

**POSSIDÔNIO**

(*Indica Oswaldo*) Seu Oswaldo disse que o "estromóvel" tinha vinte cavalos. Ainda não vi chegar nenhum. O Elias já está no paiol preparando o milho.

**OSWALDO**

(*Ri*) Ah!... ah!... ah!..., vá descansado, meu velho. Os cavalos do progresso não comem milho. Jantam nos *restaurants*!

**HENRIQUE**

(*Rindo-se*) Não se incomode com os cavalos. Pode ir!

**POSSIDÔNIO**

(*Sai a rir alvarmente.*) Cavalo no “restaurant”! Puxa!...

**OSWALDO**

(*Endireitando o busto*) Felizmente passou!...

**HENRIQUE**

Dez minutos de trabalho fizeram-te gemer!

**OSWALDO**

Dez minutos, mas dez minutos de cócoras!... Dez minutos de cócoras valem por um dia de pé... De cócoras, e um retrocesso. E tudo por economia! Por economia mandei soldar o *gicleur*, em vez de o substituir por um novo. Aí está no que deu a economia! Positivamente, a vadiação é a mãe de todas as virtudes e a economia é a mãe de todos os vícios. (*Senta-se a cavalo numa cadeira.*)

**HENRIQUE**

Acabas por mudar o sentido de todas as palavras.

**OSWALDO**

Eu, não. O século. Não me confundas com ele. O século é coisa medonha, pesada, vestida de preto, às vezes de cartola, e sempre escura. Quando encaro o século, parece-me que olho o fundo de um túnel.

**HENRIQUE**

(*A rir*) O fundo de um túnel?

**OSWALDO**

Para o século, o ocioso é brilhante e o econômico é avarento. Eu, por exemplo, sou brilhante. Tu és avarento! Se olhares o fundo do túnel, verás tua imagem transformada em tio Gaspar.

**HENRIQUE**

E por quê? Não sou rico como tu.

**OSWALDO**

Vejam isso! Um rapaz *chic*, oficial de Marinha, distinto, elegante, e que admite ainda em casa de seus pais, no lar... de seus antepassados, esses móveis!... “Porca miséria!”, como diz o italiano.

**HENRIQUE**

(*Desapontado*) São móveis de família que têm vindo de geração a geração.

**OSWALDO**

Tens cada idéia! De geração a geração só o dinheiro!... E esse mesmo até chegar às mãos de um herdeiro inteligente, porque eu, por exemplo,

não pretendo passá-lo adiante! As fortunas acumulam-se enquanto se sucedem as gerações de idiotas. Uns vão passando o dinheiro aos outros, até que surja um descendente genial, como este teu criado, que bebe pelas tradições da família algumas centenas de garrafas de champanha *frappée* e substitui o trabalho humilde dos an... te... passados, pelos nobres ofícios de um *can-can d’escacha!* (*Faz uma pirueta. Dá com o retrato do pai de Henrique.*) Quem é aquele macacão fardado?

**HENRIQUE**

É o pai deste macaquinho!...

**OSWALDO**

Desculpa-me. Não conheci teu pai. Em todo caso não há ofensa.

**HENRIQUE**

Não, não... É apenas desagradável.

**OSWALDO**

Agradece ao Darwin. Para ele, todos nós descendemos de macacos, com farda da Guarda Nacional ou sem ela. Há mosquito-sargento, pode haver macaco-capitão!

**HENRIQUE**

(*Olhando os móveis*) Ao entrar aqui achei certa poesia nestes móveis, mas, de fato, estão um pouco estragados.

**OSWALDO**

Um pouco? É bondade tua. (*Exclamativo*) Tudo isso tem dois séculos! E vais trazer a esta casa a linda Cecília, acostumada à linha e à elegância, cujo posterior está habituado a cadeiras acolchoadas...

**HENRIQUE**

Oh! tu és irreverente!

**OSWALDO**

Oh, meu caro, se queres que faça reverências ao posterior das damas!... (*O cuco dá horas.*) Oh, ainda mais isso! Isso é antediluviano! (*O cuco continua a dar horas. Oswaldo, levantando-se, vai ao relógio e prende-lhe as correntes.*) Enforco este animal!... Imaginem a bela Cecília, elegante, perfumada, astral, cuja vida deve ser medida pelos minuets dos carrilhões, a ouvir esse pio agourento!...

**HENRIQUE**

Fala mais baixo! Mamãe pode ouvir!

**OSWALDO**

Mamãe!... Meu caro tenente da Armada!... Meu guerreiro!... o teu mamãe cheira-me a pastinha e a brilhantina de um herói de Offenbach!

**HENRIQUE**

Creio que se pode ser herói e ter mãe!...

**OSWALDO**

Naturalmente! Ninguém t'ó proíbe. Mas quando se chega a ter certo brilho, como tu, reformam-se os parentes... pela compulsória! É preciso dar à casa uma caixa de sapólio, e à família uma folhinha, para que ela não fique empacada de reumatismo, cinquenta anos para trás. É preciso substituir esses móveis, se não queres que Cecília forme deplorável idéia a teu respeito, e machuque-se toda na dureza de tuas tradicionais cadeiras!...

**HENRIQUE**

Como queres que os substitua? Não há tempo. Cecília encontrará a casa em que eu nasci como é.

**OSWALDO**

Então, por que também não te apresentas sem roupa, como nasceste? Com o umbiguinho de fora?!...

**HENRIQUE**

Ora essa!

**OSWALDO**

Salvo se nasceste assim, fardado de tenente da Armada. Não era um nascimento; era um submarino!... Ouve cá: voltemos à cidade. Tenho uns móveis que trouxe de Londres. Há neles alguns micróbios de dissolução, mas isso hoje, filho!... Feito? Põe-se isto que é um brinco.

**HENRIQUE**

Feito, mas depois do jantar.

**OSWALDO**

Não há tempo que perder. Jantas comigo. Tenho um cozinheiro francês que não pago para que ele não pense em abandonar-me. Em Paris, creio que foi limpa-trilhos de uma fábrica de aeroplanos. Aqui tem sido tudo, inclusive cozinheiro! Espera chegar a ser qualquer coisa menos: deputado, ministro, senador ou presidente da República, quando nós, com os ridículos e os erotismos de nossa paixão por tudo que é francês, tivemos a ventura suprema de ser governados pela França, ou pelas francesas!... Vamos embora! Jantas comigo.

**HENRIQUE**

Mas hoje? Logo no primeiro dia de meu regresso? Mamãe pode magoar-se.

**OSWALDO**

Mamãe... mamãe... Queres uma mamadeira?! Vamos embora, homem! Ou preferes a banalidade de uns coronéis, de umas meninas

românticas que deve haver aí pela casa, e a bacharelize de um leitãozinho assado com duas azeitonas nas ventas espipadas para o ar, ou a estupidez pretensiosa e enfatuada de um peru com farofa? Vamos!

**HENRIQUE**

Pois vamos. Dou uma desculpa a minha mãe.

**CENA XII**

*(Os mesmos, Dona Cristina e depois Adelaide)*

**DONA CRISTINA**

*(A Henrique)* O jantar está pronto. Falta apenas teu padrinho, que não deve demorar.

**OSWALDO**

*(Baixo a Henrique)* E para sobremesa um coronel da Guarda Nacional. É fantástico!... E épico!...

**HENRIQUE**

A senhora fará o favor de desculpar-me com o meu padrinho. Volto com Oswaldo à cidade, e janto com ele.

**DONA CRISTINA**

Como? Logo hoje, nem bem acabas de chegar?... Mandei fazer um jantar todo nosso. A Adelaide quis ela mesma preparar o leitão de forno. O peru, preparei-o eu, como tu gostas.

**OSWALDO**

*(À parte)* Ah, o miserável! Gosta de peru com farofa!

**HENRIQUE**

É que Cecília e Mme. Cardoso devem chegar amanhã. Vou ver uns móveis, que Oswaldo me oferece, para alegrar mais a nossa sala de jantar.

**DONA CRISTINA**

*(Desapontada)* Achas, então, que esses móveis envergonham, que a nossa casa não é digna de...

**OSWALDO**

*(À parte)* Digníssima de ir para o fogo! Madeira velha e bem seca!

**HENRIQUE**

*(Aproxima-se de Dona Cristina)* Não é isso, minha mãe. Não é que envergonhem. Esta casa é a minha, é a sua.

**DONA CRISTINA**

É aquela em que nasceste.

**HENRIQUE**

E que me faz orgulho. São duas senhoras, porém, habituadas a outros costumes, a certo luxo. É uma pequena revolução por oito dias. Põe-se tudo depois em seus lugares.

**OSWALDO**

(*À parte*) Há de ser difícil achar os lugares da poeira e das teias de aranha!

**ADELAIDE**

(*Entrando*) Seu coronel mandou avisar que só pode vir à noite. Que a senhora desculpasse mas é pelas eleições.

**OSWALDO**

Piedosa ocupação! Estará a exumar defuntos!

**HENRIQUE**

Neste caso fico. A senhora vai jantar muito só!

**DONA CRISTINA**

Não, meu filho, podes ir. Nunca está só na velhice quem está na casa em que viveram os seus.

**OSWALDO**

(*À parte*) Quanto lirismo!...

**HENRIQUE**

A mamãezinha não fica zangada?

**DONA CRISTINA**

As mães nunca se zangam. São diferentes das outras mulheres... das que lhes roubam os filhos!

**OSWALDO**

(*À parte*) Tem razão. As outras são, geralmente, estéreis! (*Para Henrique*) Vamos, Henrique! (*Para Dona Cristina*) Com licença de V. Ex. (*Curva-se e sai.*)

**HENRIQUE**

Até loguinho, mamãe. Antes das nove estarei de volta. Tenho muita coisinha para contar-lhe. (*Sai.*)

**ADELAIDE**

Posso servir o jantar?

**DONA CRISTINA**

Chame Rosinha!

**ADELAIDE**

Dona Rosinha não queria vir à mesa por causa daquele moço. Tinha vergonha. (*Ouve-se o fon-fon do automóvel.*) Jantou na cozinha, e está passeando no terreiro.

**DONA CRISTINA**

Traga-me um prato de sopa. É bastante.

**ADELAIDE**

Tenho pena é do jantar. Fizemos tanta coisa e a senhora vai jantar sozinha.

**DONA CRISTINA**

Sozinha, não! (*Olha o retrato do marido e sorri, a evocar dolorosamente.*) Janto com ele, como sempre! Com ele, para o qual a casa nunca seria velha!...

(*Ouve-se no terreiro a voz de Rosinha a cantar.*)

**ATO II**

(*Mesmo cenário do primeiro ato, com mobiliário moderno. As paredes estão cobertas por grandes gobelins. Há dois ou três quadros de nu. Reposteiro e cortinas. Na janela que dá para o terreiro, uma rica cortina de correr. Sob a cortina, linda jardineira com uma palmeira. Aos cantos, vasos de flores tropicais. Poltronas estofadas, em grupos.*)

**CENA I**

(*Dona Cristina e Adelaide*)

(*Adelaide vestida de preto, de avental e touca*)

**DONA CRISTINA**

(*Vestida para sair, de mantilha*) Não achaste meu terço?

**ADELAIDE**

Ficava sempre em cima da cômoda. Com a revolução que o seu Henriquinho e o seu Oswaldo fizeram na casa, não se acha mais nada.

**DONA CRISTINA**

Está bom. Rezarei pelos dedos. Felizmente está a acabar a hospedagem. Oh, que martírio tem sido!

**ADELAIDE**

Só até amanhã.

**DONA CRISTINA**

O filho do Manuel Inácio tomou conta da casa. É quem hospeda, é quem dirige tudo. (*Em outro tom*) Abotoa-me os sapatos (*Senta-se e afunda na cadeira de molas. Levanta-se, indignada.*) Veja isto se é cadeira!

**ADELAIDE**

Nessas cadeiras é preciso sentar-se de banda.

**DONA CRISTINA**

(*Senta-se com cuidado.*) Tudo transformado, tudo mudado! Nem a minha rede, nem o retrato do meu marido!

**ADELAIDE**

(*Abotoando os sapatos de Dona Cristina*) O que o seu Oswaldo diz é que é, para seu Henriquinho e para Dona Cecília!...

**DONA CRISTINA**

É outra! Uma cabeça de vento! Parece que o Henrique está caído por ela. Ah, não há de ser por meu gosto!

**ADELAIDE**

Nem pelo meu. Santo Antonio está dormindo no sereno com esse frio, e não volta para dentro se não fizer casar seu Henriquinho com Dona Rosinha.



**DONA CRISTINA**

Com essa sim! É da nossa raça, da nossa terra, de nossos costumes. Henrique, porém, deixa-se levar pelas momices da outra. É o que diz o ditado: “Casamento e mortalha no céu se talha”.

**ADELAIDE**

Se Santo Antonio não talhar este, fica lá fora tomando geadas. Deixe-o por minha conta!

**DONA CRISTINA**

Será o que Deus quiser! *(Levanta-se.)*

**ADELAIDE**

O almoço hoje é ao meio-dia. Seu Oswaldo disse ontem à noite que avisasse todos.

**DONA CRISTINA**

É o dono da casa, agora. Instalou-se aqui como um rei.

**ADELAIDE**

Ele e aquele implicante do cozinheiro que veio com ele. É todo *oui... oui...!* Parece porquinho novo! Com todo seu luxo põe a carne sem lavar no fogo! Diz que é moda francesa.

**CENA II**

*(As mesmas e Rosinha)*

**ROSINHA**

Bom dia, mamãezinha. Bom dia, Adelaide!

**DONA CRISTINA**

Já se levantou, Rosinha? Bom dia!

**ROSINHA**

Ouvi a senhora andar, e lembrei-me da reza. Hoje é domingo. Eu, também, não deixo de ir à reza do domingo, quando não posso ir à cidade à missa. *(Ouve-se o toque do sino.)*

**DONA CRISTINA**

Vamos, então. Estamos na hora. Você puxará o terço.

**ROSINHA**

Vamos!

**ADELAIDE**

Não quer mandar fazer alguma coisa para o almoço? A senhora não come aquelas comidas!

**DONA CRISTINA**

Não; até amanhã continuo a não mandar. O filho do Manuel Inácio que determine. *(Olhando os móveis)* Felizmente, é só até amanhã. Depois, tudo isso voltará para a cidade. Teremos, de novo, a nossa casa qual ela era, como sempre foi... sem tapetes, sem luxo... sem progresso... mas nossa, e bem nossa, e dos que foram nossos. *(Sai com Rosinha.)*

**CENA III**

*(Adelaide, Possidônio e Henrique)*

**ADELAIDE**

Tem razão! Olhe para aquilo, Possidônio! *(Mostra o quadro de nu.)*

**POSSIDÔNIO**

Seu Oswaldo diz que é nu do salão. Coisas da cidade!

**ADELAIDE**

Aqui na roça a gente nem no quarto fica assim, quanto mais no salão. *(Toque de campainha à direita.)*

**VOZ FEMININA**

*(Dentro)* Adelaide!... Adelaide!...

**ADELAIDE**

*(Toma a direção da direita.)* Já vou! São elas! É abrirem os olhos e gritar Adelaide! Sentam-se, de camisola, na cama, nem bem acordam, e a gente tem que lhes levar tudo à mão! Se seu Henriquinho as visse de manhã! Moça da cidade deita com uma cara e levanta com outra.

**POSSIDÔNIO**

Não é como as nossas que levantam com a cara da véspera, e nem parece que se deitaram. Ah! Adelaide... Se você quisesse, não tinha nem véspera, nem dia... Emendávamos o ontem com o amanhã!... *(Toque de campainha à esquerda.)*

**VOZ MASCULINA**

*(Dentro)* Adelaide!... Adelaide!...

**ADELAIDE**

Agora é o seu Oswaldo. É pelo café. Aquele, então, recebe a gente todo descomposto, e se eu viro a cara, diz logo: “Donzela, nunca se deve virar a cara à beleza natural, tal qual Deus a fez!” *(Voz feminina e campainha à direita.)*

**VOZ FEMININA**

*(Dentro)* Adelaide!... Adelaide!....

**ADELAIDE**

*(Junto à porta da esquerda)* Já vou!... Já ouvi!... Já lhe levo o café!

**OSWALDO**

*(Do quarto)* Traga o binóculo para eu ver a natureza!

**POSSIDÔNIO**

Uai! *(Ri.)* Isso é que é gente para se divertir! *(Sai.)*

**ADELAIDE**

Virgem! *(Persigna-se.)* *(Toque de campainha à direita)* Lá vou! É preciso ter, pelo menos, quatro pés para servir essa gente civilizada da cidade. *(Sai pela direita e volta rapidamente.)*

**HENRIQUE**

*(Entra e procura um objeto qualquer sobre os móveis.) Não viu a minha gillette?*

**ADELAIDE**

Está ali no quarto!

**HENRIQUE**

No quarto de Mme. Cardoso? Quem a levou para lá?

**ADELAIDE**

Ela foi com a mãe, ontem à noite.

**HENRIQUE**

*(À parte)* Para que diabo precisaria Mme. Cardoso da minha navalha! *(Alto)* Talvez você se tenha enganado. Quem sabe se o Oswaldo a levou para o quarto dele?

**ADELAIDE**

*(À parte)* Cruzes, como eles falam isso sem vergonha! *(Alto)* Não, senhor, ela dormiu com a mãe.

**HENRIQUE**

Quem? Quem?

**ADELAIDE**

Dona Cecília.

**HENRIQUE**

*(A sorrir)* Quem lhe falou em Dona Cecília? Perguntei-lhe pela minha gillette. A navalha!...

**ADELAIDE**

Como ouvi, ontem, seu Oswaldo dizer Ceciliette... Uma hora é a "mademoiselle", outra hora é Ceci, outra hora é Ceciliette... Eu já nem sei!

**HENRIQUE**

O Oswaldo?

**ADELAIDE**

Com licença! Estou servindo as senhoras. *(Vai sair.)*

**HENRIQUE**

Venha cá!

**ADELAIDE**

Já volto. Estou ocupada.

**OSWALDO**

*(Do quarto)* Adelaide, o café!

**ADELAIDE**

Espere! Estou ocupada com as senhoras! *(Sai.)*

**CENA IV**

*(Henrique e Oswaldo)*

**HENRIQUE**

Ceciliette? O Oswaldo? *(Toma a cena, pensativo. Campanha à esquerda.)*

**OSWALDO**

*(Pondo a cabeça pela fresta da porta)* Adelaide, traze o café e o binóculo!

**HENRIQUE**

Um momentinho, sim? Adelaide está servindo Mme. Cardoso.

**OSWALDO**

Traze-me tu, então, o café. Não estás a fazer nada. Se continuas assim, enferrujam-te as juntas!

**HENRIQUE**

*(A sorrir)* Meu caro, a ociosidade é a mãe de todas as virtudes. Aprendi isso contigo. Só o vadio é brilhante. Espera, pois, pela Adelaide!

**OSWALDO**

Perdão! As minhas teorias, como as minhas camisas, são feitas sob medida para meu uso pessoal. Traze-me o café, ou desfaleço de fome líquida! Convence-te de que a ociosidade só é virtude quando a Adelaide não está ocupada!

**HENRIQUE**

Bem, bem! Vai para a cama que te levarei o café.

**OSWALDO**

*Grazzie tante, merci, mon coco, dank schöne, thank you!* Se o mar não existisse era preciso criá-lo só pelo prazer de termos oficiais de Marinha que nos trouxessem o café! *(Sai.)*

**HENRIQUE**

Obrigado pela Marinha.

**CENA V**

*(Henrique, Adelaide, Oswaldo e depois Possidônio)*

**ADELAIDE**

*(Traz na mão esquerda uma bandeja de café, na direita uma bandeja de chá, e, pendurado a um dos dedos da mão direita, um jarro de água.)* Seu Henriquinho faz o favor de bater à porta de seu Oswaldo!...

**HENRIQUE**

Como vem isso! *(A rir)* Pareces um armarinho! *(Bate à porta de Oswaldo.)*

**ADELAIDE**

Que quer? Pedem tudo ao mesmo tempo!

**OSWALDO**

*(Aparece à porta e recebe a bandeja.)* Obrigado, meu almirante! *(Olhando Adelaide)* Ó Adelaide, diz às senhoras que nessa água em que se vão banhar destila-se a admiração incondicional de dois iconoclastas vencidos. Famoso! *(Recolhe-se a rir.)*

**ADELAIDE**

Não entendo metade do que seu Oswaldo diz. Ele fala português de luxo! Vou levar o chá às senhoras. *(Encaminha-se para a direita.)*

**HENRIQUE**

Diga-me, Adelaide! Ouviu mais alguma coisa da conversa de Oswaldo com a Cecília?

**ADELAIDE**

Não, senhor. Eu ia passando; ia arrumar o quarto de seu Oswaldo, por sinal que lá no quarto estava uma linda rosa vermelha em cima do criado-surdo.

**HENRIQUE**

Criado-mudo.

**ADELAIDE**

Sim, senhor, surdo-mudo, porque também não ouve. Uma rosa igualzinha àquela que Dona Cecília tinha, ontem, no peito, ao jantar. *(Campainha à direita.)*

**VOZ FEMININA**

*(Dentro)* Adelaide!...

**HENRIQUE**

Uma rosa igual?

**ADELAIDE**

Com licença! Já vou! Oh, que gente! *(Sai pela direita.)*

**HENRIQUE**

Cecília, de fato, não tinha a rosa ao peito ontem à noite. Tê-la-ia dado a Oswaldo? Quem sabe se não é a mesma? Vejamos. *(Junto ao quarto de Oswaldo)* Oh, Oswaldo! Sou eu! Abre!...

**OSWALDO**

*(Entra em cena. Está de pijama, tem uma xícara e um biscoito nas mãos.)* Que me queres, pirata?

**HENRIQUE**

Nada! Ia fazer-te companhia. Estava só, aqui.

**OSWALDO**

Perdão. Isso está mal deduzido. Se estavas só e ias procurar-me, era para que eu te fizesse companhia. E não se perturba um café com leite delicioso, filho de mãe amorosa, por tão lamentável desejo de sociabilidade!

**HENRIQUE**

Ês um ingrato!

**OSWALDO**

Pode ser. Mudas o nome a todos os sentimentos. Ingrato para mim é quem agradece!

**HENRIQUE**

Ah, mais uma!

**OSWALDO**

Quem não agradece fica a dever. E quem deve lembra-se sempre do credor. Ora, uma pessoa que se lembra sempre de outra é pessoa grata. Pode ser caloteiro; ingrato nunca. Precisas de um dicionário novo.

**HENRIQUE**

Quando publicares o teu, conta comigo. Por enquanto sigo o da maioria.

*(Possidônio entra com uma tina de plantas e vai colocá-la em um canto. Presta atenção ao diálogo e dá sinais de aprovação ao discurso de Oswaldo.)*

**OSWALDO**

A maioria é o absurdo! A maioria nunca resolve! É a estupidez, é a ignorância. As minorias é que governam. Os generais é que dirigem os soldados, os deputados é que fazem as leis para o povo. Os poucos grandes espíritos é que dirigem as ciências e as artes. *(Bebe um gole de café.)* E ainda no café com leite, é a minoria do café que dá gosto à maioria do leite!

**HENRIQUE**

Está bem! Está bem! Estará no teu quarto a minha gillette?

**OSWALDO**

Só se a puseste lá! *(Vendo que Henrique se dirige para o quarto)* Espera! Não pode estar lá. Meu quarto estava fechado ontem à noite. A Adelaide levou a chave por esquecimento. E tu fizeste a barba à hora do jantar.

**HENRIQUE**

Tens razão!

**OSWALDO**

*(Acabando o biscoito)* Estes biscoitos são deliciosos. Se não fosse o trabalho de ir buscar outro!...

**HENRIQUE**

Não seja por isso. Vou eu buscá-lo. *(Entra para o quarto de Oswaldo.)*

**CENA VI**

*(Oswaldo, Adelaide e Possidônio)*

**OSWALDO**

Obrigado! *(Espicha as pernas.)* E dizem que a maioria é que resolve! Todos aqui trabalham para mim! Oh, a vida do vadio é brilhante. *(Possidônio dá uma gargalhada.)* Que é isso? Por que abres as mandíbulas em rincho tão desarmônico?

**POSSIDÔNIO**

É sim, senhor. Tem razão. *(Sai a rir.)*

**ADELAIDE**

*(Vem da direita com a bandeja de chá.)* Bom dia, seu Oswaldo.

**OSWALDO**

Bom dia, donzela. As senhoras já se levantaram?

**ADELAIDE**

Acabam de tomar chá, e já se estão a vestir. Não achou uma rosa no seu criado-surdo?

**OSWALDO**

Uma linda rosa vermelha? Sim.

**ADELAIDE**

Fui eu que a pus lá!

**OSWALDO**

Bravos! É sempre assim. Começam por virar a cara à natureza e acabam por falar a linguagem das flores!

**ADELAIDE**

Ontem depois do jantar, quando eu estava arrumando a cama, atiraram aquela rosa pela janela. Apanhei-a e coloquei-a no seu criado-surdo. Não diga nada a ninguém. (*Confidencial*) Fica em segredo. (*À parte*) Deus me perdoe a mentira!

**OSWALDO**

Admirável instituição o segredo na boca das criadas de servir! Dize-me! Não tiveste curiosidade de ir à janela ver quem atirou a flor, pudibunda donzela?

**ADELAIDE**

Deixe de asneiras comigo! (*Saindo*) A flor parece com a que Dona Cecília tinha no peito à hora do jantar. (*Sai.*)

**OSWALDO**

A Cecília!... Inegavelmente o vadio é brilhante!

**CENA VII**

(*Oswaldo, Possidônio, Adelaide e Coronel*)

**POSSIDÔNIO**

Seu coronel está aí!

**OSWALDO**

Pois mande-o entrar.

**POSSIDÔNIO**

Como “vossuncê” está com essas bombachas, vim avisá-lo. “Vossuncê” podia querer esconder-se...

**OSWALDO**

Esconder-me? Que tem minhas bombachas, como lhe chamas? Andam vocês a adorar feitiços. É algum bicho, o coronel?

**ADELAIDE**

(*Reaparecendo*) Feitiço não senhor! Padrinho cura melhor que qualquer doutor, sem remédio de botica! Cura até leicença sem espremer!

**POSSIDÔNIO**

(*Para fora*) Faz favor, seu coronel!

**CORONEL**

(*Entrando*) Bons dias para os de casa!

**POSSIDÔNIO**

(*Beija-lhe a mão direita.*) Sua benção, padrinho!

**ADELAIDE**

(*Beija-lhe a mão esquerda.*) Sua benção, meu padrinho!

**CORONEL**

Deus vos abençoe, afilhados.

**OSWALDO**

(*Sem se erguer*) Bom dia, coronel!

**CORONEL**

Bom dia! (*Para Adelaide*) A comadre e a Rosinha?

**ADELAIDE**

Estão na capela, sim, senhor!...

**POSSIDÔNIO**

Se seu coronel demora, vou afrouxar os arreios.

**CORONEL**

Obrigado. Não demoro. Vim ver uns eleitores, aí na colônia, que estão duvidosos. Foi preciso dar um par de sapatos a cada um!

**OSWALDO**

(*À parte*) Antigamente, votava-se com a cabeça. Agora, é com os pés.

**CORONEL**

Vou encontrar a comadre na capela. (*Para Possidônio*) Puxe o animal lá para perto. E não se esqueça de ir cedo, amanhã, para tomar conta do viveiro<sup>6</sup>. Já sabe quem é para presidente e para vice...

**POSSIDÔNIO**

(*Interrompendo-o*) Sei, sim, senhor. Os nomes não sei, mas os eleitores não perguntam. Para presidente é o envelope cor de abóbora, e para vice é o cor de mamão aguado. Amanhã, nem bem clareie, estou firme!

**CORONEL**

É isso mesmo.

**POSSIDÔNIO**

Sua benção, padrinho. (*Beija-lhe a mão.*)

**ADELAIDE**

Sua benção, padrinho. (*Idem.*)

**CORONEL**

Deus vos abençoe, e tomem lá! (*Dá uma prata a cada um.*)

**ADELAIDE E POSSIDÔNIO**

Obrigado! (*Saem.*)

**OSWALDO**

(*À parte*) É padrinho da cidade inteira! (*Para o coronel*) Admirável instituição o voto popular, coronel! Os senhores acabam por transformar

este país numa horta. Presidente, abóbora; vice-presidente, mamão; ministros, pepinos; senadores, chuchus; deputados, rabanetes. É épico!

**CORONEL**

É que os leitores não sabem ler. O senhor também precisa alistar-se. O alistamento já está encerrado, mas, sempre que há alguém para se alistar no nosso partido, abre-se uma exceção.

**OSWALDO**

Obrigado, coronel! Sou carnívoro. Quando houver alguma eleição de bifes e costeletas, conte comigo!...

**CORONEL**

É é para isso que a gente manda os filhos a Paris e fica a suar aqui na roça como negro velho! *(Alto)* Até a vista! *(Sai.)*

**OSWALDO**

*Au revoir, general!*

**CORONEL**

Menino...

**OSWALDO**

Desculpe-me, coronel. Enganei-me no posto, mas por pouco. O senhor podia ser até marechal!

**CORONEL**

*(A sair)* Olhe, menino: não lhe respondo porque fui amigo de seu pai – que era um homem às direitas. Respeite, ao menos, a memória do velho! *(Sai.)*

**OSWALDO**

*(A rir)* Não há dúvida, marechal!

**CENA VIII**

*(Oswaldo e Henrique)*

**HENRIQUE**

*(Traz um prato de biscoitos)* Aqui tens!

**OSWALDO**

Obrigado, meu corsário! Um, somente! O bom sibarita nunca satisfaz por completo os seus desejos. Porque o desejo só é prazer enquanto é desejo. Guarda mais esta máxima para teu uso!

**HENRIQUE**

*(Depõe o prato de biscoitos sobre a mesa.)* Vi em teu criado-mudo uma linda rosa! Que beleza de flor!...

**OSWALDO**

Beleza e raridade, porque os criados-mudos raramente têm a lapela florida. São almas de pouca fantasia! *(Come o biscoito.)*

**HENRIQUE**

Trouxeste-a do jardim?

**OSWALDO**

De onde querias tu que a trouxesse? Dizia o venerável Acácio que as flores se encontram com mais frequência nos jardins.

**HENRIQUE**

É que no jardim só há uma roseira daquela qualidade, a qual tinha ontem à tarde uma única rosa aberta, que colhi.

**OSWALDO**

*(À parte)* A coisa complica-se. *(Alto)* Era, justamente, um botão quando eu a colhi, à noite, depois do jantar. Com o calor do quarto, amanheceu hoje aberta. Até nisso, vê tu, as mulheres parecem-se com flores! Deitam-se num noivado e acordam numa primavera! Ainda que a primavera desabroche no criado-mudo!...

**HENRIQUE**

Quando não deixam os espinhos sobre o travesseiro para nos tirar o sono.

**OSWALDO**

*(Levanta-se.)* Os espinhos só se enterram em mãos pouco hábeis. As flores, como as mulheres, só se devem pegar por onde elas se deixam pegar. Que há nessa vida sem espinhos? Os espinhos são os obstáculos que a fazem aceitável. É preciso saber colocar a mão entre dois obstáculos, para não se ferir nos espinhos de uma rosa, ou nos alfinetes da saia de uma mulher. Hei de explicar-te isto melhor depois de lavar a cara, pois agora vou fazer minha *toilette*. Até logo. *(Sai.)*

**HENRIQUE**

Deve-se pegar a mulher por onde ela se deixa pegar... Tinha razão minha mãe. Aos velhos a vista se lhes torna mais fraca para os objetos e mais aguda para as almas! *(Anda de um lado para o outro.)* Mas não é possível... Depois do que ela me tem dito, depois do que já está combinado entre nós... Era preciso que ela tivesse a alma tão fútil quanto esse rapaz... Fútil e perversa... Enfim, estarei de guarda. E terei em mente o que me disse o próprio Oswaldo: “Em amor o que não é surpresa é decepção”...

**CENA IX**

*(Adelaide e Henrique)*

**ADELAIDE**

*(Traz em uma das mãos os sapatos de Cecília e de Mme. Cardoso, e na outra os sapatos de Oswaldo e um estojo de gillette.)* Não é isto que o senhor estava procurando?

**HENRIQUE**

É isso mesmo!

**ADELAIDE**

Estava na cozinha. O cozinheiro de seu Oswaldo está de barba feita... Com certeza foi com ela.

*(Entra pela porta da direita.)***HENRIQUE**Não seria de admirar! Segue o exemplo do patrão. *(Sai.)***CENA X***(Adelaide e Oswaldo)***ADELAIDE***(Vem da direita com um pé de sapato em cada mão e encaminha-se para o quarto de Oswaldo.)*Quatro já ficaram ali. Vão mais dois aqui. *(Bate à porta de Oswaldo.)***OSWALDO***(De dentro)* Quem é? Queres fazer-me companhia, de novo? *(Abre a porta.)***ADELAIDE**

Não quero fazer companhia a ninguém! Vim trazer os meus sapatos!

**OSWALDO**

Ah, és tu, florinha do campo, tímida corça de peregrino candor!

**ADELAIDE**

Faça o favor de me dar a bandeja... Eu não gosto de conversa com "home".

**OSWALDO**

Entra, simpática!

**ADELAIDE**

O senhor está vestido?

**OSWALDO**

Podes entrar. A natureza, hoje, está nublada.

**ADELAIDE***(Entra e volta logo, a correr, com a bandeja na mão.)* Deixe-me, deixe-me! Que arrenegado! *(Sai a exclamar:)* Que gente a da cidade!... Parece que nunca viu mulher!...**CENA XI***(Cecília e Mme. Cardoso)***CECÍLIA**

Mais um dia! Que vamos fazer hoje?

**MME. CARDOSO***(Com um livro na mão)* Não gostas de ler?**CECÍLIA**

Não se pode passar a vida a ler. Se eu tivesse de morar numa fazenda, morreria de tédio.

**MME. CARDOSO**

No primeiro dia parecias gostar.

**CECÍLIA**

No primeiro dia, gosta-se de tudo. É a novidade. O Oswaldo tem razão de dizer que o mundo devia ser feito como um moinho que girasse à noite: cada manhã acordava a gente num lugar diferente daquele no qual se tinha adormecido!

**MME. CARDOSO***(A rir)* Como a cabeça dele! Nunca está no mesmo lugar. *(Senta-se numa cadeira.)***CECÍLIA**

É quem pensa bem! A vida é curta, e é uma tolice estar a matar-se por ela. Olhe o Henrique. Delira com a Marinha, estuda, trabalha, não se diverte. Pensa só no futuro.

**MME. CARDOSO**

No futuro e no presente. Tão moço ainda, ele está vencendo brilhantemente a carreira.

**CECÍLIA**

Sem se divertir, sem ir a um teatro, sem ir a um baile.

**MME. CARDOSO**

Não pensavas assim antes de vir para cá. Tu mesma lhe acoroçoavas o esforço.

**CECÍLIA**

Era mais pelas minhas amigas, para lhes fazer inveja!

**MME. CARDOSO**

Pois então? Quando os triunfos do homem não servissem para outra coisa, serviriam, ao menos, para fazer inveja às amigas de sua mulher!

**CECÍLIA**

Agora, não penso assim! O Oswaldo diz muito bem que se deve ser superior ao meio. Divertir-se, gozar a vida, e olhar os outros como animais inferiores.

**MME. CARDOSO**

Bravo! Bravo! Se teu pai ouvisse essas teorias! Guarda-te bem de lhe dizer isso!

**CECÍLIA**

Papai é outro. Mata-se a trabalhar para quê?

**MME. CARDOSO**

Como para quê? Para te dar conforto e luxo... vida brilhante que tanto te seduz.

**CECÍLIA**

Mas se eu me casar com um como papai, vai ser brilhante a minha vida!

**MME. CARDOSO**

Estás nervosa, hoje. Dormiste mal. Viravas na cama a toda hora. Tinhas alguma coisa?

**CECÍLIA**

(*Caminhando para o piano*) Nada: pensava na minha vida.

**MME. CARDOSO**

(*A sorrir*) Toca um pouco de piano. É um instrumento que foi feito para acalmar os nervos de quem toca e irritar os nervos de quem ouve. (*Abre o livro e começa a ler.*)

**CECÍLIA**

(*Senta-se ao piano, dá alguns acordes e começa a cantar uma romanza; interrompe-se a meio e volta-se para Mme. Cardoso.*) Estou tão nervosa que nem para o piano tenho jeito.

**MME. CARDOSO**

Em que pensaste, enfim, durante a noite?

**CECÍLIA**

Em que pensei? No meu casamento com Henrique. Ele deve falar, hoje, a Dona Cristina.

**MME. CARDOSO**

Não me tinhas dito nada.

**CECÍLIA**

Disse-me ontem à noite, antes do jantar, quando me veio trazer uma rosa, que, por sinal, perdi e não sei onde.

**MME. CARDOSO**

Não pensei que estivesse tão adiantado.

**CECÍLIA**

Tratei de ativar, desde os primeiros dias; provoquei-o, dei-lhe mesmo a entender que era urgente que fizesse o pedido.

**MME. CARDOSO**

Foste, talvez, a galope...

**CECÍLIA**

Mas que viemos aqui fazer? Não foi para estreitar relações, para ficar mais em contato com Henrique, para isolá-lo do ruído da cidade e para, assim, conquistá-lo, definitivamente, sem perigo de uma concorrente?

**MME. CARDOSO**

Oh, minha filha, tens um modo de dizer as coisas!

**CECÍLIA**

Estamos entre nós. Digo-as como são. Henrique conheceu-nos, a senhora e papai acharam que era um bom partido, que era um rapaz de futuro, que papai, com seu prestígio de ministro, podia fazer subir, rapidamente. Convenceram-me de tudo isso; fizeram-no vir a nossa casa; convidaram-no para festas, para chás, para almoços, para jantares. Deixavam-nos juntos, a sós, e como ele demorasse a declarar-se, arranjou-se o pretexto desta visita.

**MME. CARDOSO**

Perdão...

**CECÍLIA**

A senhora mesma disse-me, quando mostrei pouco desejo de vir a esta fazenda, que eu devia fazer um pequeno sacrifício porque era um casamento excelente, e aqui, longe do barulho da cidade, juntos o dia todo, sem olhares indiscretos, o trabalho de sedução se completaria. Não foi assim?

**MME. CARDOSO**

Perdão, tu exageras! Ninguém te falou em sedução! É claro que, se não se oferecessem oportunidades aos pretendentes, poucos casamentos se realizariam.

**CECÍLIA**

Chamemos, então, oportunidades. Eu secundeie o trabalho dos senhores. A sedução, quero dizer, as oportunidades repetiram-se, e está a terminar a primeira parte desta farsa, que se chama casamento.

**MME. CARDOSO**

Deves moderar a tua linguagem. Não são coisas que moça solteira diga. Chamar ao casamento farsa!

**CECÍLIA**

Que são, então, os casamentos de sociedade? São combinações de interesses, nas quais o amor não entra por nada. Ninguém se preocupou em saber, quando Henrique nos foi apresentado, se eu viria, ou não, a amá-lo. Ainda é honesta a sedução quando é um só o bom partido que se oferece. Às vezes, são três ou quatro, e todos os três ou quatro freqüentam, ao mesmo tempo, a casa, e todos os três ou quatro são agradados. Deve-se amar, definitivamente, o que primeiro fizer o pedido. É o que se chama verdadeiro amor, o amor desinteressado...

**CENA XII**

(*As mesmas e Possidônio*)

**POSSIDÔNIO**

(*Entra com um par de botas de montar.*) Dão licença! Queria saber se as senhoras da cidade montam de silhão ou de socado?

**MME. CARDOSO**

Heim? Que quer dizer você?

**POSSIDÔNIO**

Não vê que seu Henriquinho mandou deixar presos os cavalos para as senhoras irem à caixa d'água. O cozinheiro disse que as senhoras na cidade não montam de mulher, montam de homem!

**CECÍLIA**

(*Sorri*) É isso mesmo! O cozinheiro só errou na preposição! Devíamos montar nos homens!

**POSSIDÔNIO**

(*Dirigindo-se ao quarto de Oswaldo*) Mas se é pela preposição, não tem nada, não, senhora! Eu ponho dois pelegos em cima do socado... que não machuca, não senhora! (*Bate à porta de Oswaldo.*) Dá licença? (*Voz de dentro*) Entre! (*Possidônio sai.*)

**CECÍLIA**

(*A rir*) Tudo isso é extraordinário! A comédia da conquista do marido!

**MME. CARDOSO**

Estou estranhando teu modo de raciocinar. Onde é que aprendeste essas coisas?

**CECÍLIA**

Ouvi-as, ontem à noite, ao Oswaldo, e acho que ele tem razão. Os casamentos são, na maioria, infelizes por aqueles motivos.

**MME. CARDOSO**

Era de esperar que a convivência com um rapaz, que é vadio e dissipador, desse tão lindo resultado. Então, como quer ele, como queres tu que se façam casamentos? Como antigamente, através de uma rótula?

**CECÍLIA**

(*A rir*) Não! As rótulas já estão prostituídas<sup>7</sup>, já não servem para moças que amam desinteressadamente...

**MME. CARDOSO**

(*Enérgica*) Oh, minha filha, que é isso, que barbaridades são essas? Proíbo-te esse tom!

**CECÍLIA**

(*Séria*) Aprendi o que acabo de dizer em sua companhia, e na companhia de papai. (*A sorrir*) Não podia ser em companhia melhor!...

**MME. CARDOSO**

Em nossa companhia? Oh, é demais! Então, somos nós, teus pais...

**CECÍLIA**

São os senhores que me levam ao teatro, que me levam a ver a "Casta Suzana", a ouvir diálogos amorosos, a compreender o adultério, a aplaudir cenas de *cabaret*, e intrigas amorosas que se passam nas alcovas das *cocottes*.

**MME. CARDOSO**

(*Humilhada*) Tens, talvez, razão! Torna-se cada vez mais difícil ser mãe! Se não te levássemos aos teatros, aos bailes, não faltariam, igualmente, recriminações... Para os filhos de hoje o pai tem

de escolher entre duas pontas de um dilema: ou algoz ou corruptor! (*Abaixa a cabeça sobre o livro.*)

**CECÍLIA**

(*Aproxima-se de Mme. Cardoso.*) Não, mamãe, nem uma, nem outra coisa. A moça de hoje não é a moça do seu tempo. É uma flor do século, colorida, perfumada, artificial, mas que tem entre as pétalas inseto caprichoso que lhe dá vida. (*Senta-se na borda da cadeira de Mme. Cardoso.*) É preciso matar o inseto para que a flor não esmaça!

**MME. CARDOSO**

(*Erguendo a cabeça*) Amas alguém, que não seja Henrique?

**CECÍLIA**

Pois não compreendeu ainda a minha indecisão?

**MME. CARDOSO**

De quem gostas, afinal?

**CECÍLIA**

(*Levantando-se*) Desse boêmio incorrigível, desse estróina, desse maluco, como a senhora lhe chama.

**MME. CARDOSO**

De Oswaldo?

**CECÍLIA**

Sim; dele mesmo.

**MME. CARDOSO**

Mas, minha filha, isso é tolice, é impressão de momento que não pode durar! Esse rapaz é um vadio, um *detraqué*.

(*Possidônio entra a burnir as unhas com o burnidor de Oswaldo.*)

**CECÍLIA**

(*A sorrir*) Uma flor do século, colorida, perfumada, criada na estufa artificial de um ministério, prefere o zumbido doidivasas de um inseto brilhante ao passo tardo, pesado e refletido de um camelo!

**MME. CARDOSO**

Comparas, então, Henrique a...

**CECÍLIA**

Pesado, honesto, trabalhador, metódico e refletido como um camelo que não tem sede! Não me sinto, porém, com vocação para chocadeira de crianças. Nasci em século mais brilhante.

**MME. CARDOSO**

Cecília, que horror!

**CECÍLIA**

O outro é fútil, alegre, ruidoso, ondula numa



valsa e brilha num *cotillon*. Não será marido pesado, será amante ideal. Com o que lhe resta de fortuna, e com o meu dote, teremos a vida de esplendor, de luxo e de futilidades para a qual me criaram os senhores.

**POSSIDÔNIO**

(*À parte*) Sim senhor!... Isso é que é gente para entender a vida! (*Sai.*)

**MME. CARDOSO**

(*Levantando-se*) Oh, céus, que ouço! Minha filha, tu atravessas um minuto de loucura. Acalma-te! Volta ao senso comum.

**CECÍLIA**

A loucura é o senso comum do século! O bom senso é estúpido como o ministério de papai!...

**MME. CARDOSO**

Será possível que não delires?...

**CECÍLIA**

Não deliro. Raciocino calmamente, e tanto assim que vou pedir a Henrique que nada diga a Dona Cristina e aguarde um recado meu, da capital.

**MME. CARDOSO**

Não, não farás isso. Depois do que se devem ter dito, seria desonesto.

**CECÍLIA**

Desonesto seria mais tarde o adultério, porque, fatalmente, se Henrique for meu marido, Oswaldo será meu amante.

**MME. CARDOSO**

Pensa, pensa um momento no que dizes! Estás louca.

**CECÍLIA**

Nem mais louca, nem mais pervertida do que as que se vendem a um bom partido.

**MME. CARDOSO**

De modo que eu e teu pai quisemos vender-te?

**CECÍLIA**

Os senhores fizeram o seu dever. Expuseram o seu artigo bem vestido, bem empoado, capaz de dizer um monólogo em francês e de representar com razoável dissimulação, à passagem dos possíveis clientes, um papel de ingênuo aprendido com as irmãs do Sacré Coeur, e que conhece o português suficientemente para aceitar, sem C cedilhado, um deles para marido. O boneco entendeu, agora move-se à sua vontade.

**MME. CARDOSO**

Não se moverá, fica certa!...

**CECÍLIA**

É o que veremos. Se a senhora toma ares de ameaça, obriga-me a responder-lhe assim.

**MME. CARDOSO**

(*Enérgica*) Farei que teu pai te chame à razão.

**CECÍLIA**

Papai está muito ocupado com o Ministério do Exterior para pensar nessas futilidades de interior.

**MME. CARDOSO**

És uma filha degenerada. Que mal fiz a Deus para assim o pagar? Que crime é o meu?

**CECÍLIA**

(*Irônica*) O crime de haver concebido sob um espartilho de rendas!...

**CENA XIII**

(*As mesmas e Oswaldo*)

**OSWALDO**

(*Entrando da esquerda, vestido para montar*) Muito bom dia! Peço perdão, se fui indiscreto.

**CECÍLIA**

(*Amável*) Bom dia! Indiscreto por quê? Estamos, eu e mamãe, a falar sobre uma coleção de parasitas que nos enviaram da França.

**OSWALDO**

Muitíssimo interessantes as parasitas francesas.

**CECÍLIA**

Deve conhecê-las bem. Esteve lá tanto tempo!...

**OSWALDO**

Vim conhecê-las melhor aqui no Brasil. (*Vai beijar a mão de Mme. Cardoso.*) Lá o tempo mal me chegou para conhecer as francesas. (*Para Mme. Cardoso*) V. Ex. coleciona parasitas?

**MME. CARDOSO**

Tenho algumas, apenas!

**OSWALDO**

Que pretende, agora, completar com a coleção que recebeu?

**MME. CARDOSO**

Sim; com as que vieram da Alemanha.

**CECÍLIA**

(*A rir*) Vieram umas, também, da Alemanha. Atualmente, importamos parasitas de toda a Europa... É mesmo a moda...

**OSWALDO**

Importamos tudo: idéias, costumes, moral, tacos de borracha para o calcanhar, e até flores sem perfume! Acordamos há pouco, e estamos tomando nosso banho matinal de submersão transatlântica. E exageramos: os homens dobram as barras das calças até os joelhos, e as mulheres decotam-se até o umbigo!...

**CECÍLIA**

Gosta de parasitas?

**OSWALDO**

De tudo quanto vive sem trabalhar, minha senhora. Prefiro, porém, as nacionais. E se Mme. Cardoso me permite, quero enriquecer a sua coleção com um exemplar genuinamente nacional.

**MME. CARDOSO***(Distraída)* Muito obrigada!...**CECÍLIA***(Ri. Oswaldo olha interdito. Mme. Cardoso, embaraçada, abre o livro que tem na mão.)*

Mamãe acha que, como parasita nacional, sou bastante em casa.

**MME. CARDOSO**

Oh, Cecília!

**OSWALDO**

Se V. Ex. se tivesse assim exprimido não teria pecado. Em toda a natureza há a parasita. A parasita do amor é, indubitavelmente, o filho. É um conseqüente que não corresponde ao antecedente...

*(Adelaide, que aparece ao fundo sem ser vista, presta atenção ao que diz Oswaldo, a fingir que arruma um móvel.)***CECÍLIA**

Acha, então, que sou uma parasita?

**OSWALDO**

Particularmente, não me atreveria. Em tese, apenas! *(Dirigindo-se a Mme. Cardoso)* E V. Ex. pode gabar-se que tem em casa a mais linda flor da flora nacional.

**ADELAIDE***(À parte)* E seu Henriquinho pode gabar-se de ter em casa o mais lindo sem-vergonha nacional! *(Sai.)***MME. CARDOSO**

Muito obrigada!

**CECÍLIA**

Eu não agradeço porque quero ficar a dever para mostrar assim a minha gratidão... segundo suas teorias!...

**OSWALDO**

*(A Mme. Cardoso)* Nem era de esperar que de uma régia planta como V. Ex., em que tudo é beleza e elegância, pudesse ter surgido uma flor menos encantadoramente venenosa e aromal do que Mlle. Cecília!...

**MME. CARDOSO**

Oh, por quem é! Cumula-nos de lisonjas!

**CECÍLIA***(A meia voz)* É, ou não, um rapaz fino?**MME. CARDOSO***(Idem)* É, pelo menos, muito amável!**OSWALDO**

Que pretendem fazer esta manhã?

**CECÍLIA**

Hoje é domingo! Não há na cidade alguma distração aos domingos?

**OSWALDO**

Há uma que é excelente porque é única. Aos domingos, há música na caixa d'água!

**MME. CARDOSO**

Na caixa d'água? É original!...

**CECÍLIA**

Música de pancadaria, com certeza!

**OSWALDO**

De pancadaria nas costas do próximo, porque todos que lá vão ocupam-se apenas em falar da vida alheia!

**MME. CARDOSO**

E durante a semana?

**OSWALDO**

Durante a semana bebem a água da caixa, com toda a maledicência do domingo. É a vida do interior.

**CECÍLIA**

Não me tenta a diversão! Invente algum passeio ou alguma coisa original para despedida.

**OSWALDO**Original!... Interessante?... *(Pensa um momento.)*Uma caçada à raposa... uma *chasse à courre*, como nos castelos da França!**CECÍLIA***(Bate palmas.)* Bravos... bravos... Eis uma idéia. Uma caçada à raposa!**MME. CARDOSO**

Nada deve faltar aqui para uma dessas caçadas.

**OSWALDO**

Se faltar, é pouca coisa: apenas a raposa...

**CENA XIV***(Os mesmos e Possidônio, que traz os vasos que havia levado no começo do ato.)***OSWALDO**A raposa é de menos! *(Sorrindo)* Eu mesmo me transformaria em raposa para ter a graça de morrer às mãos de V. Ex., ainda que fosse pela boca da ironia.**MME. CARDOSO***(Para Cecília)* É, positivamente, amável.

**OSWALDO**

Oh, Possidônio, há raposas por aí?

**POSSIDÔNIO**

Não, senhor. Havia um gambá em cima do forro, que não deixava ninguém dormir. Pensavam que era a alma do Malaquias do Engenho, mas já foi morto.

**OSWALDO**

Não, não é isso. Pergunto raposa do mato. *Rénard*, em francês.

**POSSIDÔNIO**

Não, senhor, aqui nunca veio raposa reinar no galinheiro, ao menos que eu saiba. Só havia o gambá.

**CECÍLIA**

Ora que pena!... Uma *chasse à curre* seria deliciosa de imprevisito!

**OSWALDO**

Será satisfeito o seu desejo. Vão pôr as suas amazonas, que eu me encarrego de organizar a caçada, de vestir os monteiros, e de ter tudo em ordem, dentro de poucos minutos. (*Olhando Possidônio*) Para o caso, está aqui um monteiro!

**POSSIDÔNIO**

Não, senhor, chamo-me Possidônio da Conceição. Não sou Monteiro...

**MME. CARDOSO**

E a raposa?

**OSWALDO**

Não faltará a raposa.

**MME. CARDOSO**

Vamos, então, Cecília.

**CECÍLIA**

Quero ver como vai descobrir a raposa. (*Saem pela direita.*)

**OSWALDO**

Não faltam raposas junto a tão linda ave... (*Ouve-se o sino da capela.*) Está terminada a reza. (*Para Possidônio*) Então, não há raposas?

**POSSIDÔNIO**

Havia o gambá... Também Monteiro não há nenhum. Aqui são todos da Conceição ou de Jesus.

**OSWALDO**

Vi, ontem, um gato preto.

**POSSIDÔNIO**

Mas gato preto não é raposa!

**OSWALDO**

Quem lhe disse que gato preto não pode ser raposa, quando não há outra raposa? Você chama aquele animal gato porque, quando

aprendeu a falar, disseram-lhe que se chamava gato.

**POSSIDÔNIO**

Sim, senhor. Mesmo depois de grande, sempre ouvi dizer que era gato.

**OSWALDO**

Mas se lhe tivessem ensinado a chamar-lhe raposa, você, até agora, o consideraria como raposa. Se lhe tivessem dito quando você era pequeno que pai era mãe e que mãe era pai...

**POSSIDÔNIO**

Isso não, senhor, que eu não podia mamar no meu pai!

**OSWALDO**

É claro que você não podia mamar no seu pai se o pai fosse pai, mas se o pai fosse mãe, você mamava, não mamava?

**POSSIDÔNIO**

(*Com convicção*) Mamava, sim, senhor.

**OSWALDO**

Aí tem. O nome não exprime coisa alguma. Quem pôs nome aos animais?

**POSSIDÔNIO**

Foram os homens, porque os bichos não sabiam falar.

**OSWALDO**

Pois, então, é simples. Nós somos homens como os outros. Mudamos o nome do gato. Em vez de gato preto será raposa azul.

**POSSIDÔNIO**

Não há nada como ter estudado! Uma coisa tão simples! Convencem a gente num momento!

**OSWALDO**

A raposa está arranjada. Outra coisa, agora: preciso de um homem de libré para fazer companhia ao meu cozinheiro. Não há alguma farda velha por aí?

**POSSIDÔNIO**

Farda, não, senhor. Só se mudamos o nome de alguma outra roupa, como se fez com o gato. Como o nome não vale nada...

**OSWALDO**

Não vá tão longe! Você, agora, raciocinou demais...

**POSSIDÔNIO**

De soldado, só há aí duas trombetas do tempo de seu coronel, e o fardão da Guarda Nacional de seu defunto coronel. Estão no armário do sótão.

**OSWALDO**

Trombetas? Excelente!... Meio caminho andado!

Diga-me: não há alguma roupa de rei de carnaval, de Divino, de Congada?

**POSSIDÔNIO**

De Congada há, sim, senhor. De rei do Congo.

**OSWALDO**

Bravos!... bravos!... Temos tudo para uma legítima caçada como nos castelos franceses, da mais rígida autenticidade. Acompanhe-me.

**POSSIDÔNIO**

Sim, senhor!

**OSWALDO**

É preciso aprender a andar... Assim... Como os *chasseurs* de Paris.

**POSSIDÔNIO**

(*Imitando o andar de Oswaldo*) Isso é gente que sabe!...

**CENA XV**

(*Dona Cristina e Rosinha*)

**ROSINHA**

Mãezinha, agora, parece mais alegre!

**DONA CRISTINA**

A reza na capela consolou-me, de fato. Estávamos sós ali, sem estranhos, rezando como sempre se rezou nesta casa. Felizmente, ficou aquele canto de bom senso onde eles não penetraram.

**CENA XVI**

(*As mesmas e Adelaide*)

**ADELAIDE**

(*Entra com uma bandeja de café.*) Venho trazer-lhes o café. Eles vão subir, agora, para caçar um gato.

**DONA CRISTINA**

Um gato?

**ADELAIDE**

Sim, senhora. Estão vestindo o Possidônio de rei do Congo, e o Elias, de príncipe. Seu Oswaldo está benzendo os cachorros. Até parece arte do demônio.

**ROSINHA**

Onde é a caçada?

**ADELAIDE**

Não sei. Eles vão a cavalo. Eu vi um gato em um jacá. O Possidônio diz que não é gato, que é raposa de reinar em francês, e que é azul. Aquele diabo parece que está perdendo a cabeça! (*Ouvem-se toques de corneta no terreiro.*) Estão ouvindo? São eles. Estão benzendo os cachorros.

Com certeza é para lhes tirar a sarna e os carrapatos...

**DONA CRISTINA**

Bênção para essa gente foi feita para cachorro. É mais alguma invenção do filho do Manuel Inácio.

**ROSINHA**

Henriquinho também é da partida?

**ADELAIDE**

Parece que sim. O Elias e o Possidônio estão pulando de contentes.

**DONA CRISTINA**

Move-se a casa inteira de gente sensata para acompanhar a cabeça de um maluco!... Que doença perigosa! (*Ouvem-se de novo as cornetas.*) Ponha o café na mesa da outra sala. Vamos, Rosinha!...

**ROSINHA**

Eu queria ver a saída da cavallhada...

**DONA CRISTINA**

Até você, minha filha?

**ROSINHA**

Não diga isso, mãezinha. (*Atira-se aos braços de Dona Cristina.*) Eu fico com a senhora! (*Sai com Dona Cristina.*)

**CENA XVII**

(*Mme. Cardoso e Cecília, ambas de amazonas*)

**CECÍLIA**

Não está aparecendo a minha saia?

**MME. CARDOSO**

Não. Está bem.

**CENA XVIII**

(*Cecília, Mme. Cardoso e Oswaldo*)

**OSWALDO**

(*Entra apressado, trazendo no braço um casaco dobrado pelo avesso.*) Bravos!... bravos!... está tudo pronto!

**CECÍLIA**

A raposa também?

**OSWALDO**

Tudo!... E será a senhora que há de matá-la. A morte, vinda de mãos tão gentis, não é morte, é a partida para o Nirvana. (*Mostra o casaco que tem no braço.*) Vai ser um sucesso! Descobri um casaco para mim, para o castelão, para o marquês de Manuel Inácio. Vou vestir o fardão! (*Sai.*)

**MME. CARDOSO**

(*A rir*) É um trovão!...

**CENA XIX**

(As mesmas e Henrique)

**HENRIQUE**

(Vagoroso e sem brilho) Bom dia, Mme. Cardoso!  
Bom dia, Cecília!

**CECÍLIA**

(À parte) Que diferença do outro! (Alto) Bom dia!

**MME. CARDOSO**

Bom dia, comandante!

**HENRIQUE**

Vamos, então, a uma caçada de raposa? O Oswaldo cada dia amanhece com uma nova maluquice!

**CECÍLIA**

Maluquice por quê? É muito interessante a idéia que ele teve. Que ficaríamos a fazer aqui todo o domingo?

**HENRIQUE**

Tem razão. (À parte) Defende-o. (Para Mme. Cardoso) Vão mesmo amanhã? Não podemos retê-las por mais tempo? (Fica a conversar em voz baixa com Mme. Cardoso.)

**CENA XX**

(Os mesmos e Oswaldo)

**OSWALDO**

Pronto, pronto! Que tal? Vamos!

**HENRIQUE**

(Sério) Oh, o fardão do velho!

**OSWALDO**

Para alguma coisa havia de servir a Guarda Nacional!... Ao menos para matar um gato! *La chasse à courre* em pleno sertão!

**CECÍLIA**

(A rir) Quem são os batedores?

**OSWALDO**

O Elias e o Possidônio, vestidos a Congo. É heróico! Eles aí vêm! (Dirigindo-se para Mme. Cardoso) *Mme. la comtesse, voulez-vous m'honorer?*...

**MME. CARDOSO**

(A sorrir) *C'est à moi de vous remercier, gentil cavalier!*

**OSWALDO**

Oh, puro século XV! Podre de *chic*! Há de ficar na história. *Allons, comtesse!*

**HENRIQUE**

(Oferece o braço a Cecília.) Quer dar-me o seu braço?

**CECÍLIA**

(Dá-lhe o braço e retém-no um momento.) Não fale ainda hoje a sua mãe!

**HENRIQUE**

Por quê?

**CECÍLIA**

Preciso pensar. Escrever-lhe-ei longa carta, logo que chegar.

**OSWALDO**

*Allons, allons!*

**CENA XXI**

(Os mesmos, Elias e Possidônio, que aparecem à porta, vestidos à Congada, trazendo uma matilha magra e famélica. Empunham as cornetas.)

**OSWALDO**

*Chasseurs! Annoncez la chasse!*

**POSSIDÔNIO**

"Messieurs e Madama"! Vai começar a chaça ao curro! (Empunham as trombetas e tocam.)

**ATO III**

(O cenário é o mesmo do 1º ato.)

**CENA I**

(Dona Cristina e Adelaide)

**DONA CRISTINA**

(Sentada à direita, ouvindo o cuco cantar as horas) Que prazer ouvir de novo as vozes da casa depois de tantos dias de revolução! Parece-me que acabei de tirar o espartilho, ao fim de uma festa muito longa e muito ruidosa para a minha idade!...

**ADELAIDE**

(Que está a limpar os móveis) A mim parece-me que tenho outra cabeça depois que não me obrigam a andar com a touca.

**DONA CRISTINA**

Tudo no seu lugar! (Olha sorridente o retrato do marido.) Lá está o meu velho, depois de oito dias de desterro!...

**ADELAIDE**

No lugar em que estava o retrato de seu coronel, fardado, puseram uma mulher à paisana... Agora, seu vigário pode visitar a gente, que já não há mais nu no salão.

**DONA CRISTINA**

Respira-se outro ar. Os móveis, as paredes, tudo fala uma linguagem conhecida, que se entende. Ah!... como é boa a paz da casa na velhice!

**ADELAIDE**

Se seu Oswaldo ficasse aqui mais oito dias pegava fogo na casa. O moleque Elias já estava impossível de se aturar. Até o Possidônio, que devia ter juízo!...

**DONA CRISTINA**

O Possidônio não apareceu ainda?

**ADELAIDE**

Desde que foi levar os móveis, não apareceu mais. E nem aparece, fique certa.

**DONA CRISTINA**

Aparece, sim. Há tantos anos que está aqui. A gente do campo tem a sua querência, como o gado.

**ADELAIDE**

Para mim, ele não volta mais, e por culpa de seu Oswaldo. O Possidônio escutava tudo que ele dizia.

**DONA CRISTINA**

*(A sorrir)* Que podia ele entender das tolices do filho do Manuel Inácio?

**ADELAIDE**

É por não entender mesmo. Se ele tivesse entendido, não seguia a cabeça do outro. Pinto, enquanto não leva coice, vai comer no cocho com os animais.

**DONA CRISTINA**

É por pouco. Ele não se acostumará na cidade.

**ADELAIDE**

Ele disse ao Elias que não queria mais trabalhar. Que a vida do vadio é bonita, que a vadiação é a mãe de todas as virtudes...

**DONA CRISTINA**

E a pinga também! O que ele precisava era de um bom relho...

**ADELAIDE**

*(Continuando)* Que o vadio sonhava, e que se não fosse o sonho, a vida era uma porca miséria, não havia arte, não havia música, não havia igrejas...

**DONA CRISTINA**

Imagine! A arte do Possidônio!

**ADELAIDE**

E que se a gente não tratasse de montar nos outros, os outros montavam na gente, porque a maioria era explorada por uns poucos...

*(apressando)* que o deputado é que manda nos soldados, e o coronel é que faz as leis... assim como o café dá gosto ao leite...

**DONA CRISTINA**

Bom, bom. Chega de tolices. Ele que vá por aí e ainda há de ser preciso mandar pedir ao compadre para tirá-lo do xadrez!

**ADELAIDE**

É o que eu disse ao Elias. Isso é bom para os ricos.

**DONA CRISTINA**

Henrique está demorando. Já podia estar de volta.

**ADELAIDE**

Ele disse que só ia ao correio.

**DONA CRISTINA**

Já tinha tempo de ter chegado. *(Abre o livro.)* Vou acabar de rezar o meu ofício. *(Persigna-se e põe-se a ler.)*

**ADELAIDE**

*(Depois de uma pausa)* Também, se é para ser vadio, é melhor que se case com outra. A senhora desculpe, se estou atrapalhando a sua reza...

**DONA CRISTINA**

*(Levanta os olhos do livro.)* Case com quem? O Henrique?

**ADELAIDE**

Não, senhora, estou falando do Possidônio...

**DONA CRISTINA**

Então, vocês estavam tratados? Nunca me disseram nada.

**ADELAIDE**

Eu tinha vergonha de falar à senhora... E prometido que, desde logo que juntasse um pouco de dinheiro para fazer uma casinha, e ficar agregado à fazenda, me pedia em casamento. Minha madrinha ia ser a senhora, e meu padrinho, Santo Antonio. Como não tenho mais pai nem mãe, queria ser sua parasita...

**DONA CRISTINA**

Minha parasita? Que quer dizer isso?

**ADELAIDE**

Afilhado é quase filho. Ouvi seu Oswaldo dizer que filho é a parasita do amor da mãe...

**DONA CRISTINA**

Muito bonito! Parece que só eu nessa casa escapei do andaço... Que doença perigosa!

**ADELAIDE**

Não cuidei que fosse mal... Desculpe...

**DONA CRISTINA**

*(Levanta-se.)* E Henrique não chega! Dá-me cuidado; não posso acabar o ofício. Deixe-me ver se o avisto de volta. *(Vai à janela.)*

**ADELAIDE**

Ele não é criança. A senhora está com cuidado à toa.

**DONA CRISTINA**

Não se vê ninguém pela estrada.

**ADELAIDE**

Tantos anos esteve fora, a senhora sem saber dele...

**DONA CRISTINA**

E quem lhe disse que durante todo esse tempo os mesmos cuidados não me assaltaram? Você não é mãe...

**ADELAIDE**

(*Apressada*) Não, senhora. Só depois de casar.

**DONA CRISTINA**

Não pode ainda compreender o que se passa em nós desde que se sente alguma coisa nova no nosso próprio corpo, que reparte consigo um pedaço da nossa alma. E as almas nunca se separam, minha filha! Vejo agora um cavaleiro... Lá longe... no alto... na volta da estrada... Venha depressa, Adelaide... Você tem melhor vista do que eu...

**ADELAIDE**

(*Aproxima-se.*) Lá, na volta da estrada?

**DONA CRISTINA**

Sim... olhe! Vai descendo agora... Veja se distingue! Vai descendo o morro... Vai sumindo...

**ADELAIDE**

Parece, pelos ombros...

**DONA CRISTINA**

Se não distinguiu ainda, não distingue mais... Só se vê o chapéu... Não se vê mais nada. Tenho quase certeza de que é ele; diz-me o coração. Sinto-me mais tranqüila.

**ADELAIDE**

Não havia razão para afligir-se. Que podia acontecer a seu Henriquinho?

**DONA CRISTINA**

(*Senta-se.*) Choveu ontem à noite. Os caminhos estão ruins. Na altura da Vossoroca, a lama é como sabão. Os animais sempre escorregam ao passar ali.

**ADELAIDE**

Ele foi no tordilho que está ferrado de novo.

**DONA CRISTINA**

(*Pensativa e lenta*) E depois, não sei, tenho um pressentimento!... Aquele filho do Manuel Inácio...

**ADELAIDE**

Que tenha acontecido alguma coisa a seu Oswaldo? É melhor não agourar. Um moço tão bom!

**DONA CRISTINA**

Também você gosta dele, daquele maluco que

lhe roubou o Possidônio? Quando me lembro que até a farda de gala do meu velho!...

**ADELAIDE**

Não digo que gostasse, mas também não desgosto... Quase toda a gente assim, meio alucada, parece que, por não pensar muito, tem bom coração. O que lhes falta na cabeça sobralhes no coração.

**DONA CRISTINA**

Quando não têm algum interesse oculto sob sua fingida loucura. Para mim, aquela maluquice de caçada à raposa...

**ADELAIDE**

Maluquice... a senhora diz bem. Mataram o gato preto do baiano, e queriam convencer a gente que era raposa de reinar!

**DONA CRISTINA**

Quando eles voltaram da caçada, o filho do Manuel Inácio vinha na frente, ao lado de Cecília.

**ADELAIDE**

Os dois com as mãos dadas a galopar como loucos.

**DONA CRISTINA**

Henrique vinha por último, e vinha pensativo, triste e acabrunhado. Quando apearam no terreiro, e riram-se todos das tolices do Possidônio, que mostrava o gato morto como raposa, contaram-me que Henrique disse com voz áspera ao filho do Manuel Inácio: "Raposa ou gato não vem ao caso: ambos têm unhas e não têm alma". Compreendo bem o que ele quis dizer.

**ADELAIDE**

Eu também. Queria dizer que o gato e a raposa são animais nacionais, como diz o senhor vigário.

**DONA CRISTINA**

I... rra... cio... nais... Adelaide.

**ADELAIDE**

Sim, senhora.

**DONA CRISTINA**

Ah, não me engano! A despedida seca que houve entre eles, as idas diárias de Henrique à cidade, sem paciência de esperar o correio... Henrique espera alguma carta que desde já o faz sofrer.

**ADELAIDE**

Por falar em carta, seu Henriquinho mandou deitar fora aqueles papéis que estão na gaveta do armário, e que a senhora guardou tanto tempo para lhe mostrar quando ele voltasse.

**DONA CRISTINA**

São os exercícios que ele fazia na escola, a cartilha, os primeiros livros de leitura. Mandou deitá-los fora, então?

**ADELAIDE**

Disse que eram papéis velhos que estavam enchendo a gaveta à toa. Há, também, umas roupas, uma fardinha. Mandou que as desse ao filho de algum colono.

**DONA CRISTINA**

Os moços... os moços!... Não sabem que todas as coisas da infância, que parecem encher “à toa” as gavetas de uma mãe, guardam com elas uma recordação feliz para os dias tristes do desengano da vida... Vá buscá-las. Eu as guardarei comigo.

**ADELAIDE**

Sim, senhora. *(Vai ao armário e traz a gaveta para junto de Dona Cristina.)*

**DONA CRISTINA**

No quarto de uma velha há sempre espaço para uma recordação e para uma saudade!...

**ADELAIDE**

*(De cócoras, junto à gaveta)* Aqui está tudo. Esta calcinha e este paletó eu ia dar ao filho da Sinfrônia, que tem cinco anos.

**DONA CRISTINA**

*(Tomando a roupa e colocando-a ao colo)* Não. Ficarão com a mãe de Henrique que tem cinquenta.

**ADELAIDE**

*(Levantando um maço de papéis)* Os papéis, seu Henriquinho disse que os atirasse fora.

**DONA CRISTINA**

*(Tomando os papéis e folheando-os)* Os primeiros exercícios que ele fez! *(Olha mais demoradamente uma folha.)* Que engraçado! Um cavalo que ele pintou na folha do exercício... Escreveu em baixo: “Tavalinho”.

**ADELAIDE**

*(Mostrando o papel)* Aqui tem um outro cavalo.

**DONA CRISTINA**

Não é cavalo. É navio. Olhe os mastros.

**ADELAIDE**

Ah! São os mastros. Pensei que eram as orelhas do cavalo. Que é que seu Henriquinho escreveu em baixo?

**DONA CRISTINA**

A tinta está tão apagada! Já são tantos anos! *(Aproxima o papel dos olhos.)* “Ch... cha... a... péu...”. É um chapéu, Adelaide. Não é navio!

**ADELAIDE**

*(A rir)* Para chapeleiro ele não tinha jeito!

**DONA CRISTINA**

*(Colocando o papel no colo)* Guardo este. Os outros, você pode rasgar. Olhe este! É uma figura... Um círculo, dois pingos em cima e um risco em baixo.

**CENA II**

*(As mesmas e Rosinha, que pára à porta.)*

**ADELAIDE**

Dois pingos em cima e um risco em baixo?... É uma cara de mulher.

**DONA CRISTINA**

Está escrito: Rosinha. *(A rir)* É o retrato de Rosinha. Eles não se largavam quando eram pequenos.

**ADELAIDE**

*(A rir)* Não parece nada! Para retratista seu Henriquinho também não tinha jeito!

**DONA CRISTINA**

*(Aproximando o papel dos olhos)* “Q... u... ando...”

**ADELAIDE**

Quando?

**DONA CRISTINA**

“Qu... an... do... eu... crescer... ca... so... com você...”

**ROSINHA**

*(A sorrir tristemente)* Os homens quando aprendem a soletrar já sabem mentir. Eles só aprendem a escrever para enganar as mulheres...

**DONA CRISTINA**

*(Levantando a cabeça)* Oh! Rosinha!

**ROSINHA**

Bom dia, mãezinha! Bom dia, Adelaide! Vim ver o meu afilhado, o filho da Sinfrônia, que está outra vez com febre.

**DONA CRISTINA**

Não é nada. Ela assusta-se por qualquer coisa; estive lá hoje cedo.

**ROSINHA**

Dei-lhe uma palma benta, de domingo de Ramos, para fazer um chá.

**ADELAIDE**

Fez muito bem. Para febre de menino, não há como palma benta, e o vigário de agora para benzer palma benta não há igual!

**DONA CRISTINA**

*(Mostrando o papel a Rosinha)* Estávamos vendo o seu retrato. Quer ver? Que engraçado!



*(Rosinha toma o papel e olha-o um momento.)*

Veja como está parecido!

*(Rosinha volta-se para o canto. Um soluço agita-a. Adelaide, de cabeça baixa, sem prestar atenção a Rosinha, rasga um maço de papéis.)*

**DONA CRISTINA**

Que é isso, minha filha? *(Levanta-se e aproxima-se de Rosinha.)*

**ADELAIDE**

*(Parando de rasgar os papéis)* Não gostou do retrato!...

**ROSINHA**

*(Volta ligeiramente a cabeça.)* Nada, mãezinha, não é nada. *(Leva a mão aos olhos, a soluçar, dirige-se para a porta da esquerda, deixando cair o papel.)*

**DONA CRISTINA**

*(Deixa cair a calcinha e o paletó, enlaça Rosinha pela cintura e leva-a para dentro pela porta da esquerda.)* Não chore, minha filha. Devia ter-me dito logo o seu segredo...

### CENA III

*(Adelaide e Henrique)*

**ADELAIDE**

*(Continuando a rasgar papéis)* Ah! os homens... De boa costela Deus nos fez!

**HENRIQUE**

*(Ar abatido. Aproxima-se de Adelaide.)* Pare! Não rasgue mais nada... Há sempre tempo para destruir.

**ADELAIDE**

*(À parte, com gesto de quem percebe a transformação que se vai operando na alma de Henrique)* Ah!... *(Alto, levantando-se)* Quer escolher alguma coisa para guardar?

**HENRIQUE**

*(Apanha a calcinha e o paletó.)* Talvez tudo... e ainda seja pouco...

**ADELAIDE**

Como o senhor disse que tudo isso estava enchendo a gaveta... à toa... Que era mania de velha guardar cacarecos...

**HENRIQUE**

*(Surpreso)* Eu disse isso? Quando? Quando?

**ADELAIDE**

Então entendi mal... *(À parte)* Ah! os homens!... A gente nunca pode saber o que se deve guardar do que eles dizem!

**HENRIQUE**

*(Apanha o papel que Rosinha deixou cair.)* Por que estava a chorar a Rosinha?

**ADELAIDE**

Está com a resposta na mão!

**HENRIQUE**

Isto é um exercício de escola. *(Lê.)* Vocábulo de três sílabas... rapadura... Agora a letra é de papai, que era meu professor. *(Com saudade)* Como eu a reconheço! *(Olhando o retrato do pai)* Quantas saudades daquele grande amigo!

**ADELAIDE**

Apesar dos castigos?

**HENRIQUE**

Nunca! Nunca deixei de saber a lição.

**ADELAIDE**

Que mais há aí no papel?

**HENRIQUE**

*(A sorrir)* A letra do papai! *(Lê depressa.)* “Copiar vinte vezes a palavra rapadura para não se esquecer que tem quatro sílabas.”

**ADELAIDE**

Está-se vendo que o senhor nunca errava a lição!... *(Ri-se.)* E que há mais?

**HENRIQUE**

Segue-se a cópia: Rapadura... rapadura... rapadura... *(A sorrir)* A letra vai espichando. As últimas rapaduras já nem se distinguem.

**ADELAIDE**

E embaixo da rapadura? *(Aproxima-se e mostra a figura.)*

**HENRIQUE**

Um boneco?

**ADELAIDE**

Para os homens, isso é sempre um boneco! Que está escrito embaixo?

**HENRIQUE**

Rosinha... *(Aproxima o papel dos olhos.)* Que letras são estas? Tão apagadas!

**ADELAIDE**

Ouvi Dona Cristina dizer: Qu... ando...

**HENRIQUE**

É isso. “Quando eu crescer caso com você.” *(Para Adelaide)* Foi isso que está aqui no papel que fez a Rosinha chorar?

**ADELAIDE**

O que para os senhores fica num papel para nós fica dentro do coração...

**HENRIQUE**

*(Senta-se na cadeira em que estava sentada Dona Cristina.)* Acredita, então, que Rosinha?... Se fosse verdade...

**ADELAIDE**

Saiba que a gente criada aqui no campo, quando

sente amor em alguém, sente-o para toda a vida. Os olhos vêem sempre a mesma coisa, desde que se abrem, de manhã, até quando se fecham, à noite. As mesmas árvores, o mesmo terreiro, as mesmas águas onde as figuras aparecem, os mesmos caminhos, o mesmo mato! E quando a gente vai cantando pela estrada, parece que está a ouvir as pisadas do ingrato, a quebrar os galhos secos, e a aparecer na nossa frente, com os braços abertos, a pedir perdão... E vê-se, sempre, aquela imagem, encostada às árvores, atravessando o terreiro, passando no galope dos cavalos, abrindo a porta da mangueira, a espiar-nos até mesmo de dentro das águas do rio! Não se pode esquecer, ainda que se queira...

**HENRIQUE**

Na cidade, não há dessas imagens. O passo desliza no asfalto, sem deixar um rastro que apaixone...

**ADELAIDE**

E à noite? E o luar? Há uma serenata, daqui a pouco, logo que voltem do trabalho. Ah! quem tem um amor escondido e desprezado, o luar dói, dói, como se nos cortasse as carnes em um dia de geada!... Quem vive na cidade não sabe o que é o luar do campo! Vê-se no meio do ar a imagem que nos despreza, e ouve-se o violão pingar as lágrimas que nos vêm do coração, como de uma ferida que o frio não deixa secar!...  
(*Leva o avental aos olhos.*)

**HENRIQUE**

A cidade... a cidade!... As mulheres nem se apercebem do luar. Habitua-se a amar com a luz elétrica... (*Olha Adelaide.*) Que é isso? Está a chorar?

**ADELAIDE**

É por aquele desgraçado do Possidônio...

**HENRIQUE**

Você também sofre?

**ADELAIDE**

Para sofrer de sua moléstia, seu Henriquinho, não é preciso ir para a Escola Naval, nem ser oficial da Marinha. Basta ter isto. (*Aponta o peito.*) Isto que as moças da cidade não podem sentir por baixo das barbatanas do colete. Ah! as moças da cidade! Queria que as visse de manhã, quando se levantam, como eu vi: sem cabelos postiços, sem carmim no rosto, sem aquelas armações na frente, nos lados... e até atrás!... O homem que casa com uma mulher daquelas não encontra, pela manhã, na cama a mulher com

quem se deitou. Deita com uma e levanta com outra...

**HENRIQUE**

E durante o dia vive com uma terceira, sem saber, ao certo, qual das três é a mulher legítima do seu amor!...

**ADELAIDE**

Aqui não. Quem se casa não corre o perigo de se enganar de mulher. É sempre a mesma. Se visse a Rosinha quando se levanta! É como um passarinho, como uma patativa!

**HENRIQUE**

Quero ouvir a sua opinião, Adelaide. Os corações aqui devem bater pelo mesmo relógio. (*Ouve-se o cuco.*) Se o Possidônio tivesse trazido aí para a colônia outra mulher, e tivesse levado oito dias a cortejá-la, a fazer-lhe roda, esquecido de você...

**ADELAIDE**

Ah! isso, oito dias ele não fazia...

**HENRIQUE**

... e depois, quando essa mulher fosse embora, ele viesse de novo procurá-la, que lhe diria você?

**ADELAIDE**

Que ele merecia casar com um relho de ponta trançada!

**HENRIQUE**

(*Desconsolado*) Tem razão!... É o que eu merecia...

**ADELAIDE**

Eu falava do Possidônio. Os senhores da cidade podem fazer tudo...

**HENRIQUE**

Então, você não aceitaria mais o Possidônio, ainda que ele se arrependesse?

**ADELAIDE**

(*Torcendo a saia*) Isso... isso... só vendo...

**HENRIQUE**

Vamos, diga, não tenha vergonha. Está falando com que já está quase a perdê-la de todo...

**ADELAIDE**

Não sei... mas se fosse em noite de lua cheia, acho que tinha pena daquele desgraçado! Ah! doem tanto o luar e o violão!

**HENRIQUE**

Pois hoje é noite de lua cheia, e deve haver uma serenata. Vá perguntar a Rosinha se ela pensa como você, e traga-a, traga-a, antes que o luar comece a doer-me...

**ADELAIDE**

(*Satisfeita*) Eu bem dizia! Moça da cidade é

como doce de confeitaria: muito bonito, mas faz dor de cabeça!... O senhor tinha que voltar ao nosso furrundu...

**HENRIQUE**

Copiei tantas vezes as quatro sílabas de rapadura!...

**ADELAIDE**

Que o seu coração acabou virando em melado!... É assim mesmo. Vou falar com ela. *(Volta-se para sair e esbarra com Dona Cristina, que entra.)*

#### CENA IV

*(Os mesmos e Dona Cristina)*

**DONA CRISTINA**

*(Para Adelaide)* Onde está aquele papel que mostrei a Rosinha? Ela deixou cair aqui, e pede-o agora. Quer guardar como lembrança.

**ADELAIDE**

Está com seu Henriquinho.

**HENRIQUE**

Estou pronto a dar-lho, com a condição, porém, de que ela mesma venha buscá-lo. *(Para Adelaide)* Diga-lhe que sou um mau retratista, mas que só entrego o retrato ao dono.

**ADELAIDE**

Quando não fica na gaveta uma porção de anos!... *(Sai.)*

**HENRIQUE**

*(Para Dona Cristina)* Venha a senhora, agora, conversar um momento comigo. *(Leva-a a sentar-se.)*

**DONA CRISTINA**

Essa Adelaide!... *(Mostrando a gaveta)* Deixou isso tudo aí. Tinha-lhe dito que levasse para meu quarto. Queria escolher alguma coisa para lembrança de tua meninice, antes que se rasgassem os papéis, como tu mandaste.

**HENRIQUE**

*(Senta-se na borda da cadeira de Dona Cristina.)* Não, mamãe. Não se rasga mais nada. Tudo que aí está, tudo que aqui dentro está, de tudo eu preciso para reconstruir a paisagem deliciosa de sinceridade, de amor, de vida sã e de pureza, onde, felizmente, vim acordar da minha primeira desilusão da vida.

**DONA CRISTINA**

Compreendo tudo. Não é necessário que sofras, contando-me o que adivinho. Deixa ver a carta.

**HENRIQUE**

Que carta?

**DONA CRISTINA**

A carta que tens aí no bolso, e que já leste cem vezes. A carta que acabas de receber de Cecília.

**HENRIQUE**

*(Levando a mão ao bolso)* Então a senhora?...

**DONA CRISTINA**

Sim... tudo... compreendo tudo, porque acompanhei tudo, e com a clarividência das mães, que é como a luz fraca, mas constante, de uma lamparina ao pé de um nicho. Vi... ouvi bem, meu filho... vi como te estou vendo... a mão alva, elegante, perfumada, de Cecília rasgar friamente tua alma nesse pedaço de papel, como um pássaro branco que, a bicadas lentas, desfizesse o ninho de um sonho feliz.

**HENRIQUE**

*(Num hausto)* É verdade, minha mãe!...

**DONA CRISTINA**

*(Recebe a carta e tem-na fechada entre os dedos.)* Não preciso abri-la. Eu a li, por traz de Cecília, quando ela a escrevia lá, tão longe, na cidade... O que ela diz é bem simples. Ouve: "Pensei que te amava. Enganei-me. Perdoa-me e guarda-me tua amizade. Seríamos dois infelizes". Não é isso?

**HENRIQUE**

Isso mesmo, com algumas palavras mais e um pouco menos de coração... Mas como a senhora, que é de outra raça, de outra terra e de outra época, pode ler assim o coração humano de hoje?

**DONA CRISTINA**

As épocas mudam, meu filho, mas teu pai dizia que a cartilha pela qual se aprende a ler a vida é sempre a mesma...

**HENRIQUE**

A cartilha da lágrima, da dor, da desilusão!...

**DONA CRISTINA**

Pela qual se aprende, a chorar, o bê-á-bá...

**HENRIQUE**

Para mais tarde solucionar a análise lógica das misérias do coração!

**DONA CRISTINA**

*(Passando a mão sobre o ombro de Henrique)*

Tens, entretanto, a mim, a esta casa, com os seus móveis velhos...

**HENRIQUE**

*(Abraçando-a)* Oh! sim, minha mãe!

**DONA CRISTINA**

E tens a Rosinha, que ainda há pouco soluçava neste mesmo colo, por tua causa... É a flor de sombra, modesta, rasteira, que a tempestade

respeita! Com um pouco de terra nova, ela reviverá...

**HENRIQUE**

*(Desenlaçando-se)* Não sei... Ela disse, quando entrei e fiz cair o vaso de begônias – lembra-se? – : “Há uma coisa que não se conserta mais: É o vaso que se partiu”...

**DONA CRISTINA**

O vaso não se partiu. O vaso é tudo isso que nos rodeia, tudo isso que não se corrompe, e que volta ao seu lugar, quando amaina o vento da loucura.

**HENRIQUE**

*(Olhando a porta da esquerda.)* Entretanto, ela não vem...

**DONA CRISTINA**

Virá, meu filho! Dá-lhe tempo de enxugar as lágrimas para poder sorrir.

**HENRIQUE**

E a senhora consente?

**DONA CRISTINA**

Faço mais que consentir: Abençôo vocês dois com lágrimas felizes... Eu tremia ao pensar no teu casamento com Cecília... Era uma flor muito vistosa, que respirava, porém, no ar viciado de uma estufa.

**HENRIQUE**

E o que ela não diz na carta advinho. Foi o Oswaldo que a afastou de mim. O Oswaldo, meu amigo de infância, que recebi aqui como irmão, que comeu à nossa mesa, que dormiu em nossos leitos, que respirou o nosso ar, e que tudo empestou!... Cecília e Oswaldo abriram-me os olhos para a miséria da vida de falso dourado que apenas entrevi na cidade, nas poucas horas que me deixava o estudo!

**DONA CRISTINA**

Casas, então, com a Rosinha, se ela quiser?

**HENRIQUE**

Sim, minha mãe, e quero viver aqui, nesta sombra feliz, ao seu lado, para sempre!

**DONA CRISTINA**

Não é preciso tanto... Tens teus estudos, tua carreira, tuas ambições, teu sonho...

**HENRIQUE**

Minha ambição, meu sonho, são a ambição e o sonho de toda a gente, a ambição e o sonho da felicidade, e só aqui eu posso encontrá-la, ao lado de meu sangue, na nossa casa... *(Aponta o retrato do pai.)* ...à sombra daquela saudade...

## CENA V

*(Os mesmos e Adelaide)*

**DONA CRISTINA**

Aí está a Adelaide.

**HENRIQUE**

*(Ansioso, a Adelaide)* Que disse Rosinha? Não me perdoa?

**ADELAIDE**

É que...

**HENRIQUE**

Vamos, diga depressa!... Que disse ela?

**DONA CRISTINA**

*(A sorrir)* Afogas, assim, a Adelaide com tua impaciência!

**ADELAIDE**

É que o senhor sabe...

**HENRIQUE**

Sabe o quê?... Diga logo!

**ADELAIDE**

É que os daqui não costumam mudar de cara tão depressa como a gente da cidade...

**HENRIQUE**

Ela recusa-me, então? Sim ou não? Depressa!

**ADELAIDE**

Tenha paciência, seu Henriquinho!...

**HENRIQUE**

É uma tortura horrível! Vamos, diga, diga logo que ela também me recusa!... Não posso esperar!

**ADELAIDE**

*(Para Dona Cristina)* Está vendo como são os homens? Seu Henriquinho não pode esperar nem um minuto, e fez dona Rosinha esperar tantos anos!...

**HENRIQUE**

Oh! isso é de perder a paciência! Afinal, que disse ela?

**ADELAIDE**

*(A rir)* Disse que sim... que si... i... m...

**HENRIQUE**

*(A agitar os braços)* Oh! afinal!

**ADELAIDE**

Que ela ia ao jardim primeiro, e depois vinha. Não vá, porém, fazer esses trejeitos quando ela vier... Não é com barulho que se caçam passarinhos...

**DONA CRISTINA**

O amor aqui é mais silencioso, e, talvez por isso, mais sincero.

**ADELAIDE**

Ela é muito boazinha. O senhor leva uma santa! Se fosse comigo!... Deixa o Possidônio voltar que ele há de ver...

**CENA VI**

(*Os mesmos e Possidônio, que vem de farpela nova, chapéu melão e monóculo.*)

**POSSIDÔNIO**

(*Na porta da direita, com o chapéu na mão*)  
Sinhazinha dá licença?

**DONA CRISTINA**

Vá entrando, Possidônio. Para quem é de casa a porta está sempre aberta.

**ADELAIDE**

(*À parte*) Ah! Sem-vergonha! Que cara ele traz!  
Com um olho vazado!...

**HENRIQUE**

Então, que foi isso, Possidônio? Quis deixar a casa?

**POSSIDÔNIO**

Foi por causa de seu Oswaldo. Ele dizia tanta coisa que me subiu à cabeça!

**ADELAIDE**

Para subir à sua cabeça não precisava escada. (*À parte*) Excomungado!

**DONA CRISTINA**

Achou que na cidade estaria melhor? Sempre assim... Que lhe falta aqui?

**ADELAIDE**

Faltava um tronco, como no tempo da escravidão.

**POSSIDÔNIO**

Não faltava nada, não senhora. Seu Oswaldo dizia que o trabalho envergonhava a gente, que o homem devia ser vadio para não ser montado pelos outros...

**DONA CRISTINA**

(*Referindo-se ao monóculo*) Tire esse pedaço de vidro!... Não seja bobo!

**POSSIDÔNIO**

É "monocre"! (*Tira o monóculo.*)

**HENRIQUE**

E como se arranjou você na cidade?

**POSSIDÔNIO**

Fiz como seu Oswaldo. Com o dinheirinho que levava comecei a convidar toda a gente para beber, e espichava a perna, e falava grosso com aquele entusiasmo com que ele fala...

**ADELAIDE**

(*À parte*) Sem-vergonha! O dinheiro que era para o nosso casamento!

**DONA CRISTINA**

Enquanto teve dinheiro todo o mundo foi seu amigo.

**POSSIDÔNIO**

Sim, senhora. Depois que acabou o dinheiro – era tão pouco! – ninguém quis saber de mim!

**HENRIQUE**

E por que não foi procurar seu mestre? O Oswaldo?

**ADELAIDE**

Muito bem, seu Henriquinho!

**POSSIDÔNIO**

Fui, sim senhor. Pedi-lhe que me ajudasse a pagar o pouso, ao menos...

**DONA CRISTINA**

E ele que disse?

**POSSIDÔNIO**

Disse que não era pai de pançudo. Que eu tinha braços e que fosse trabalhar.

**ADELAIDE**

Ah! gostei!

**HENRIQUE**

E por que não repetiu o que lhe ele dizia?

**POSSIDÔNIO**

Repeti, sim senhor. Disse que se não houvesse vadios, não havia igrejas, não havia monumentos... Ele deu risada e respondeu que vadio podia ser quem tinha dois braços e uma cabeça. Que quem era burro, pedisse a Deus que o matasse e ao diabo que o carregasse...

**ADELAIDE**

Bem feito!

**DONA CRISTINA**

Aí está o que é vocês seguirem a cabeça do primeiro maluco que lhes fala!

**HENRIQUE**

Ficou sem dinheiro e sem amigos! É sempre assim.

**POSSIDÔNIO**

Daí como eu não podia pagar o pouso, fiquei na rua, e prenderam-me como vagabundo, e fizeram-me assinar um termo de bem-viver.

**DONA CRISTINA**

E você se lembrou da casa, e voltou para cá...

**POSSIDÔNIO**

Voltei, sim, senhora, e queria ver se a senhora deixava Adelaide assinar um termo de bem-viver comigo...

**ADELAIDE**

Não, senhora, eu não quero saber dele... O padre onde canta aí janta.

**POSSIDÔNIO**

Eu queria jantar... cantar... e dormir com você...

**DONA CRISTINA**

(*Para Adelaide*) Vá, façam as pazes.

**HENRIQUE**

(*Empurrando Adelaide*) Vá... vá...

**ADELAIDE**

Não senhor, isso é um “sem-vergonhismo”!

**HENRIQUE**

Vá, perdoe... (*Ouvem-se fora os violões.*)

**ADELAIDE**

(*Pondo a mão no peito, à parte*) Ai, meu Deus, como dói o violão quando se quer bem a um sem-vergonha!

**POSSIDÔNIO**

Se sinhazinha dá licença, vou eu... O homem é sempre mais sem-vergonha...

**DONA CRISTINA**

Pois vá, abracem-se...

**POSSIDÔNIO**

(*Abraça Adelaide.*) Adelaide!

**ADELAIDE**

É só por causa do violão, sabe? Se não fosse noite de lua cheia...

**DONA CRISTINA**

Serão dois casamentos.

**HENRIQUE**

Faltam, apenas, os padrinhos.

**ADELAIDE**

Os meus são Santo Antonio e Sinhazinha.

**HENRIQUE**

Então a senhora será duas vezes madrinha. Só me falta o padrinho...

**CENA VII**

(*Os mesmos e Oswald*)

**OSWALDO**

Padrinho? Cá estou eu! Muito boa noite para todos.

**HENRIQUE**

Não compreendo sua presença nesta casa!

**OSWALDO**

Vai compreender em dois tempos. Recebi uma carta da capital.

**HENRIQUE**

De Cecília?

**OSWALDO**

Positivamente, de Cecília, pedindo-me em casamento!

**POSSIDÔNIO**

Isso é que é um vadio de sorte!

**HENRIQUE**

Creio que era desnecessário ter vindo até cá para uma novidade que não constitui surpresa para nenhum de nós.

**OSWALDO**

Não constitui para vocês, mas constitui para

mim. Nunca pensei em casar-me com ela. Acho o casamento uma coisa absurda, um contrato imoral, em que o homem promete coisas que não cumpre. Ainda tenho um pouco de bom senso para não me casar.

**ADELAIDE**

(*À parte*) Querem ver que ele ainda vira a cabeça do Possidônio!...

**POSSIDÔNIO**

(*Tapando os ouvidos*) Não, agora você não me pega mais!...

**DONA CRISTINA**

Mas se o senhor não queria casar com ela, por que lhe fazia a corte?

**OSWALDO**

Porque era e sou um grande amigo de Henrique.

**HENRIQUE**

Muito obrigado...

**ADELAIDE**

(*À parte*) Ele é capaz de convencer seu Henriquinho que tomou a namorada porque é amigo dele... Convenceu o Possidônio que gato é raposa!

**OSWALDO**

Ouve, Henrique, minha loucura, como todas as loucuras, tem mais bom senso do que o senso comum. Compreendi, desde o primeiro momento, que Cecília te ia fazer infeliz. Não era a mulher que convinha a uma sinceridade como a tua. És muito puro para aspirar sem perigo o delicioso veneno que se evapora dessas lindas flores de estufa. Eis por que me pus a festejá-la, a seduzi-la, a afastá-la de ti. Quis apenas libertar-te dela e castigá-la por te seduzir sem te amar...

**HENRIQUE**

Se é assim... Porque, de fato, ela me faria muito infeliz.

**ADELAIDE**

(*À parte*) Eu não disse? O que vale é que o Possidônio está com os ouvidos tapados.

**OSWALDO**

Aqui tens a prova. (*Tira uma carta do bolso.*) Ouve a resposta. (*Lendo*) “Minha senhora. Agradeço-lhe muito sua preferência, mas peço-lhe que tenha paciência, e que espere que eu fique completamente louco para pensar em casar-me.” (*Entrega a carta a Henrique.*) Aí tens. Tu mesmo a mandarás ao correio. O que te parecia uma traição não é mais do que uma prova extrema de amizade. Já te disse, precisas de um novo dicionário.

**HENRIQUE**

*(Recebe a carta.)* Perdoa-me, então, e abraça-me. És excelente amigo. *(Abraçam-se.)*

**POSSIDÔNIO**

É o que ele diz: Para ser vadio é preciso ter dois braços e uma cabeça!

**ADELAIDE**

Olhe que você já assinou termo de bem-viver...

**OSWALDO**

Aceitas-me, então, para teu padrinho?

**HENRIQUE**

Com muito prazer. Não sabes, porém, quem é a noiva.

**OSWALDO**

O vadio sabe tudo. Encontrei-a no jardim a passar uma begônia do canteiro para um vaso. E ela pediu-me, quase a chorar, tremendo como uma beata que vê o diabo *(gesto de reprovação de Dona Cristina)*, que não viesse desmanchar o seu casamento contigo.

**ADELAIDE**

*(À parte)* Todo mundo tem medo dele!

**OSWALDO**

Já está tudo pronto. Deixei o Elias a fardar-se, lá embaixo. É preciso mudar tudo isto. *(Olhando o retrato, à parte)* Olha o macacão de novo, e o cuco...

**DONA CRISTINA**

Não... Não... Não se mexe em mais nada... *(A Henrique)* Henrique, vem cá um pouco!

**HENRIQUE**

*(Aproximando-se)* Minha mãe!

**DONA CRISTINA**

*(Falando-lhe ao ouvido)* Com esse maluco eu não sirvo de madrinha.

**HENRIQUE**

Não deve recusar-me essa graça. Creia, minha mãe, não pode haver casamento de melhor augúrio do que apadrinhado por um pouco de loucura e por muito bom senso.

**OSWALDO**

*(A gritar)* Aí vem a tímida corsa! Ouvi a sua voz no corredor. *(Aproxima-se da janela.)* Vou mandar dar sinal. *(Para fora)* "Chasseurs, trompettez! Lá fiancée!" *(Ouve-se a corneta no terreiro.)*

**POSSIDÔNIO**

Aí, a minha trombeta! Eu vou, também!

**ADELAIDE**

*(Puxa-o pela aba do paletó.)* Toma juízo, diabo!...

**DONA CRISTINA**

*(A abanar a cabeça, olhando Oswaldo)* Qual! Não endireita!

**HENRIQUE**

*(Agarrando Oswaldo)* Que é isso, Oswaldo, assustas Rosinha!

**OSWALDO**

Deixa, deixa, não há mulher que não goste de corneta!

**DONA CRISTINA**

É doido varrido! E o Manuel Inácio foi um homem tão de bem!

**CENA VIII**

*(Os mesmos e Rosinha)*

**ROSINHA**

*(Entra embaraçada, trazendo na mão um vaso de begônia que vai colocar sobre a cômoda, sem olhar para a cena.)* Vim trazer a sua begônia, mãezinha. Era só o que faltava de sua sala antiga.

**OSWALDO**

*(À parte, olhando o retrato do coronel)* O macacão já está lá...

**HENRIQUE**

*(Aproximando-se de Rosinha)* Não sofreu muito com a queda?

**ROSINHA**

Com o ar do campo as plantas depressa se refazem.

**HENRIQUE**

*(Tomando a mão de Rosinha)* Rosinha!

**OSWALDO**

*(À parte)* Puro 1830! Garapa da roça!

**HENRIQUE**

E o vaso?

**ROSINHA**

É o mesmo! Ainda tinha conserto!

**HENRIQUE**

Minha noiva!

**ROSINHA**

Só o que te peço é que não me surpreendas mais para que o vaso não se parta para sempre! *(Ouvem-se os violões no terreiro. O luar, entrando pela janela, aclara a cena.)*

**HENRIQUE**

*(Enlaça-a e beija-a na testa.)* Minha boa Rosinha!

**POSSIDÔNIO**

*(Abraça rapidamente Adelaide e exclama, dando-lhe um beijo.)* Minha "piquira"!

**OSWALDO***(Olhando os dois pares que se beijam)* E eu?**DONA CRISTINA***(Estendendo-lhe a mão)* Beije esta mão de cinquenta anos e tome juízo!...**OSWALDO***(Beija a mão de Dona Cristina, e corre à janela a gritar)* “Chasseurs! Trompettez!...” *(Ouvem-se as cornetas.)***FIM**


---

Obs.: A peça foi apresentada pela primeira vez no Teatro Boa Vista, de São Paulo, a 22 de dezembro de 1916, pela Companhia Leopoldo Fróes, e reapresentada, em seguida, pela mesma companhia, no Trianon do Rio de Janeiro, tendo alcançado perto de trezentas representações.

- 1 Trocadilho com *eau-de-vie*, aguardente, em francês.
- 2 *Gateau*, doce, em francês.
- 3 *Champignon*.
- 4 *Escargot*.
- 5 *Sauvage*, selvagem, em francês.
- 6 Os chefes políticos de algumas cidades do interior de São Paulo costumavam reunir, em véspera de eleição, os eleitores de seu partido que vinham das fazendas e dos sítios, em determinada casa que se chamava viveiro, e onde ficavam retidos, e lhes eram servidos comeres, bebidas e folganças, de modo que não tivessem contato com os agentes ou cabos do partido contrário até a hora da eleição. Daí saíam diretamente para votar, e eram custodiados pelos capatazes do partido.
- 7 Alusão ao regulamento da polícia que proibia às mundanas de aparecerem à janela, o que as obrigava a disfarçar-se por trás de rótulas.





TINSI  
 ÉDEALENCARMACHAL  
 EVEDOFRANÇAJUNIOR  
 OTOJEIROJORACYCAMARGO  
 JRADESILVEIRASAMPAIONELSONE  
 ILIODEALMEIDAJORGEANDRADE  
 ONIERFODUVALDOVIANNAFILH  
 CHICODE  
 SARMUNIZARIANOSUSSUNASÉ  
 S GOMESJOÁOBITTENCOURT  
 APALOTINICONSUELODF  
 OISABELCAMARAJO  
 EBIANTONIOBIVARM  
 ITAÍDEMARIOPRATA  
 S JOSÉDEANCHIF  
 SMARTINSPE  
 SÉDEA  
 AZEVED  
 TÁOTC  
 AP

## 500 Anos de Dramaturgia Brasileira

